



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**
ESCOLA SUPERIOR
DE ARTES E DESIGN

Aprendemos Juntos

Arte e mediação com crianças na Casa da Cerca

Mariana Vieitas Sebastião Pereira

Orientação: Professora Doutora Ana João Romana

Co-orientação: Professora Doutora Susana Anágua

Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Caldas da Rainha

2021

AGRADECIMENTOS

Às professoras Ana João Romana e Susana Anágua, pela orientação dada, pelo apoio incondicional e pela sua disponibilidade. Os seus incentivos foram bastante importantes para concretizar e finalizar a minha dissertação.

À diretora da Casa da Cerca, Dra. Gabriela Cavaco, por me aceitar neste estágio e abrir as portas da Casa da Cerca numa altura tão atípica.

Ao meu orientador de estágio, Mário Rainha Campos, pelo apoio incondicional e pelas palavras que me disse nas alturas certas. Agradeço por me ensinar da melhor maneira aquilo que sabe fazer e por poder testemunhar a sua paixão pelo trabalho, que o faz tão feliz e realizado. Foi uma honra poder acompanhar o seu trabalho.

À Sílvia Moreira que integra a equipa do Serviço Educativo da Casa da Cerca juntamente com o Mário Rainha Campos, agradeço todo o carinho dado, a boa disposição, o trabalho em equipa, as palavras simpáticas que sempre me devolvia e agradeço também a oportunidade que me deu de a entrevistar.

A toda a equipa da Casa da Cerca, que me acompanhou também ao longo dos três meses, em especial atenção à Sónia Francisco que me ensinou muito no campo das Artes Plásticas e da Botânica, à Anabela Almeida que partilhou muitos momentos de equipa em diversas sessões e à Ana Margarida Martins que disponibilizou toda a informação existente da Casa da Cerca.

Às restantes três entrevistadas, Joana Henriques, Susana Gomes da Silva e Raquel Santos, agradeço o tempo e a oportunidade que me deram de as entrevistar.

Aos meus pais, pelos valores transmitidos, por sempre me deixarem fazer aquilo que me faz feliz, pelo incentivo, estímulo, afeto e carinho imprescindíveis.

Agradeço a todos os que de certa forma contribuíram para o desenvolvimento desta investigação.

RESUMO

O contacto que as crianças têm com as diversas áreas das artes, exerce uma influência sobre diversos aspetos do seu desenvolvimento. O trabalho realizado por mediadores é fundamental nesse contacto, na medida em que são eles os rostos das instituições culturais. São eles que estabelecem relações diretas, privilegiadas e duradoras não só com as crianças, mas com o público no geral.

O presente texto enquadra o trabalho de mediação no serviço educativo da Casa da Cerca. Este manifesta e convida a diversas experiências com o objetivo de fortalecer consciências para um melhor autoconhecimento, bem como, para um crescimento intelectual. Além de transmitir conhecimentos, o serviço educativo da Casa da Cerca tem também o foco de conquistar a felicidade de quem o visita, de forma a recordar aquele local como uma boa experiência, seja através da atividade que realizou, do som, do cheiro, da harmonia ou das pessoas.

Através de um estágio curricular na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, foi possível projetar experiências com crianças e ganhar competências no âmbito da gestão e da mediação cultural através da organização e planeamento em equipa de atividades para realizar, tendo como principal objetivo desenvolver estratégias para cativar públicos participativos visando a reflexão sobre a verdadeira missão de um serviço educativo – “Aprendemos Juntos”.

Palavras-chave: Crianças; Serviço Educativo; Relações; Casa da Cerca - Aprendemos Juntos.

ABSTRACT

The contact that children have with the different areas of the arts has an influence on different aspects of their development. The work carried out by mediators is fundamental in this contact, as they are the faces of cultural institutions. They are the ones who establish direct, privileged and lasting relationships not only with children, but with the general public.

This text frames the work of mediation in the educational service of Casa da Cerca, which manifests and invites to different experiences with the goal of strengthening consciences for a better self-knowledge, as well as for an intellectual growth. In addition to transmitting knowledge, the educational service at Casa da Cerca is also focused on winning the happiness of those who visit it, in order to remember that place as a good experience, whether through the performed activity, the sound, the smell, the harmony or people.

Through a curricular internship at Casa da Cerca – Center for Contemporary Art, it was possible for me to design experiences with children and gain skills in management and cultural mediation through the organization and team planning of activities to carry out, with the main objective of developing strategies to captivate participatory audiences, aiming at reflection on the true mission of an educational service – “We Learn Together”.

Keywords: Children; Educational Service; Relationships; Casa da Cerca - We learn together.

ÍNDICE DE MATÉRIAS

INTRODUÇÃO	8
1. ENQUADRAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO	12
1.2 ARTE PARTICIPATIVA	19
2. SERVIÇO EDUCATIVO ATIVIDADES EDUCATIVAS PARTICIPAÇÃO	21
2.1. TERMINOLOGIA	21
2.2. PÚBLICOS	25
3. RELAÇÃO DOS SECTORES EDUCATIVOS COM AS ESCOLAS	28
4. A CASA DA CERCA	32
4.1 A INSTITUIÇÃO	32
4.2. O JARDIM BOTÂNICO – O CHÃO DAS ARTES	37
4.3. O SERVIÇO EDUCATIVO	43
4.4. A EQUIPA	44
4.5. COOPERAÇÃO E PARCERIAS	44
4.6. PROGRAMAÇÃO	45
4.7. PÚBLICOS	47
4.7.1 GRÁFICOS DE PÚBLICO E ATIVIDADES NA CASA DA CERCA	48
4.7.2 AS REDES SOCIAIS DA CASA DA CERCA	52
4.8. APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DO SERVIÇO EDUCATIVO	55
5. APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA	71
– PESQUISA, ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA ATIVIDADE	71
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – CONCLUSÃO DO PROJETO E DA EXPERIÊNCIA	78
7. BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA	82
8. APÊNDICES	84
APÊNDICE A – Entrevistas	84
APÊNDICE B – Diário de Campo	119
APÊNDICE C – Avaliação do estudante	158
APÊNDICE D – Gráficos	159

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: PLANTA PISO TÉRREO	33
FIGURA 2: PLANTA DA PROPRIEDADE	34
FIGURA 3: PLANTA 2º PISO	35
FIGURA 4: PLANTA DO JARDIM BOTÂNICO - CHÃO DAS ARTES	37
FIGURA 5: ESTUFA.....	38
FIGURA 6: JARDIM DOS PIGMENTOS.....	38
FIGURA 7: POMAR DAS GOMAS.....	39
FIGURA 8: JARDIM DOS PINTORES	39
FIGURA 9: CHARCA.....	40
FIGURA 10: JARDIM DOS ÓLEOS	41
FIGURA 11: JARDIM DAS FIBRAS	41
FIGURA 12: MATA.....	42
FIGURA 13: DRAGOEIRO (PLANTA DO ANO 2021).....	42
FIGURA 14: PÁGINA PRINCIPAL DO INSTAGRAM DA CASA DA CERCA.....	54
FIGURA 15: OFICINA DE PAPEL	56
FIGURA 16 OFICINA DE TINTAS	56
FIGURA 17: OFICINA ECOPRINT	56
FIGURA 18: OFICINA TATAKIZOME.....	57
FIGURA 19: OFICINA SOLARPRINT.....	57
FIGURA 22: PREPARAÇÃO DO LIVRO	59
FIGURA 23: OFICINA PARA FAMÍLIAS - SESSÃO MEDIADA POR MÁRIO RAINHA CAMPOS	60
FIGURA 24: MAPA D'O CHÃO DAS ARTES	61
FIGURA 25: FOLHA DE CANFOREIRA.....	62
FIGURA 25: OFICINA DE DESENHOS SOLARES ORIENTADA POR MARIANA PEREIRA	63
FIGURA 28: PÁGINAS DA PROGRAMAÇÃO DA FESTA.....	64
FIGURA 29: ATO PERFORMATIVO DA LUMINOGRAMA	65
FIGURA 31: PRIMEIRO ESTUDO DA MINHA PROPOSTA	76
FIGURA 32: ESBOÇO FINAL NA PAREDE DO S.E.....	77

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: VISITANTES CASA DA CERCA	50
GRÁFICO 2: VISITANTES DE GÉNERO NA CASA DA CERCA	51
GRÁFICO 3: ATIVIDADES E VISITAS NA CASA DA CERCA.....	51
GRÁFICO 4: ESCOLAS E GRUPOS NA CASA DA CERCA	52
GRÁFICO 5: FACEBOOK DA CASA DA CERCA.....	53
GRÁFICO 6: INSTAGRAM DA CASA DA CERCA.....	54

ABREVIATURAS

ATB – Associação Tempos Brilhantes.

DGS – Direção-Geral da Saúde

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

S.E – Serviço Educativo

PAE – Plano de Ação Educativa

PNA – Plano Nacional das Artes

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado de Gestão Cultural da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, a presente dissertação apresenta uma investigação sobre arte e a mediação com crianças entre os dos 6 e os 12 e jovens até aos 18 anos, na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea; criada em 1993 e inserida na área cultural da Câmara Municipal de Almada.

Em contexto de estágio curricular foi possível observar e desenvolver experiências artísticas com jovens, demonstrando as competências adquiridas no âmbito da gestão e mediação cultural, bem como, toda a experiência com crianças nas atividades lúdico-expressivas desenvolvida ao longo de quatro anos na ATB. Para além disso, pretendo adquirir novos conhecimentos e estratégias para cativar comunidades escolares e perceber que dinâmicas de grupo utilizam, tendo sempre presente a verdadeira missão da instituição.

Atividades artísticas como o desenho, a pintura, a dança, o teatro, entre outros, promovem, junto das crianças e jovens, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, bem como, incentivam à sua criatividade e auxiliam na coordenação motora. Neste sentido, existe um mundo a ser explorado com os jovens e a escolha para iniciar esta etapa foi a Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, explorando e conhecendo novas atividades, recorrendo à prática artística, à natureza e à imaginação.

Acredito que a Casa da Cerca é um lugar bastante enriquecedor e inspirador, foi um privilégio mergulhar no trabalho realizado por esta instituição, em particular o trabalho realizado pelo Serviço Educativo. A Casa da Cerca tem uma equipa relativamente pequena, oferecendo-me a oportunidade de trabalhar e colocar em prática toda a minha experiência, com o intuito de absorver o mais possível os detalhes ao nível do seu planeamento e estratégia.

Conheci a Casa da Cerca ainda na minha infância, através de visitas de estudo com a escola e mais tarde como visitante individual.

Habituada à centralidade cultural de Lisboa e desconhecendo o potencial de uma zona periférica, foi surpreendente reconhecer que nestas zonas também se encontram espaços de desenvolvimento criativo, à semelhança das grandes instituições que se encontram nas áreas metropolitanas.

O estágio teve início no dia 3 de maio de 2021, na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea de Almada. E foi concluído no dia 5 de Agosto de, do mesmo ano.

Um estágio que parte muito da observação e do trabalho na instituição, com o seu público, da sua programação e da análise das suas atividades. Uma experiência que se traduz no meu interesse pelo trabalho diário da instituição e sempre acompanhada pelo Responsável do Serviço Educativo, Mário Rainha Campos.

As páginas seguintes pretendem dar a conhecer de forma mais clara todas as minhas experiências, bem como a minha investigação, uma investigação com um carácter bastante prático, que revelam toda a minha vivência e observação no terreno.

Para além da minha investigação e estágio, tornou-se apropriado solidificar toda a minha envolvimento na Casa da Cerca com um projeto participativo, algo que Mário Rainha Campos e a Sílvia Moreira ¹ têm na sua essência enquanto mediadores culturais e acreditam nesse método de trabalho - mediar com o público., em substituição do mediar para o público.

Toda a minha investigação se tornou numa escrita vivida e a minha aprendizagem no terreno manifesta-se na minha dissertação.

Antes de ocupar a Casa da Cerca, fez sentido adquirir conhecimentos e ter diferentes perceções de trabalho sobre os tipos de atividades e programação com o público que se realizam noutras instituições, como o MAAT, a Culturgest e a Fundação Calouste Gulbenkian. Grandes instituições da área metropolitana de Lisboa que à semelhança da Casa da Cerca são instituições ligadas à arte contemporânea.

A investigação das instituições selecionadas sustenta-se através de entrevistas que concretizei, onde é apresentada a atualidade de quem trabalha nestes serviços educativos.

Contextualizando melhor a minha investigação, início com quatro entrevistas, quatro profissionais bastante conceituadas no universo dos Serviços Educativos: Sílvia Moreira, Educadora Artística e Mediadora Cultural, atualmente a exercer funções no Serviço Educativo da Casa da Cerca; Joana Henriques, Coordenadora do Serviço Educativo do MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia; Raquel Ribeiro Santos, Programadora e Coordenadora do Projeto de Participação da Culturgest; Susana

¹ Responsáveis pelo Serviço Educativo da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea

Gomes da Silva, Coordenadora do Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian.

O contacto e as longas conversas que realizei com cada uma destas personalidades do mundo do Serviço Educativo e da Programação, deram-me a oportunidade de ter uma noção e diferentes perceções das diversas problemáticas, dos desafios e das conquistas que cada instituição tem. Torna-se relevante mencionar que o principal público de qualquer serviço educativo são as escolas, por esse motivo toda a programação destas instituições altera no mês de setembro, coincidindo com o arranque do ano letivo. Não se trata apenas de uma casualidade, faz sentido que os professores tomem conhecimento da programação para planejar previamente as idas a estas instituições durante o ano letivo. São programações pensadas e planeadas para as escolas tendo o principal foco nas suas visitas.

Através destas entrevistas pretendo apresentar a atualidade dos serviços educativos selecionados com diferentes olhares, que revelam o melhor da sua instituição e do seu trabalho.

Foi sem dúvida um perfeito ponto de partida para me aventurar e mergulhar no meu foco de estudo, a Casa da Cerca. No decorrer do meu estágio, foram várias as pesquisas sobre o local, o funcionamento, a programação (exposições, oficinas, eventos), a organização interna, assim como os valores e métodos de trabalho do Serviço Educativo da Casa da Cerca. Para proceder a toda esta pesquisa foi necessário também ter uma integração plena com a equipa da instituição, auxiliando-me na minha observação e reflexão diária.

O trabalho no terreno foi bastante importante, mas seria necessário compreender melhor tudo o que me ensinaram. Por esse motivo, selecionei autores da teoria e da prática que partilham ideias que se refletiram no meu trabalho de estágio. Todos eles levam na bagagem as teorias da aprendizagem construtivista, teorias que tocam no campo da educação nos museus e na sua consolidação.

Uma investigação que assenta profundamente no meu trabalho prático apoiado com uma base teórica, esta fomenta toda a minha aprendizagem e bases para seguir em frente numa vida profissional dentro desta área.

Segundo as palavras da mediadora Sílvia Moreira - podemos obviamente ir para o terreno e ter as primeiras experiências, mas é o tempo que te dá essa preparação e estamos mesmo, sempre aprender, sempre a investigar e sempre a estudar.

1. ENQUADRAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO

“O Serviço Educativo não é um serviço, mas tem uma missão. (...)O Serviço Educativo às vezes é numa sala, às vezes é no jardim, às vezes é no palco. (...) O Serviço Educativo é de todos e para todos. O Serviço Educativo cultiva o inimaginável, porque o inimaginável é o futuro e é o futuro que queremos construir. Com artistas, professores, meninos, pais e avós. (...) O Serviço Educativo acredita no trabalho dos artistas. (...) O trabalho dos artistas é trocar o medo por um arrepio que nos desamarra da banalidade e nos impulsiona para o desconhecido.” (Paiva, 2006)

Palavras que descrevem o que é um Serviço Educativo, com a sua essência e a sua verdadeira missão. Se é necessário mudar o mundo, primeiro temos que compreendê-lo. O serviço educativo de um equipamento cultural é um lugar que proporciona diversos olhares e aprendizagens sobre o mundo.

Susana Gomes da Silva² fala-nos de uma “experiência museal”, entendida como um conjunto de emoções, sensações, aprendizagens e vivências que resultam da interação com os objetos, ideias, conceitos e discurso no espaço do museu. É no espaço do museu que se constrói e define a experiência que ficará na memória do indivíduo. É a partir destas experiências que se constroem aprendizagens duradouras, significativas e efetivas, aprendizagens que resultam da sua experiência global. É também neste espaço onde acontece o confronto de ideias, que o trabalho dos serviços educativos se realiza em plenitude.

Toda a vivência de qualquer indivíduo (social, económica e cultural) influencia de certa forma a sua experiência dentro do museu. Segundo Susana Gomes da Silva, a experiência vivida no museu e a percepção que o próprio visitante tem dela, são resultado da interferência e conjugação de variadíssimos fatores: o espaço arquitetónico, o acolhimento por parte dos profissionais, a disponibilização de diferentes programas ou atividades capazes de enquadrar diferentes objetivos de visita, o design expositivo, a informação e a sinalização disponíveis, o número de espaços de descanso

² Susana Gomes da Silva - Coordenadora do Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna-Fundação Calouste Gulbenkian

e de lazer ou ainda, a existência de lojas, livrarias ou cafeterias dentro do museu e o tempo de permanência que estas potenciam.

Para conceber a aprendizagem como uma construção ativa, é necessário perceber a forma como os indivíduos aprendem, este é um elemento fundamental para a criação de programas educativos capazes de responder às diversidades da sociedade.

Um museu não é uma escola, mas sim um lugar onde podemos estar na presença física de objetos de arte. Para Susana Gomes da Silva a experiência multissensorial (visual, tátil, auditiva) e vivencial proporcionada por estes e pelo próprio ambiente em que se inserem, a possibilidade de estabelecer uma relação material com a sua tridimensionalidade, a possibilidade de trabalhar a partir destes mesmos objetos as experiências e motivações que os visitantes trazem consigo e a ausência de um sistema de aprendizagem e avaliação formal, são fatores que fazem da aprendizagem ocorrida em museu uma realidade única, complexa e enriquecedora.

Por vezes, um mediador desempenha a função de bengala, auxilia na reflexão entre o observador e a obra ou o tema. De certa forma, funciona como uma articulação entre o passado, presente e futuro. Os indivíduos chegam ao museu com uma série de interesses e motivações prévias, baseadas na sua experiência de vida, nos seus conhecimentos, na sua posição social, económica e cultural que irão, necessariamente, condicionar a sua experiência dentro do museu.

As formas como a sociedade aprende são elementos fundamentais para a criação de programas educativos capazes de responder aos acontecimentos contemporâneos. Neste sentido, revela-se importante as instituições estarem atentas às mudanças e à evolução do mundo.

O objetivo principal de uma instituição não se foca apenas em expandir o acesso à cultura e a novos públicos, para Carmen Morsch:

“os próprios públicos estão a ser vistos como possuidores de conhecimentos essenciais para o desenvolvimento tanto das instituições como da produção artística. Vista sob esta luz, a mediação cultural torna-se um fórum de intercâmbio e interação. Os papéis de professor e aprendiz deslizam dos seus ancoradouros.”

Querer abranger um público geral na prática torna-se um objetivo bastante difícil de alcançar, isto porque o tipo de programação também não pode ser geral, implica atrair e satisfazer diversos tipos de interesses, perspetivas e necessidades.

Segundo o *Plano de Ação Educativa*³: *alguns contributos para a sua elaboração*, efetivamente, para assegurar a qualidade na sua especificidade da oferta, recomenda-se que as metas, em termos de seleção de públicos, sejam programadas em fases sequenciais, bem planificadas. Esta seleção de grupos pode ter em consideração os seguintes aspetos citados por Susana Gomes da Silva, no livro *Serviços Educativos na Cultura*:

- A missão da instituição e do SE;
- Recursos disponíveis (físicos, materiais e humanos);
- Políticas de acessibilidade;
- A vocação da coleção (origem, áreas disciplinares, temáticas, períodos cronológicos, etc.);

- A fidelização do público sobre o qual a instituição dispõe de informação detalhada;
- A vontade de alargar o plano de ação a outros grupos sociais sabendo que o facto implica trabalho de investigação, formação e conceção de projetos sustentáveis;

- A motivação, disponibilidade e competências da equipa;
- O orçamento;
- A sustentabilidade dos projetos.

Inicialmente, se o Serviço Educativo definir para a sua programação o seu público-alvo, ressaltará a dispersão de tempo e de recursos, conseguindo assim identificar e desenvolver trabalho para um determinado público.

Para categorizar os tipos de públicos são avaliados diversos critérios. Em geral, estes critérios estão relacionados por um lado, com a vocação e a missão da instituição e, por outro, com os interesses e as necessidades evidenciadas pelos visitantes e

³ O PAE é uma ferramenta de trabalho de uso diário, redigida por Sara Barriga, que serve de rosto ao serviço educativo. Trata-se de um documento que identifica competências do S.E de uma instituição cultural. Publicado em: Barriga, Sara e Silva, Susana Gomes (coord.). 2007. *Serviços Educativos na Cultura*, Porto: Sete Pés. Páginas 43 a 56

membros da comunidade local. Destacam-se os seguintes critérios de categorização, citados por Sara Barriga no PAE:

- Faixa etária
- Ciclo escolar
- Área profissional
- Necessidades especiais (cognitiva, motora, sensorial)
- Características específicas (étnicas, culturais, sociais, religiosas)

- Afinidades sociais

Para Sara Barriga o tipo de público deve ser muito importante para um Serviço Educativo, pois esta é uma área sujeita às leis da concorrência no âmbito da oferta do entretenimento e do lazer.

Relativamente a esta afirmação, denota-se que um Serviço Educativo deve ser suficientemente abrangente para responder às diversas expectativas dos públicos, sem nunca perder o sustento da sua verdadeira missão e também deve acompanhar a atualidade e os seus desafios.

Comparativamente à prática educativa dos museus, esta faz-se acompanhar de desafios relacionados com a sociedade contemporânea. A importância de uma educação museal faz salientar e refletir a importância de informar que o museu não é uma escola.

Segundo Susana Gomes da Silva, o museu está fora do sistema formal de aprendizagem. A ausência de um sistema de aprendizagem e avaliação formal são fatores que fazem da aprendizagem ocorrida neste espaço uma realidade única, complexa e enriquecedora.

Neste aspeto, o campo da educação nos museus tem vindo a consolidar as teorias da aprendizagem construtivistas.⁴

Um aspeto que faz incidir sobre o visitante a responsabilidade de criar a sua própria aprendizagem, remetendo para o mediador e para a instituição um papel de enriquecer

⁴ Os sujeitos como sendo ativos na construção da interpretação e do conhecimento, baseados nas suas experiências. Os conhecimentos prévios são adquiridos através do percurso de vida, da bagagem pessoal e da motivação pessoal.

lugares e espaços. Desenvolvendo a construção necessária para a própria aprendizagem, remetendo, assim, como “facilitadores e potenciadores do processo.”⁵

No processo de construir significados temos o papel da interpretação. Os museus e em particular as exposições, têm a capacidade de aumentar e alargar planos conceptuais e mentais dos visitantes. Este aumento, resulta de um processo de interpretação aberto e ativo, um ponto de vista que deve incidir de forma consciente no campo da educação nos museus. Existindo vários aspetos importantes a ter em conta:

- Aprender em contexto e através de desafios, é um conhecimento que resulta da relação entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido;
- A novidade e descoberta estão presentes na experiência oferecida por qualquer atividade. “Observações realizadas em museus por autores” como Falk, Balling e Hein, os autores revelam que crianças deixadas livremente num espaço aparentam uma total dispersão (ignorar textos de sala e instruções, correr pelas salas, entre outras) e uma interação social, de modo a explorar a visita consoante os seus interesses e motivações pessoais, proporcionando mais tempo e atenção ao espaço envolvente do que para os conteúdos.

A novidade é apresentada como duplo efeito. O primeiro torna-se como motivador do processo de aprendizagem, algo que suscita curiosidade. O outro, poderá provocar insegurança, uma presença que constrange a aprendizagem e a concentração para a resolução de tarefas.

Para cativar e criar alguns laços com os visitantes, segundo os estudos dos autores acima referidos, os alunos são levados a desenvolverem um grau de concentração superior, por consequência, a sua capacidade de desempenho nas atividades melhora com uma certa sensação de conforto dentro do museu.

A utilização de elementos lúdicos é uma das estratégias usadas e que suscita curiosidade, potenciando o sentido de descoberta das aprendizagens efetivas. A aprendizagem lúdica estabelece efeitos duradouros na memória dos participantes, estimula a criatividade e a capacidade de enfrentar desafios. Associada ao prazer, a abordagem lúdica permite a construção de ligações de familiaridade e estimula a inteligência emocional.

⁵ Citação de Susana Gomes da Silva retirada do livro *Serviços Educativos na Cultura*, pg. 59.

“Aprender não é aceitar passivamente um conhecimento exterior, mas o processo ativo de construir significados que conferem um sentido ao mundo e, portanto, ao que se aprende”. (Silva, 2017)⁶

Nesse sentido, teremos que ter conhecimentos prévios, pois nenhum indivíduo parte de um zero absoluto, utiliza sempre significados que foi criando ao longo da sua existência para aplicar em novas aprendizagens. Isto significa que existe uma dimensão racional com uma importante dimensão afetiva e emocional, cujo objetivo é alargar os significados e estratégias no campo das relações socioculturais estabelecidas com o mundo que nos rodeia desde muito cedo.

Os conhecimentos prévios e utilizando a expressão do autor Fernando Hernández: “são o ponto de partida para qualquer aprendizagem”.

Estabelecer uma ligação com os participantes nas atividades significa começar a criar relações com o seu sistema de referências, construindo um ponto de partida partilhado e significados na construção de novos conhecimentos. Isto não significa que estamos apenas a dar o que lhes interessa, mas sim a consolidar relações.

A atividade social está relacionada com as conexões estabelecidas com outros seres humanos através desta relação derivam diversas aprendizagens. Os grupos a que pertencem interferem na sua construção de significados, estes funcionam como autoridade, determinando a sua construção relativa à identidade. Todos nós regulamos por conjuntos de conhecimentos e estratégias de aprendizagem, isto resulta da nossa interação enquanto indivíduos coletivos e individuais, posto isto, a construção conjunta passará pela partilha de experiências e significados.

A aprendizagem deverá passar por conhecimentos prévios, mas também ter em atenção a ideia que as estratégias usadas para aprender causam uma diversidade de versões sobre os acontecimentos. Uma diversidade que permite o confronto com diferentes interpretações e desenvolve uma estratégia de análise crítica.

O conceito “*hands-on, minds-on e hearts-on*” referido pela autora Susana Gomes da Silva (2017), está diretamente relacionado com o método de trabalho que pratiquei durante os meus meses de estágio na Casa da Cerca.

⁶ Citação de Susana Gomes da Silva retirada da entrevista, realizada no dia 22/02/2021

O conceito **hands-on**, revela a noção que se aprende ao fazer. Neste conceito, está envolvido a criação de exposições e atividades que provocam a interação com os objetos.

A interação é importante para o processo da aprendizagem, mas insuficiente quando usada por si só. Silva (2017), apresenta estudos recentes que demonstram que tarefas como apertar botões, girar manivelas ou puxar alavancas, não promovem por si só o desenvolvimento de esquemas explicativos do tipo causa-efeito, nem têm que necessariamente que conduzir a isso. Para promover uma verdadeira aprendizagem, as atividades necessitam de envolver a mente – **minds-on** ou até as mãos - **hands-on**. Isto permite a produção de uma reflexão sobre a prática realizada, “sobre o que se aprende e como se aprende”.

Atividades educativas que impliquem uma participação direta com os participantes envolvem tarefas potenciando a inteligência emocional e afetiva – **hearts-on**. Chegamos assim à trilogia de aprendizagem completa: “aprender-fazendo (*hands-on*), fazer-pensado (*minds-on*), pensar-envolvendo-se (*hearts-on*).

Utilizar todos os sentidos permite responder a diferentes formas de aprendizagem enriquecendo o processo de construção do conhecimento. A utilização dos vários sentidos permite ainda combater o monopólio da visão que impera no espaço museológico e contrariar o processo de constrangimento e controlo do corpo que o processo de civilidade nos impõe socialmente à medida que crescemos. (Silva, 2017)⁷

Os museus tornaram-se espaços em que se potenciam troca de ideias e promovem aprendizagens. Uma aprendizagem que faz construir significados para o mundo que nos rodeia.

Trabalhar no espaço educativo de um museu promove e potencia construções de conhecimentos, onde cada sujeito se constrói como agente da sua própria aprendizagem, um caminho importante para a promoção de diversos tipos de públicos (participantes, criativos, exigentes e informados).

Efetivamente, é através de experiências pessoais, sociais e físicas que a trilogia nos permite aprender e guardar memórias. Fazer o uso dos vários sentidos, fazer questões e comparar fontes potencia diferentes métodos de estilos e perfis de

⁷ Citação de Susana Gomes da Silva retirada da entrevista, realizada no dia 22/02/2021.

aprendizagem, promovendo assim a entreajuda, a inclusão, a criatividade, a tolerância e a cidadania ativa.

1.2 ARTE PARTICIPATIVA

É com foco modus operandi do S.E da Casa da Cerca (a minha instituição de estágio) que me inclino num tema, num método e numa reflexão diária entre duas pessoas que me mostraram a importância de trabalhar com pessoas e com o público, Mário Rainha Campos e Sílvia Moreira. Dois profissionais que juntam as mãos para trabalhar com comunidades. A este processo dá-se o nome de Arte Participativa.

Apresento o tema referindo como a história desta prática surgiu em contexto português, no qual a participação se tornou numa prática social na arte ao longo dos últimos 20 anos.

Subsiste uma atenção especial relacionada com a arte e a envolvência da comunidade, bem como uma preocupação de fazer arte com o público e não para o público.

Segundo François Matarasso (2019), todos têm o direito de participar na vida cultural e desfrutar da arte, direito presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Existe uma ideia convencional da arte como objeto, ou uma classe de coisas, ao contrário disso, François Matarasso (2019) defende-a como um verdadeiro ato no mundo. A natureza desse ato é criar, dando um sentido à experiência do criador, algo que traga à sua essência uma existência de arte. “Neste sentido, a arte é um poder e não um bem”. (Matarasso, 2019)

Apenas o ato de criar arte pode definir uma pessoa como artista, existindo uma diferença entre as pessoas que o fazem profissionalmente e as que não o fazem. O autor explica ainda que não vê a arte contemporânea ou amadora como arte participativa, mesmo quando envolve a participação como estratégia. Existindo três grandes razões pelas quais as pessoas fazem arte participativa: democratizar a cultura; criar mudanças sociais; e, desenvolver a democracia cultural.

Todas estas razões estão enraizadas com políticas, teorias e ideias distintas sobre a arte. Estes três pontos não são necessariamente incompatíveis, mas existe um território muito grande dentro do qual organizações, pessoas e projetos se posicionam e também se movem.

A arte na arte participativa, na sua forma e significado, é alterada pela cooperação de artistas profissionais e não-profissionais. Esta, não pode ser avaliada pelos padrões existentes já enraizados no conceito da arte. A qualidade artística que falamos torna-se numa abordagem que se pode considerar como um produto e/ou processo, sendo que este leva-nos à criação da arte.

As artes plásticas surgem durante a segunda metade do século XVIII, associadas ao poder dos direitos humanos e à sua inevitável relegação de toda a outra criação artística para um estatuto secundário. (Matarasso, 2019)

Através das circunstâncias expostas, surgem duas situações contrastantes:

- Disponibilização de equipamentos culturais para novas populações urbanas, uma política que nos guia para uma democratização da cultura;
- Criação de associações que levam a que os trabalhadores laborem para a sua independência através da arte e do desenvolvimento cultural.

Circunstâncias que nos conduzem para um desenvolvimento da cultura de entretenimento e de uma política cultural, que contribuíram para a emergência de novos ideais culturais e políticos nos 60.

Movimentos artísticos comunitários começam a surgir nos finais dos anos 80, aliados ao mundo da arte e a novos recursos, levando a uma crescente investigação neste campo e ajudando a garantir um lugar dentro das políticas públicas, com o nome arte participativa.

Atualmente, a arte participativa no norte da Europa tem tido uma institucionalização crescente do trabalho. Relativamente ao sul da Europa, Europa Ocidental e Países Mediterrâneos, foi uma prática que começou a crescer apenas no início dos anos 2000, mas infelizmente a crise financeira de 2008 veio abalar esta prática.

Apesar do sucedido, uma nova geração de jovens faz um trabalho árduo diário, muitas vezes em situações absolutamente precárias.

Toda abordagem referida está muito relacionada com um contexto internacional e cada vez mais instituições internacionais alteram o nome de *education department* para *engagement department*, como é o exemplo da Culturgest, uma alteração de filosofia e missão de uma instituição.

No caso de Portugal, infelizmente é uma prática muito recente e que os espaços educativos dos museus tentam alcançar. Julgo que a situação pandémica veio fortalecer pensamentos relacionados com esta prática e muitos sejam os equipamentos culturais a enraizar e a executar uma arte cada vez mais participativa.

É através de mudanças profundas socioeconómicas e culturais que os movimentos artísticos comunitários, fundamentados em práticas enraizadas no discurso dos direitos

humanos e com um propósito manifestamente emancipatório, estes desempenham uma função crítica no papel da participação com o propósito de dar voz no mundo da arte.

De um modo geral a arte participativa necessita de recursos, confiança e desenvolvimento profissional, não necessita de condescendência. François Matarasso (2019), acredita que é um recurso poderoso, emancipatório e democrático com o qual podemos responder às mudanças e imaginar um futuro melhor.

2. SERVIÇO EDUCATIVO | ATIVIDADES EDUCATIVAS | PARTICIPAÇÃO

2.1. TERMINOLOGIA

Ao longo das últimas décadas, tomando por referência a explosão museológica verificada no nosso país a partir da década de 80 do século XX, os profissionais dos museus portugueses têm dado relevância e importância constante à função educativa dos museus.

Os Serviços Educativos têm vindo ampliar e a diversificar iniciativas, um processo que acompanha o desenvolvimento do próprio conceito e de funções educativas, torna-se um dos principais eixos de atuação de uma instituição que gere museus e monumentos.

Um dos objetivos é contribuir para uma maior diversidade das atividades oferecidas, proporcionando uma maior reflexão, troca de experiências, de conhecimentos e avaliação em torno de estratégias educativas que procuram sensibilizar os públicos para questões da sociedade contemporânea, com destaque para o património cultural e para o ambiente.

Muitas são as estratégias utilizadas nas instituições para corresponder à atualidade de uma sociedade bastante exigente, como atividades culturais, ateliês e oficinas, sessões, espetáculos de música, teatro ou dança, workshops, seminários, visitas guiadas a coleções, entre outros

A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas que decorreram em diferentes instituições, com diferentes olhares, retratados por cada responsável do programa educativo das várias instituições que elegi – Maat, Gulbenkian, Culturgest e Casa da Cerca.

Com estas entrevistas tinha o propósito de entender o que acontece no terreno, como se reinventaram após uma crise pandémica a nível cultural, bem como compreender a dinâmica de trabalho de cada instituição e qual o seu futuro. Através das

entrevistas também se pretende desvendar a existência de uma melhor definição da palavra serviço educativo e da sua verdadeira missão.

Todas as entrevistas tiveram o mesmo guião e a conversa foi surgindo de forma natural. Iniciei cada uma delas com a pergunta: “Qual a missão de um serviço educativo?” As respostas foram de encontro a formas de pensar bastante semelhantes, afirmando que um S.E nunca está estagnado, faz parte da própria missão estar suficientemente aberto para se adaptar à sociedade. Ele constrói relações e significados, é um lugar dinâmico e vivo. Nos museus de arte contemporânea é importante que exista uma reflexão do presente contexto sociocultural, dos tempos atuais, para preparar lugares de encontro e concretizar esse lugar entre os vários públicos e as coleções. Um dos grandes objetivos de um serviço educativo é ser um dos muitos espaços que um museu ou uma instituição cultural tem e deve ter, para poder desenhar lugares diferentes e para estabelecer estas relações.

Outra meta será promover hábitos culturais, proporcionar boas experiências de fruição e criação cultural, com a finalidade do público se sentir bem e com a vontade de regressar.

No contexto do Maat, uma das definições importantes é ser um espaço de educação não formal, de experimentação, de diálogo e de dar voz também ao público. (...) Um espaço de reflexão: o que é, o que pretende e o significado de um serviço educativo⁸. (Henriques, 2020)

Tradicionalmente, a palavra Serviço Educativo é um termo bastante utilizado nos museus e na sua definição geral, mas são poucas as instituições que se identificam com o nome, como poderemos concluir através das entrevistas que efetuei.

No caso da Fundação Gulbenkian, a sua programação tinha três serviços educativos (música, jardim e edifício), o que para certos públicos podia tornar-se confuso. A instituição criou uma plataforma e adotou o Programa Gulbenkian Educação para a Cultura - Descobrir. A palavra “Descobrir” apresenta-se como um espaço que engloba tudo o que seja de carácter educativo.

O termo “Descobrir” é usado com mais regularidade do que o termo Serviço Educativo, embora no site da Fundação surja uma área intitulada de Atividades Educativas. Chama-se Atividades Educativas, porque tem sido um trabalho feito com o *marketing* para encontrar a maneira mais simples de fazer o público chegar ao que procura.

⁸ Citação de Joana Henriques retirada da entrevista realizada no dia 17/12/2020.

Chegou-se à conclusão que as pessoas o que querem é uma atividade concreta, a palavra atividades, tornou-se aquela que mais facilmente direciona as pessoas para aquilo que estão à procura. (Silva, 2021)⁹

Cada lugar tem o seu termo, e de facto andamos à procura da denominação mais acertada.¹⁰ (Moreira, 2020)

A Casa da Cerca utiliza a denominação Serviço Educativo, mas muito em breve irá mudar esta denominação por “Aprendemos Juntos”. Tudo começou com a colocação do nome na parede em 2017 e tornou-se relevante que esse nome futuramente se tornasse o nome do Serviço educativo. Aprendemos juntos foi um binómio de palavras que sintetizam a identidade deste serviço educativo, que pretenda criar comunidades de aprendizagem em torno de processos artísticos com propósitos de desenvolvimentos humanos.

Aprendemos juntos revela que são todos aqueles que estão dentro, que mobiliza e a reúne.

Relativamente à Culturgest, não existe um Serviço Educativo e torna-se difícil explicar porque deixou de existir o termo S.E na Culturgest. Segundo Raquel Santos, foi relevante e importante dar um passo em frente, criando uma linha de programação no âmbito da participação. Ou seja, trabalhos de artistas destinam-se a ser cocriados, interpretados ou desenvolvidos ao nível do conceito artístico por participantes (trabalhos não realizados por profissionais das artes). Reconhecem estes trabalhos/projetos como potências de transformação social de aprendizagem e desenvolvimento educativo. Mais do que um serviço educativo é uma área de programação artística no âmbito da participação.

“Temos é que perceber o que cada instituição quer! Nem sempre as instituições sabem o que querem dos seus serviços educativos para lá da multiplicação dos números, que é um resultado imediato da criação de um serviço educativo.”

Raquel Santos¹¹

Os públicos da participação, trazem essa diversidade, públicos que procuram uma relação com a instituição por via do fazer parte. Segundo Raquel Santos, os públicos

⁹ Citação de Susana Gomes da Silva retirada da entrevista, realizada no dia 22/02/2020.

¹⁰ Citação de Sílvia Moreira na entrevista realizada no dia 21/12/2020.

¹¹ Citação de Raquel Santos na entrevista realizada no dia 11/02/2021.

envolvem-se mais em projetos de participação, públicos que escolhem uma componente mais prática.

Não só a designação serviço educativo gera diversas opiniões, como o nome educador artístico, monitor ou mediador também difere de instituição para instituição. Mais uma vez, cada lugar usa o seu termo, mas é uma denominação que ainda se pretende descodificar e de ser utilizada da melhor forma.

Será importante referir que desde os anos 50 até aos 80, a profissão não era reconhecida, havia sim uma grande vontade de arregaçar as mangas e lançar projetos educativos em museus.

Com o passar dos anos essa pessoa existiu sempre nos museus, mas não havia propriamente uma profissão associada. Podia ser qualquer indivíduo a fazer esse trabalho, por vezes até resgatado de outras equipas para ocupar esse cargo.

No início dos anos 80 a palavra e a figura do monitor começa a ser utilizado, mas nunca se pensou na formação destes indivíduos, acabava por ser alguém que gostava e tinha algumas qualidades em criar relações com o público, estudar novos conteúdos, estar sempre em comunicação com a equipa, etc, qualidades que atribuíam ao papel de monitor.

Passados alguns anos, o boom dos serviços educativos deu-se em Portugal, nasceu o Sector de Educação e Animação do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e foi das primeiras referências de um serviço educativo.

Atualmente já existem cursos de formação académica, temos os casos da licenciatura em Programação e Produção Cultural, onde existe uma unidade curricular durante um ano inteiro de mediação cultural; e ainda na Escola Superior de Educação de Lisboa uma licenciatura em Mediação Artística e Cultural. Isto permite que o ensino prepare o futuro dos mediadores, sensibilizando-os para a necessidade de trabalhar com públicos, com as áreas artísticas e com áreas pedagógicas.

Relativamente à palavra utilizada, torna-se relevante que também não existe uma definição estanque. São conceitos que se vão adaptando às mudanças e cada instituição utiliza o termo que para si faz sentido.

Várias instituições utilizam a palavra mediador, mediador é quem faz a ponte entre o ponto de chegada e o ponto de partida, é quem tem discursos interpretativos, coloca em conflito discursos curatoriais e/ou institucionais, ocupa o lugar onde se estabelece relações, definições que exprimem a função de quem trabalha no âmbito do S.E.

Mediador Cultural torna-se na palavra que mais define esta profissão, é uma profissão em constante construção da aprendizagem e um trabalho de formação ao longo da vida. Qualquer formação que se tenha nesta área não se está pronto para desbravar terreno, mas sim para ter bases suficientes para conhecer e adaptar a novos

terrenos. O trabalho no terreno nesta profissão torna-se importante na medida em que a experiência pessoal de cada um e o tempo que se investe nesta profissão dá-nos uma preparação diferente para enfrentar as mudanças da sociedade.

É uma profissão que está sempre a navegar à vista. Temos que estar abertos aos novos paradigmas que nos aparecem e que estão sempre a mudar.¹² (Moreira, 2020)

2.2. PÚBLICOS

O Serviço Educativo da Casa da Cerca, desenvolve um conjunto de atividades educativas e culturais dirigidas a diversos públicos. Observo-o como algo que não muda o mundo, mas ajuda a compreendê-lo melhor.

Não se escolhe público pela cor, pela idade ou pelas suas dificuldades motoras. Uma Instituição e um Serviço Educativo devem desejar receber todos os interessados pelo saber mais. Estes espaços podem ser de mobilidade social e ao existir este cruzamento, tornam-se locais ainda mais ricos.

Contudo, nas instituições existe uma orientação para grupos-alvo. Segundo Carmen Morsch “para definir o público e as atividades de mediação cultural, as instituições culturais recorrem a um instrumento de pesquisa de mercado, a definição de grupos-alvo. Os grupos-alvo são tradicionalmente definidos em termos de traços sócio-demográficos. Normalmente, a categoria de idade ou geração é o foco principal: crianças, jovens, idosos, adultos (embora cada vez menos comuns) são os grupos-alvo mais frequentemente definidos”.¹³

O grupo-alvo que foco na minha investigação são crianças dos 6 aos 10 anos de idade. São destinatários frequentes na Casa da Cerca e normalmente vêm acompanhados pelas escolas através de visitas e de atividades. Para este público existem atividades preparadas, exigem marcações prévias e a presença de um membro da instituição para orientar.

O meu estágio passou pelo acompanhamento, observação e orientação destas mesmas atividades, bem como a integração na equipa das residências artísticas das férias de verão - um programa onde se propõe experimentar fazer um Herbário Criativo só com materiais produzidos a partir de plantas d’O Chão das Artes ¹⁴ e em que cada

¹² Citação de Sílvia Moreira na entrevista realizada no dia 21/12/2020.

¹³ Carmen Morsch, Time for Cultural Mediation.

¹⁴ Estes aspetos serão desenvolvidos no enquadramento da instituição.

participante será introduzido à Botânica através do estudo de uma planta. Os destinatários deste programa são crianças entre os 6 e os 10 anos e dos 15 aos 18 anos.

Apesar de me focar mais no grupo etário entre os 6 e os 10 anos, estive disponível para abraçar novos desafios e explorar diferentes abordagens com destinatários de diferentes idades.

Tendo em consideração a situação pandémica de COVID-19 que o País e o Mundo enfrentam, percebe-se que as escolas estão cada vez mais reticentes em que as crianças saiam.

Sendo este um ano atípico, torna-se difícil ter sempre a Casa da Cerca cheia de público como em anos anteriores. Apesar de tudo, existiu uma flexibilidade da minha parte para querer integrar, aprender e observar todas as atividades que se realizaram na Casa da Cerca. É também importante salientar o interesse que o Serviço Educativo tem em diversificar e ampliar o leque dessas ofertas. Foi certamente uma bagagem a ter em consideração e uma oportunidade diferente, adaptando-me a estas condições excecionais.

Procedendo ao tema dos públicos, foi através das entrevistas que tive o meu primeiro contacto e tomei conhecimento da importância do público para uma instituição, uma conversa que envolveu estratégias para o captar, o trabalho e a sua relação.

São diversas as técnicas que existem para “chamar” atenção dos públicos, existe muito o contacto telefónico e visitas aos locais, tentando dar a conhecer a instituição, a sua programação e de obterem uma visita futura. Sílvia Moreira referiu na entrevista: “para captar atenção é preciso tempo! Criar relações necessita desse tempo, só assim se consegue construir encontros com regularidade e permanência, quase como se fosse um trabalho de prospeção de terreno e isso também é o serviço educativo que faz. Não é a pessoa da comunicação, não é o curador, não é a diretora, mas sim o serviço educativo que faz esse trabalho de terreno! A palavra-chave é o tempo, persistência e empatia, sempre!”. (Moreira, 2020)¹⁵

Numa instituição deverá existir uma figura permanente na relação com o público, através dessa relação e desse contacto consegue-se chegar sobretudo ao público repetente ou fidelizado, como é o caso dos professores.

Os grandes aliados de uma instituição muitas vezes passam por ser as escolas e os próprios professores, conseguindo ter uma relação continuada e duradoura.

Através do público jovem utiliza-se muito o mecanismo do “passa a palavra”.

¹⁵ Citação da entrevista realizada a Sílvia Moreira no dia 21/12/2020.

Relativamente a públicos novos, torna-se um desafio constante, não depende apenas do S.E, mas de toda a equipa, como a equipa de comunicação, que através de estratégias eficientes e conteúdos pensados em equipa. No entanto, estes conteúdos por vezes chegam sempre aos mesmos. Os conteúdos online têm esta fragilidade, acabam por aparecer apenas ao público interessado num conteúdo específico, não conseguindo ter nenhum feedback se determinado conteúdo consegue chegar a um público novo.

Num museu existem determinadas temáticas que automaticamente se inserem na comunidade, seja ela artística ou comunidade em geral. As exposições ou programas também ajudam a trazer público, normalmente a dialogar com a comunidade de estudantes ou escolas. Existem vários programas para diversos públicos, conseguindo englobar uma grande parte de diversas comunidades, tendo sempre o cuidado de pensar na comunidade local e perceber o que faz sentido falar no território de proximidade em que a instituição se insere. É efetivamente muito importante ter o tempo (atualidade) e espaço (envolvência) bastante presente numa instituição.

3. RELAÇÃO DOS SECTORES EDUCATIVOS COM AS ESCOLAS

Somente pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que um outro vê desse universo que não é o mesmo que o nosso e cujas paisagens permaneceriam tão desconhecidas para nós quanto as que podem existir na lua. Graças à arte, em vez de ver um único mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se (...) ¹⁶

Marcel Proust

Existe uma grande vontade que crianças e jovens passem a tratar as artes por “tu”, colocando as artes como parte da vida e não num mundo paralelo. Neste aspeto, o Plano Nacional das Artes (PNA), veio facilitar as parcerias entre os sectores culturais e as escolas, pretendendo explorar, organizar e construir pontes entre a arte, a cultura e a educação.

Neste capítulo, analisamos o papel de um centro de arte com o território educativo nas várias faces que ele integra, como é o caso do trabalho com as escolas, identificando os problemas, apontando estratégias e apresentando também como as parcerias entre estas instituições e a escola são efetuadas e como se completam.

Acredita-se que as artes fazem a diferença nos caminhos dos jovens e crianças, possibilitando a integração da arte e da cultura na formação de todos.

O PNA tem como objetivo promover aos cidadãos e o acesso e fruição artística e cultural.

Dar a conhecer a oferta cultural em território nacional, para que a educação artística esteja presente no desenvolvimento das competências dos alunos durante a escolaridade obrigatória.

É necessário consciencializar as dimensões educativas junto das instituições culturais, formando planos pedagógicos apoiadas nas artes e no património, bem como promover a criatividade e o pensamento crítico através dos conceitos, das práticas e dos processos artísticos e pedagógicos desenvolvidos por professores, artistas e mediadores.

Os princípios estratégicos do PNA, revelam muito da sua importância nas artes, na educação e na vida das comunidades. Tem como missão valorizar os profissionais de

¹⁶ Marcel Proust, in ‘O Tempo Reencontrado’

educação, os artistas, as instituições e o património. Contribuindo assim para o sucesso escolar e o desenvolvimento pessoal.

Promove que exista uma motivação para as artes nas escolas com recurso a diferentes disciplinas, impedindo de serem unicamente ligadas e relacionadas às disciplinas artísticas. As estratégias também incidem num trabalho em rede e parcerias, de modo a consolidar todos os objetivos, valores e estratégias.

O PNA consegue trazer a oportunidade revolucionária de mudarmos a maneira de estar na escola e no mundo. Segundo o Plano Nacional das Artes, partilhar é a palavra-chave, partilham-se princípios, valores e intenções comuns.

Tal como em muitas instituições, e como já foi referido, as escolas acabam por ser um público muito desejado. Mas não falo apenas de números, faz sentido que a comunicação entre as escolas e a instituição seja facilitada e exista redes de colaboração com entidades públicas e privadas, trabalhando em articulação com os programas já existentes.

Através das entrevistas também é notória essa empatia com as escolas e as instituições, as entrevistadas referem que se torna pertinente colocar as organizações culturais em rede com os territórios, com os lugares e com as suas cidades. Um museu terá que ser um museu aberto para que exista espaço para o diálogo, dentro e fora do museu. Este contacto tornasse importante para promover hábitos culturais nos jovens e nas crianças.

“É muito importante esses projetos de parcerias entre as escolas, e o Plano Nacional das Artes (PNA) que está a ser implementado, está a fazer um trabalho incrível! Agora já não é só uma ou outra escola que vai e que tem interesse em ir bater à porta do museu, as coisas estão muito mais fluidas e naturais relativamente a essas parcerias”.

Sílvia Moreira¹⁷

As escolas não são apenas conquistas de números, muitas vezes acabam por ser grandes aliados nos lançamentos de novos projetos. No caso da FCG, o programa Descobrir funciona com um conjunto de professores que trabalham como consultores, avaliam as propostas e propõe ou não alterações. Torna-se importante o feedback deste conjunto de professores para a organização da informação, bem como, para o relacionamento com áreas curriculares mais concretas.

¹⁷ Citação da entrevista realizada a Sílvia Moreira no dia 21/12/2020.

Devido à pandemia, muito do conteúdo foi divulgado online, e a relação entre as escolas e o PNA foi extremamente relevante, pois os materiais que saíam online eram ajustados e relacionados com o modelo educativo, permitindo uma relação estreita, algo que ajudou a pensar melhor e a pensar juntos.

Torna-se importante salientar e relembrar que um museu é um espaço de educação não formal e a escola é um espaço de educação formal. A escola obedece a conteúdos programáticos, com metas e avaliações. O museu acaba por ser mais livre nesse aspeto. E quando se fala de um Museu de Arte Contemporânea, segundo Joana Henriques, trabalha-se muito com a criatividade e a importância do pensamento criativo. É no museu que se pode experimentar e errar, o que torna a relação com as escolas quase como se fosse um complemento das instituições. Determinadas exposições funcionam como aplicação do conhecimento prático, de modo a complementar o que foi dado em sala de aula, algo que se torna útil para que os professores abordem determinados contextos e realidades.

Continua a ser importante salientar que um museu não é uma escola, através do blog de Maria Acaso, são vários os estudos e projetos que refletem este pensamento. “O museu não pode ser uma escola como as que nos rodeiam: o museu deve ser a escola do futuro.” (Acaso, 2019) Segundo a autora, se o museu fosse uma escola seria algo aterrador, não faz sentido os museus terem testes, esquecer o corpo e apenas utilizar a mente. E quando se remete para o museu, este deve ser a escola do futuro, dá-nos a certeza que será uma escola que projetamos na mente e não aquela que suportamos com o corpo.

Foram várias as tentativas de programação através das escolas no Museu Reina Sofia, o serviço educativo deste museu coordenado por Maria Acaso gerou três grupos de estudo para refletir sobre questões determinantes numa instituição cultural. Para repensar processos de mediação com o público e as relações com a educação e os programas com escolas. Todas estas questões foram dirigidas por mediadores promovendo processos de reflexividade e autoconsciência. Estes são aspetos que traduzem a urgência do trabalho que se deve abordar num museu.

“Educar dentro da instituição implica, necessariamente, mudar nosso foco de atenção para que recursos, energias e tempos sejam direcionados para um lugar que, embora aparentemente inadequado, é justamente o único que nos permitirá refletir sobre para onde ir no exterior”¹⁸

Maria Acaso

A partir desta reflexão, o objetivo não é prestar um serviço, mas sim acompanhá-lo, fazer com que a programação passe pela instituição e não exista fora dela. Clarificar bem que o museu não é uma escola e a escola não é um museu, é necessário gerar diferentes escolas e museus com outros métodos de trabalho institucional que permitam uma mudança do paradigma.

¹⁸ Texto original: “Educar los adentros de la institución implica, necesariamente, cambiar nuestro foco de atención para que los recursos, las energías y los tiempos se dirijan hacia un lugar que, aunque en apariencia inadecuado, es precisamente el único que nos permitirá reflexionar sobre hacia dónde dirigirnos en el exterior.”

4. A CASA DA CERCA

4.1 A INSTITUIÇÃO

A Casa da Cerca encontra-se no alto de uma falésia com uma vista desafogada para Lisboa, na Rua da Cerca, na cidade de Almada. Esta cidade, situada na Margem Sul do Rio Tejo, pertence ao distrito de Setúbal e à Área Metropolitana de Lisboa, sendo que Almada e Lisboa estão conectadas pela Ponte 25 de Abril, com comboio, autocarro ou barco.

A Casa da Cerca é um Centro de Arte Contemporânea cuja principal função é a divulgação de práticas culturais contemporâneas, promovendo uma ampla disseminação na área das Artes Plásticas através de exposições de diversas temáticas e em simultâneo, com atividades distintas, dando especial destaque ao Desenho. Enquanto centro de cultura e centro de eventos culturais coopera com o Município de Almada e desde 1997 que o Serviço Educativo da Casa da Cerca conta com uma programação muito vasta, proporcionando lugares de encontro, experiências e diálogos criativos entre as obras e o público.

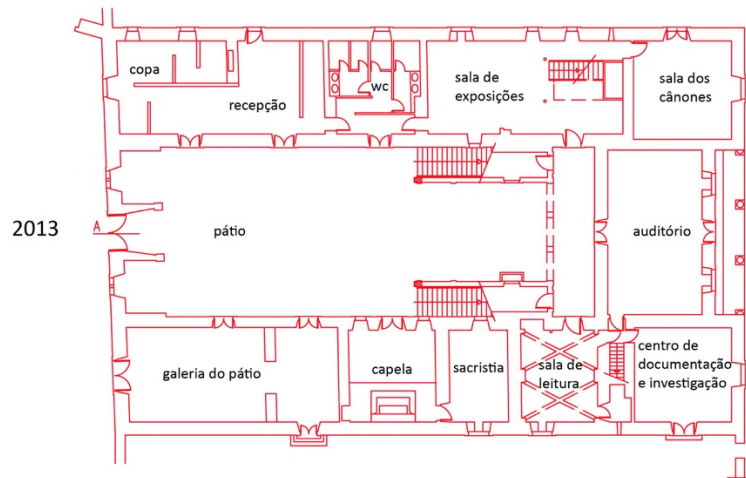
A Quinta da Cerca ou Palácio da Cerca, como outrora era conhecida. Segundo Afonso (2008), o edifício é um “exemplar clássico da arquitetura civil privada, urbana e unifamiliar portuguesa [que] poderá ter sido residência de uma família da burguesia ascendente ou ainda casa de férias de uma família nobre” (p.41).

Representa um modelo clássico com diferentes tempos e intervenções, que lhe conferem elementos da arquitetura barroca e romântica do século XVIII – XIX, tornando-se em 1974, um anexo do Hospital de Almada.

A partir de 1983, a Quinta sofreu remodelações com o intuito de construir um empreendedorismo turístico. Contudo, a Câmara Municipal de Almada, presidida por Maria Emília, considerou o projeto desfavorável para a zona e com o objetivo de preservar o Património Cultural, comprou a Quinta da Cerca.

A nível arquitetónico, a Casa da Cerca está estruturada em “U”, simbolizando a ideia que se encontra de braços abertos, pronta para receber os seus visitantes. No pátio principal, os visitantes são saudados num agradável espaço, repleto de laranjeiras e é através deste que é possível aceder a todos os elementos da Casa da Cerca.

A Casa da Cerca está dividida em dois andares, sendo que no piso térreo encontra-se a receção com acesso à Galeria Principal das exposições, bem como, ao Jardim Botânico, ao Parque das Esculturas e à cafeteria “Coisas Degostar”.



planta piso 1

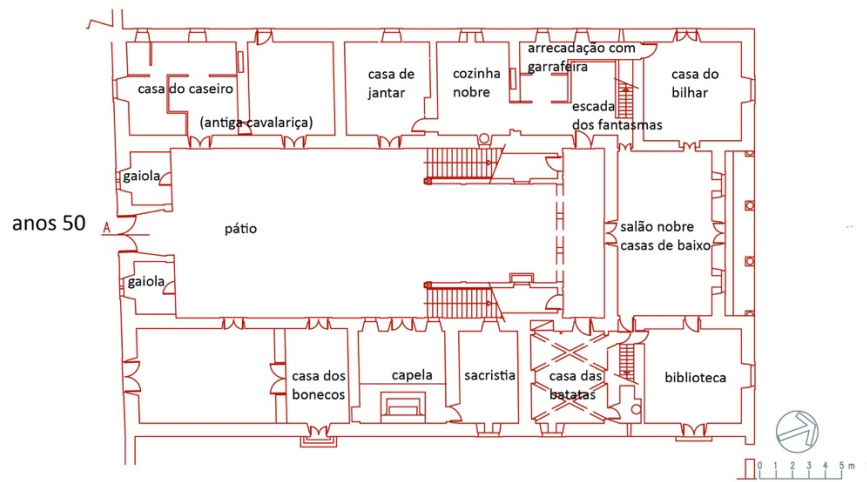


Figura 1: Planta piso térreo

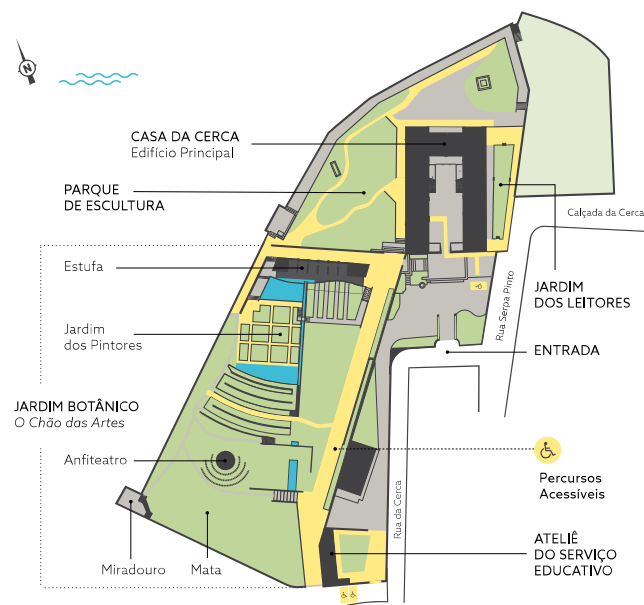


Figura 2: Planta da Propriedade

No Jardim Botânico Chão das Artes, desenvolve-se uma programação harmoniosa entre a Natureza e as Artes Plásticas, cujo foco é a Natureza e as potencialidades que esta traz para o mundo contemporâneo. Agregado ao Jardim Botânico, é possível encontrar um espaço no qual são desenvolvidas oficinas alocadas ao Serviço Educativo, um espaço atelier com armazém e um acervo privado de obras.

Ainda no piso térreo da Casa da Cerca, é possível encontrar as salas expositivas, a Cisterna, a Capela, a Galeria do Pátio e o Auditório que é utilizado para a dinamização de oficinas, conferências e outros eventos. Também é possível encontrar o Centro de Documentação e Investigação da Casa da Cerca, que revela além de uma diversa bibliografia em torno da arte contemporânea, um acervo privado engrandecido por doações de artistas.

A Galeria Principal da Casa da Cerca continua pelo piso superior desta mesma, sendo que neste também se encontra a parte privada da casa, local de trabalho para os elementos da equipa da Casa da Cerca.

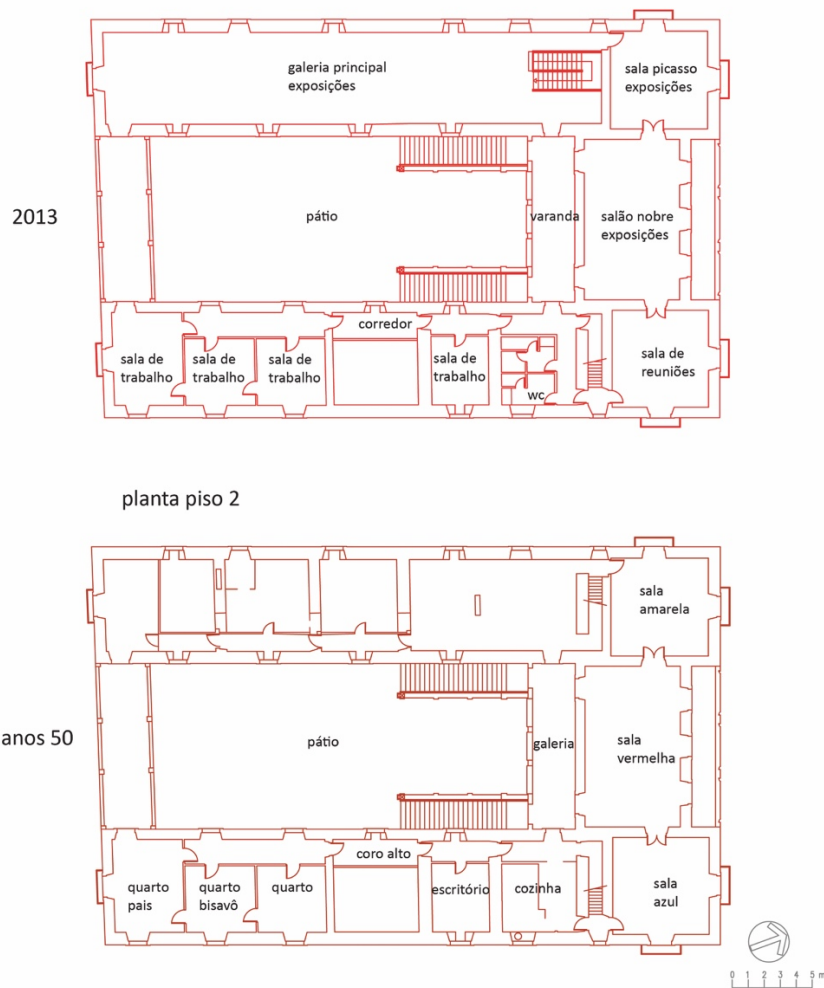


Figura 3: Planta 2º piso

Pela Câmara Municipal de Almada, a Casa da Cerca é reconhecida como um local de interesse público, sendo que foi em 1993 fundada como Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, dirigida por Rogério Ribeiro (1930-2009), pintor, escritor e professor, que trabalhou no sentido de valorizar o património e os artistas.

Rogério Ribeiro, começou no mundo cultural com um projeto da Galeria Municipal de Arte de Almada em 1988 e na Casa da Cerca inicia-se com um projeto artístico arrojado, beneficiando do Jardim Botânico para trabalhar com a ciência e a arte.

O olhar atento de Rogério Ribeiro, tornou o projeto “Casa da Cerca” num “grande atelier”, procurando salientar a importância das necessidades e das implicações sociais dos museus de arte, tornando assim a Casa da Cerca numa instituição independente da divisão dos museus no organograma da Câmara Municipal de Almada.

Autonomia a nível de políticas culturais era uma das características fundamentais para Rogério Ribeiro. Num contexto de luta pela liberdade pós-ditadura do Estado novo, as políticas patrimoniais mudaram e deixaram de se associar exclusivamente ao património e à sua História, passando a abrir uma dimensão social a novos projetos culturais e educativos.

Em 2018 a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea deixa de ser Direção da Câmara Municipal de Almada e passa a ser uma Direção Municipal do Departamento da Cultura, dirigido pela Direção Municipal de Desenvolvimento Social.

Seguindo a filosofia da Nova Museologia, Rogério Ribeiro elaborou o Centro de Arte Contemporânea para a “dinamização cultural e artística do centro histórico de Almada e a formação abrangente de novos públicos”. (Ferreira, 2014)

Rogério Ribeiro descreve o seu “Museu Ideal” como um “espaço aberto, património exposto e renovado, atividades, integração com a população, mais que visitado, invadido e usado, iniciativas que se soltem e atinjam local de descanso, de leitura, convivência” e que “cada Museu nasce ou é continuado ou revitalizado num contexto muito próprio, obedece a condições e tem objetivos, cumpre na sociedade que envolve um papel que lhe é devido ou que ele consegue impor.”(Ribeiro, 2008)

Segundo Rogério Ribeiro, o museu ideal é um local dinâmico, experimental e aberto à população. Um espaço para conviver, partilhar experiências e desfrutar do mundo envolvente. Neste sentido, a Casa da Cerca, através do seu edifício que pertence ao Património Cultural de Almada, através da sua história enquanto casa senhorial e através da sua programação artística contemporânea, convida o visitante a atravessar o tempo histórico entre passado, presente e futuro.

4.2. O JARDIM BOTÂNICO – O CHÃO DAS ARTES



Figura 4: Planta do Jardim Botânico - Chão das Artes

Com a abertura do Centro de Arte Contemporânea em 1993, existiu a necessidade de envolver o interior com o exterior.

O Jardim Botânico explora a ligação entre a Arte e a Ciência, tendo a arte como protagonista e fonte inspiradora.

O Chão das Artes – Jardim Botânico este ano comemora 20 anos e será o mote de toda a programação do Centro de Arte Contemporânea em 2021.

O seu propósito consiste em dar a conhecer a maior parte das plantas que têm sido utilizadas, ao longo da História da Arte, para fornecer matérias-primas para práticas artísticas.

Toda a vegetação presente neste Jardim Botânico são as personagens principais desta história concebida ao longo destes anos. Todas as plantas existentes neste Jardim têm a sua própria informação, o que permite ao visitante conhecer cada espécie aprofundadamente. O seu projeto foi inspirado no modelo de jardim tradicional português de quinta de recreio.

Em 2021 o Jardim possui uma coleção com mais de duas centenas de espécies, onde são cuidadas diariamente para se conseguir estudar e explorar o melhor de cada uma.

O Jardim é composto por três espaços principais: a mata, o pomar e o horto. São espaços ligados como um todo e extremamente estruturados pelos vários sistemas presentes no jardim: topografia, sistema de água e rede de caminhos.

Para além dos três principais espaços, o Jardim tem diversas áreas estruturadas: Estufa, Jardim dos Pigmentos, Pomar das Gomas, Jardim dos Pintores, Charca, Jardim dos Óleos, Jardim das Fibras e Mata.



Figura 5: Estufa

A estufa acolhe plantas da coleção do Jardim que não podem estar no exterior devido às suas necessidades climáticas. A Estufa foi concebida à imagem de uma latada, inspirada no ritmo existente ao longo do muro que delimita o jardim, a norte.

Na programação atual a Estufa tem uma exposição documental sobre a história d'O chão das Artes – Jardim Botânico, apresenta todas as áreas deste Jardim bem como toda a sua evolução.



Figura 6: Jardim dos Pigmentos

O Jardim dos Pigmentos, junto à estufa, tem plantas de porte herbáceo e arbustivo, através de plantas tintureiras conseguimos extrair pigmentos e corantes para produzir muitas das cores presentes nas obras de arte.



Figura 7: Pomar das Gomas

No Pomar das Gomas, através dos troncos das árvores de fruto pode-se extrair uma goma para utilização em diversas técnicas de pintura. Esta goma serve para diluição de pigmentos ou como cola.

Para além das gomas consegue-se utilizar os caroços de algumas árvores de frutos, como os pêsegos, as ameixas, as cerejas, entre outros. Para fazer tinta preta – o negro dos frutos.



Figura 8: Jardim dos Pintores

Todos os anos o Jardim dos Pintores é utilizado para recordar e homenagear artistas cujo a sua vida influência e alimenta este Jardim como fonte de inspiração. Por ser a zona do Jardim mais dinâmica, a plantação muda anualmente e com ela são desenhados projetos inspirados através de obras de vários artistas.

Em 2021 celebra-se no Jardim dos Pintores as cores geradas pelas plantas, criando uma paleta natural. Como fonte inspiradora, este ano enquadrou-se o trabalho do artista suíço Johannes Itten (1888-1967), escritor, professor da Escola Bauhaus de Weimar e um pintor expressionista.

Enquanto artista pedagogo desenvolveu aspetos da teoria da cor que ainda hoje são uma referência. O plano de plantação para este ano foi pensado como uma grande caixa de aguarela, as cores são reproduzidas através das plantas tintureiras.



Figura 9: Charca

A Charca é uma zona que acolhe espécies que necessitam de humidade durante todo o ano. Um local caracterizado pelas suas espécies que fornecem materiais para fabrico de papel, corantes ou pigmentos. As espécies que se encontram nesta zona são variadas, temos papiros, caniços, jarros, atabuas, lírios, erva-cavalinha, feteira, erva-pessegueira e ruibardo-gigante.



Figura 10: Jardim dos Óleos

O Jardim dos Óleos é uma zona de muitas plantas, onde através das sementes produz-se óleos para diluir pigmentos na técnica de pintura a óleo.

Temos o exemplo do óleo de linhaça, extraído das sementes de linho e o óleo de papoila, óleos bastantes apreciados pelos pintores.



Figura 11: Jardim das Fibras

Inicialmente, o Jardim das Fibras tinha o nome de Jardim das Telas, uma zona destinada às plantas que fornecem e produzem fibras. Estas fibras dão origem a materiais como papéis através do algodão e tecidos para telas através da fibra do linho.



Figura 12: Mata

A Mata é a zona do Jardim onde se encontram as árvores e arbustos de grande porte, algumas das espécies são as mais usadas nas escolas de pintura europeias, como o castanheiro, a bétula, o freixo, pinheiro-bravo, entre outros. Através destas espécies conseguirmos extrair dois materiais interessantes na produção artística: as madeiras utilizadas para telas e as resinas utilizadas para terebintinas ou vernizes.



Figura 13: Dragoiro (planta do ano 2021)

A planta do ano 2021 é a *Dracaena draco* | Dragoeiro, uma espécie muito acarinhada na Casa da Cerca, pois foi a primeira espécie a ser plantada n'O Chão das Artes. É uma planta com um grande simbolismo no mundo dos jardins botânicos e bastante icónico pela sua forma, durabilidade e história. Para além do seu valor simbólico para todos os jardins botânicos, ela também teve a sua importância na História da Arte e é valiosa enquanto fornecedora de pigmento vermelho para fins artísticos. A cor escolhida para este ano resulta da cor da planta do ano, o dragoeiro, oferece-nos a sua seiva – O sangue de drago – pigmento vermelho.

4.3. O SERVIÇO EDUCATIVO

A Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea procura desenvolver conteúdos a públicos de diferentes naturezas, quer sejam elas sociais, culturais ou etárias. Procura ainda a participação dos públicos com a Arte Contemporânea, a Casa da Cerca privilegia a experiência que cada observador tem com as obras expostas, sem a exigência de informar ou ensinar a Arte.

O Serviço Educativo está inserido no conceito Cidade Educadora, tendo como principais objetivos a sensibilização, a motivação e a interpretação da Arte Contemporânea através de atividades em torno das exposições patentes na Casa. São atividades que levam os visitantes a estabelecer diálogos, potenciar olhares críticos e criativos perante a obra, criando momentos construtivos assentes numa cultura visual. Estas situações permitem aos espectadores observar, sentir e refletir perante uma obra.

Para além das exposições, a comunidade também é convidada a desenvolver iniciativas em torno do Jardim Botânico.

Todas as atividades são pensadas e programadas em função do público e das necessidades (comunidade educativa, famílias, grupos organizados de adultos e grupos da 3ª idade), destacando sempre o diálogo, o lado criativo e a experiência.

A Casa da Cerca também valoriza a ligação que existe entre o Serviço Educativo e os outros departamentos, como refere; “sempre que se justifica cooperamos com outros setores da Casa da Cerca” (Campos, 2018). Torna-se necessário destacar o trabalho de equipa, no sentido de assumir novas perspetivas, ideias e projetos, não sendo apenas fundamental criar conexões com a comunidade, mas também com o interior da instituição.

“De Todos, para Todos e com Todos.”, é o título do texto escrito pelo responsável do Mário Rainha Campos e faz jus ao próprio trabalho do educativo, que procura

incorporar o público no seu tempo através da Arte Contemporânea, podendo acionar diálogos e ações criativas.

Os mediadores da Casa da Cerca transmitem valores através de dinâmicas, conversas e atividades que estimulem a experiência e a criação individual e coletiva. Deste modo, pretende-se que o Serviço Educativo seja um lugar de encontro, que promova hábitos culturais no público, proporcione boas experiências de fruição e criação cultural, conseguindo consequentemente que o público sinta vontade de regressar. Segundo Sílvia Moreira, o serviço educativo deve conceber, preparar, organizar e concretizar esses lugares de encontro.

4.4. A EQUIPA

A Casa da Cerca tem uma equipa vasta e dinâmica, constituída pela chefe de divisão do Centro de Arte Contemporânea: Gabriela Perdigão Cavaco desde 2017; responsável pela programação e curadoria de Artes Visuais das exposições na Casa da Cerca e na Galeria Municipal de Arte de Almada: Filipa Oliveira; secretariado e apoio à Direção: Carla Novais; responsável pelo serviço de comunicação: Paula Freire; nas informações, na loja e na bilheteira temos: Anabela Almeida, Elsa de Sousa, Hélder Gonçalves e Victor Borges; na produção: Ana Taipas e Paulo Ramos; responsável pelo Jardim Botânico: Sónia Francisco; responsável pelo Serviço Educativo: Mário Campos em parceria com Sílvia Moreira; gestão das coleções: Ana Margarida Martins e Luís Pesquito; gestão do Centro de Documentação e Investigação, Mestre Rogério Ribeiro: Ana Margarida Martins e Ana Sofia Godinho; vigilância e limpeza: Emília Ferreira e Maria Garcia.

Como colaboradores externos participam a Filipa Albino com visitas orientadas ao Jardim Botânico; Inês Salgado na oficina textura das árvores; Marc Parchow nas sessões de desenhos nas exposições; Mário Linhares nas sessões de desenho na Casa; Sara Simões nas sessões de desenho no Jardim.

4.5. COOPERAÇÃO E PARCERIAS

A Casa da Cerca atua a nível nacional e internacional, criando parcerias e cooperações na área da arte contemporânea e mediação cultural com diversas

instituições: Fundação Oriente, Fundação Caixa Geral de Depósitos, Cine-Cerca, Doc's Kingdom e Grupo do Risco.

Para além de toda as parcerias já estabelecidas, tornasse importante ter o contacto permanente com a comunidade, com as escolas e com outras instituições. O privilégio de estabelecer redes faz mais sentido nos dias que correm, ter uma noção de parceria em rede e trabalhar para comunicar.

O trabalho em rede tornasse importante na medida em que se constroem relações, diálogos e confiança. Este processo não se consegue de um dia para o outro, é um procedimento longo de construção de espaços de encontro. Tende a existir um caminho no mesmo sentido com o objetivo de produzir processos de aprendizagens comuns que transformam movimentos de reflexões em futuras ações ligadas.

Segundo o plano de orçamento para 2021 da Câmara Municipal de Almada, a casa da Cerca recebe para o período de 2019.01.01 a 2023.12.31 um financiamento de 1.236.050,00 euros tendo como objetivos relevantes para a Câmara Municipal de Almada: manter e valorizar o Jardim Botânico – O Chão das Artes; promover e concretizar o cruzamento de práticas artísticas contemporâneas; promover a divulgação implementada no Centro de Arte Contemporânea – Casa da Cerca.

Todos estes dados acima referidos dizem respeito ao investimento da Câmara Municipal para assegurar o desenvolvimento do Centro de Arte Contemporânea, sendo este um espaço público, os visitantes não pagam entrada para usufruir da programação da Casa da Cerca bem como o espaço envolvente do Jardim Botânico.

4.6. PROGRAMAÇÃO

A programação da Casa da Cerca tem o intuito de replicar a sua principal função, divulgar a Arte Contemporânea, realçando o desenho bem como todas as temáticas aplicadas às artes (escultura, pintura, design, instalação, vídeo, dança).

Para responder à missão da instituição são convidados artistas nacionais e internacionais para expor e conduzir à verdadeira missão da Casa da Cerca.

O trabalho do serviço educativo assenta numa programação através das obras dos artistas presentes nas exposições, onde se desenvolvem atividades em paralelo, como visitas guiadas e oficinas, auxiliando assim a criação de novos materiais e de práticas artísticas dos responsáveis pelo serviço - Mário Campos e Sílvia Moreira.

A função do Serviço Educativo da Casa da Cerca passa por dinamizar atividades lúdico-expressivas, destinadas a diferentes públicos, com o objetivo de facilitar a perceção e a leitura das obras patentes nas exposições da Casa da Cerca e na Galeria Municipal de Arte ou através de mostras itinerantes do Acervo.

Toda a programação é organizada com um ano de antecedência e por semestre, de Março a Setembro e de Outubro a Fevereiro. Existe um trabalho realizado em paralelo entre o Serviço Educativo e o Jardim Botânico – Chão das Artes, através desta colaboração surge uma programação estável e distinta, conseguindo uma ligação entre o mundo das ciências e o mundo das artes plásticas. Esta ligação torna-se fundamental, devido à presença do Jardim Botânico na instituição, produzindo valor e essência à Casa da Cerca e à sua programação que ocorre entre a natureza e as artes.

Através d'O Chão das Artes – Jardim Botânico, é implementada uma programação educativa apoiada na expressão artística e na divulgação científica, oferecendo um conhecimento sobre plantas. Esta perceção sobre a natureza, transplanta a matéria-prima rica e bastante proveitosa para materiais de produção das práticas artísticas. Além desta programação aplicada à natureza e às artes, acontece também anualmente a residência artística. Este ano tem lugar no mês de julho, de 12 a 16, das 10h às 17h30, com destinatários entre os 6 e os 9 anos de idade e na semana de 26 a 30, no mesmo horário os destinatários têm 15 e 18 anos. Neste programa de férias artísticas a Casa da Cerca propõe fazer um Herbário Criativo através dos materiais produzidos a partir das plantas d'O Chão das Artes. Uma semana em que cada participante será introduzido à Botânica através do estudo de uma planta.

Na programação existe sempre a participação ativa do público e para manter essa relação, o Centro de Arte desenvolve diversos eventos para incluir a comunidade. Com base na experiência e na criação, são desenvolvidas atividades oficiais ou visitas nos dias comemorativos ligados aos temas defendidos pela instituição, como por exemplo, o Dia Mundial da Árvore e da Floresta, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, etc.

Com regularidade ocorrem ainda conversas com os artistas das exposições, com o propósito de gerar um diálogo próximo e pessoal entre as obras e os espectadores, estas conversas ocorrem na Casa da Cerca e na Galeria Municipal de Artes.

Sendo a sua programação anual bastante dinâmica a instituição ainda organiza o evento “Há música na Casa da Cerca” com a 7ª edição, em parceria com a editora e produtora discográfica PontoZurca. Através de ambientes diferentes apresenta-se uma seleção musical eclética que reúne: Músicas nas Exposições e Concertos ao pôr do sol.

Outro dos eventos que consta no calendário é a festa comemorativa da Casa da Cerca que celebra o seu aniversário e a Arte Contemporânea através de atividades e surpresas ao longo do dia.

A Casa da Cerca desenvolve ainda projetos e parcerias trazendo alunos e profissionais de arte com o propósito de desenvolver projetos para a comunidade.

Devido à pandemia (COVID-19) que surgiu no mundo inteiro, existiu toda uma nova adaptação ao mundo online, tornando alguma da programação acima referida suspensa numa altura em que a cultura e as instituições culturais se encontraram encerradas.

Apesar de tudo, desconfinar é uma nova palavra do nosso dia a dia e a programação de março a setembro de 2021, foi planeada para receber e integrar toda a comunidade respeitando as normas impostas pela DGS.

A programação 2021 março-setembro, inclui: exposições; residências e colaborações artísticas; ações no jardim botânico; visitas livres e orientadas; oficinas e fins de semana com diversas sessões; conversas sobre ecologia, conservação e biodiversidade; Férias na Cerca; Dias comemorativos; Música na Cerca; Coletivo de curadores no museu uma parceria com a Casa da Cerca.

Através de toda a programação conseguimos ter uma visão geral e detalhada de todos os acontecimentos promovendo os diálogos, conexões e experiências. Um calendário que se torna dinâmico e cheio de contemporaneidade revelando todo o trabalho realizado pela equipa da Casa da Cerca.

4.7. PÚBLICOS

A Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea destina-se a todo o público, não identificando nenhum em específico, dado que com a sua programação abrangente consegue de um modo geral uma grande diversidade de públicos, desde grupos escolares organizados por ciclos de estudo, como também população sénior, pessoas com necessidades educativas especiais ou famílias. Contudo, é um espaço por excelência aberto à comunidade, encontra-se aberto a todos os que a quiserem visitar e usufruir das suas ofertas. Através de programas específicos, consegue captar novos públicos para a Arte Contemporânea, avaliando sempre aspetos de intervenção e integração social, projetos comunitários e públicos que incluem dinâmicas das estruturas locais organizadas e de grupos seniores. (Campos, 2018)

A nível internacional, a Casa da Cerca encontra-se nos guias turísticos, o que representa uma presença de turistas portugueses e estrangeiros a conhecer o espaço. No entanto, a população residente nas zonas limítrofes à Casa da Cerca não tem por hábito frequentar esta mesma ou as atividades que esta promove, podendo justificar-se esta realidade dado que a Casa da Cerca não tem um acesso fácil ou indicações expostas de forma visível e encontra-se situada por cima de uma zona industrial antiga, atualmente ocupada por pescadores.

Uma das principais missões do Serviço Educativo, é elevar a importância do trabalho com e para comunidade através da Arte Contemporânea, promovendo um

acesso livre e participativo na Casa da Cerca, procurando sempre refletir a diversidade da comunidade onde se insere, numa pluralidade de abordagens ao Desenho e à Arte Contemporânea. (Campos, 2018)

O horário das exposições, Jardim Botânico e Cafeteria permanece aberto das 11h às 19h, sendo a última entrada às 18h30, de terça-feira a domingo. Segunda-feira e feriados encontra-se encerrado.

4.7.1 GRÁFICOS DE PÚBLICO E ATIVIDADES NA CASA DA CERCA

Selecionei os anos 2019, 2020 e 2021 para observar e analisar o tipo de público e as atividades que se realizaram na Casa da Cerca. Considerando o ano 2019 como um ano normal e regular, 2020 é revelado um ano atípico, o ano em que os equipamentos culturais encerram devido à Covid-19 e todo o país fica sujeito ao confinamento e ao teletrabalho. O ano 2021 é igualmente um ano irregular, pois a situação sucede novamente com um 2º confinamento.

O ano de 2020 decorreu em diversos períodos comparativamente com o ano 2019.

Até 15 de março de 2020 a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea teve o seu funcionamento regular. Entre 16 de março a 17 de maio os equipamentos culturais encerraram e os colaboradores foram para suas casas em teletrabalho. Neste período, houve um reforço e uma presença assídua nas redes sociais.

No dia 18 de maio, a Casa da Cerca reabre com alterações nos horários de funcionamento e restrições relativamente ao número de visitantes para cada espaço. A Casa da Cerca passou a abrir de segunda a Sábado, das 14h às 19h. A partir do dia 6 de Outubro retomou-se o horário habitual da Casa da Cerca (de terça a domingo, das 10h às 18h), ainda nesta data retomou-se também as atividades de grupo, embora com limites de participantes e inscrições prévias. No mês de novembro devido à proibição de circulação entre concelhos, os horários de funcionamento durante o fim de semana encerravam as 13h. Todas as atividades programadas foram transferidas para o período da manhã.

Durante o período de confinamento, a Casa da Cerca desenvolveu e implementou um calendário editorial que previa a publicação diária de posts¹⁹ nas redes sociais - *Facebook* (página já existente desde 24 de maio de 2013) e *Instagram* (conta criada a 27 de março de 2020).

¹⁹ Conteúdos criados e publicados em algumas plataformas da internet. Essas publicações podem ter o formato de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos.

Iniciou-se um processo sistematizado de divulgação da história e das estórias da Casa da Cerca, através de publicações semanais. Estas publicações, são relativas à Arte Pública e ao Jardim Botânico, que implicam investigação e, no caso do Jardim, também publicações relacionadas com o fabrico de tintas vegetais, tinturaria e fabrico de papel de plantas. Publicações que resultaram num número muito significativo de textos (Arte Pública – 37 publicações / Património 34 publicações / Jardim Botânico – 35 publicações).

Por outro lado, os *posts* da responsabilidade do Serviço Educativo lançaram conteúdos que apelavam à ação e à partilha dos resultados dos desafios criativos que foram sendo divulgados. Esta dinâmica culminou na semana da Festa da Casa da Cerca (online), em que as propostas foram estruturadas como se fossem camadas que, cumulativamente, iam construindo um projeto (e que atingiram elevados níveis de participação – a título de exemplo, a última publicação, intitulada “Longe da vista, mas perto do coração” alcançou 3907 pessoas e provocou 156 interações e 24 partilhas).

Procurou-se, igualmente através das redes sociais, manter os ritmos habituais de algumas oficinas mensais como, por exemplo, desafios de desenho no jardim lançados através de pequenos filmes, em substituições das oficinas presenciais.

Recorreu-se ainda à transmissão de visitas a exposições e conversas com artistas, e ainda a sessões de “Aulas debaixo das árvores”, através de “lives” do *Instagram* e de uma sessão Zoom.

Algumas das sessões de desenho online ainda permanecem, garantido que o conteúdo online não se volte a perder, com o 2º confinamento, a Casa da Cerca fecha portas a 13 de Janeiro de 2021, onde adota a mesma estratégia do confinamento anterior, com alguma da sua programação online e posts diários. Atualmente conjuga-se o presencial com o online, nas redes sociais existe sempre um acompanhamento diário do que acontece na programação presencial da Casa da Cerca.

GRÁFICOS 2019 | 2020 | 2021

O gráfico seguinte revela-nos o número de visitantes durante os últimos dois anos, incluindo os visitantes de 2021, até ao decorrer do mês de Setembro.

Considerando o ano 2019 como um ano regular, o ano 2020 e 2021 oscilam com números bastante diferentes e abaixo do esperado, devido à Covid-19.

O ano de 2019 mostra-nos que os meses mais fortes são os do verão, mas o ano de 2020 conta com uma subida no início do ano, comparativamente com ano 2019.

Podemos ainda observar que os meses novembro e dezembro são meses com números baixos de visitantes, independentemente do vírus e das condições que dele

surjam. Além do covid-19 temos que considerar as condições meteorológicas, pois os meses que referi são meses de chuva e frio. Normalmente a programação da Casa da Cerca apela a um programa dinâmico e versátil para todo o tipo de público, sendo que as pessoas também vêm pelo encanto do jardim botânico, talvez de inverno este não seja tão convidativo e agradável.

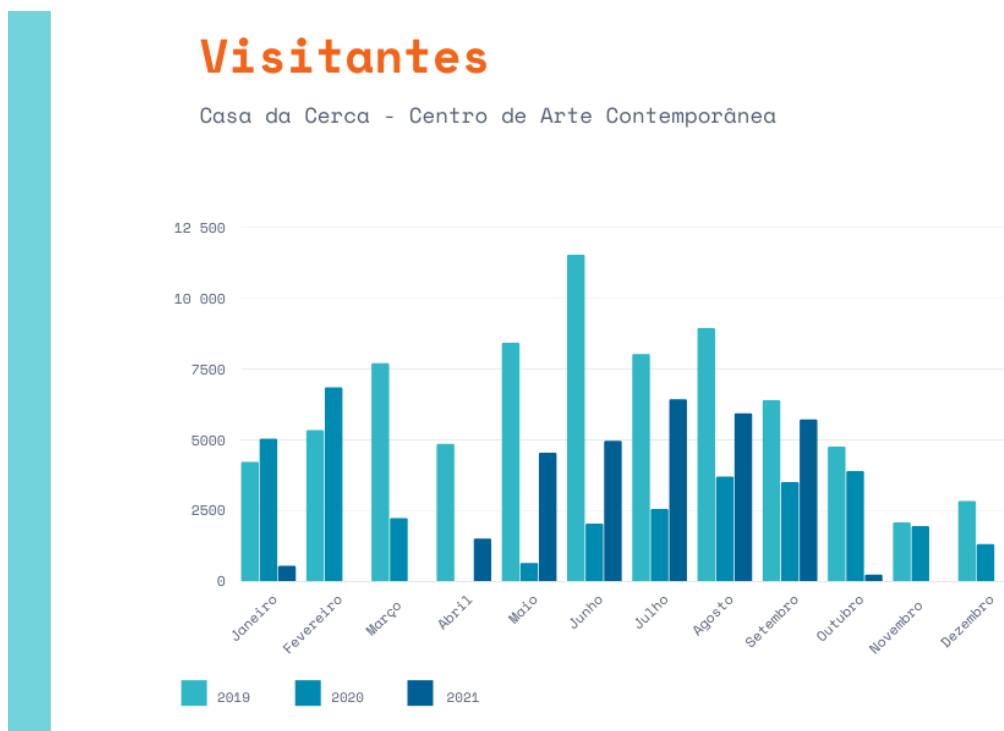


Gráfico 1: Visitantes Casa da Cerca

O gráfico 2, revela-nos o género dos visitantes durante os últimos dois anos, incluindo o género dos visitantes em 2021, até ao decorrer do mês de Setembro. Nas parcelas abaixo é fácil de notar que o género feminino tem uma presença muito clara na Casa da Cerca. De seguida, temos a parcela dos homens, jovens, grupos e crianças. O ano 2019 revela-nos parcelas com números muito satisfatórios, por outro lado, o ano de 2020 e 2021, devido à situação pandémica, apresenta-se com números baixos.

Género

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea

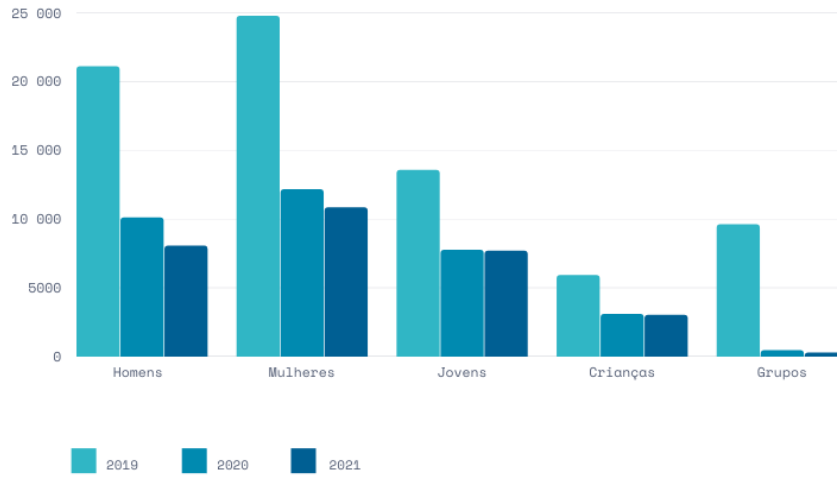


Gráfico 2: Visitantes de Género na Casa da Cerca

Serviço Educativo

Atividades e Visitas ao fim-de-semana

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea

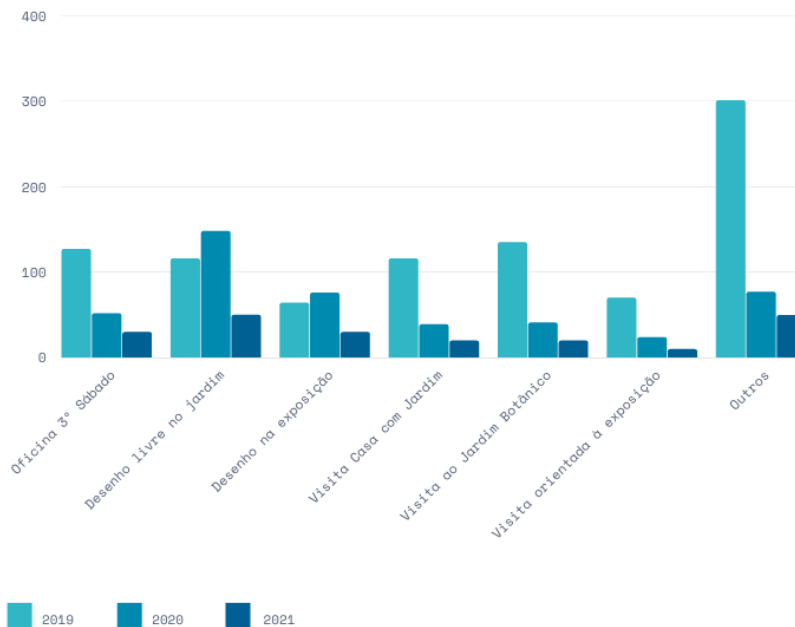


Gráfico 3: Atividades e visitas na Casa da Cerca

Escolas e Grupos Organizados

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea

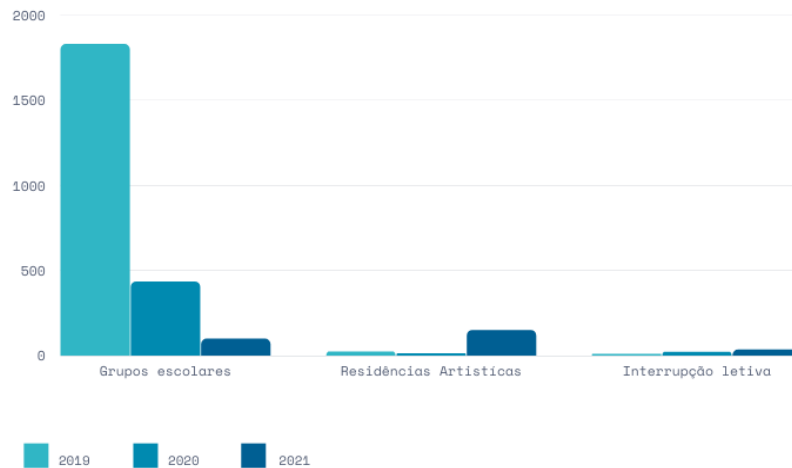


Gráfico 4: Escolas e Grupos na Casa da Cerca

4.7.2 AS REDES SOCIAIS DA CASA DA CERCA

Facebook – Uma rede social usada pela Casa da Cerca desde o ano 2013, mas só a partir do mês de março de 2020 existe uma publicação diária de *posts* e criação de eventos nesta rede social, de acordo com o calendário editorial estabelecido – foram realizadas 442 publicações em 2020. A 31 de dezembro a página da Casa da Cerca contava com 8240 seguidores e totalizava 8086 “gostos” da página, numa evolução traduzida pelos seguintes gráficos retirados do gestor de negócio de página do *facebook*.²⁰

²⁰ Gráficos que se encontram no Apêndice C

Redes Sociais | Facebook

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea

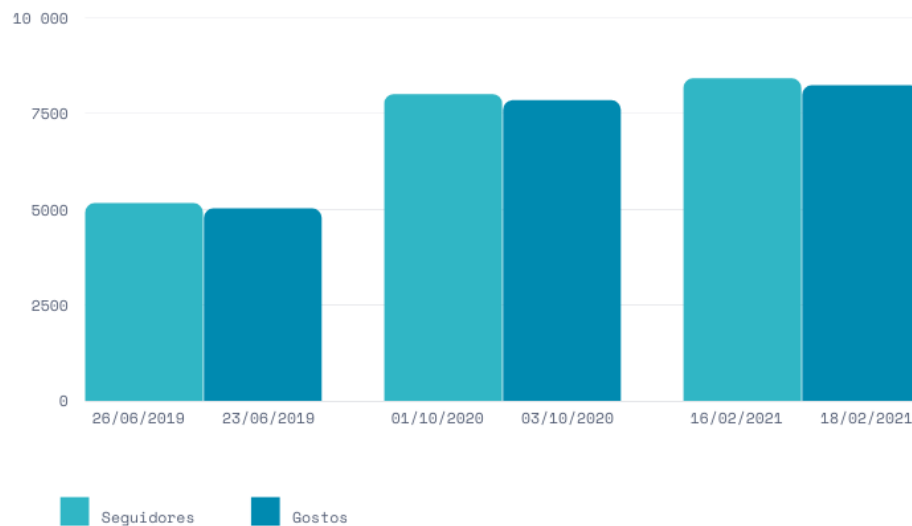


Gráfico 5: Facebook da Casa da Cerca

Instagram - Publicação diária de *posts* na rede social *Instagram*, as publicações são planeadas e agendadas para que a rede social seja alimentada diariamente. A conta criada em 27 de março de 2020, em pleno período de confinamento, contabilizava a 31 de dezembro, 1760 seguidores. Atualmente, conta com 2712 seguidores (22 de junho 2021) e 528 publicações.

Redes Sociais | Instagram

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea

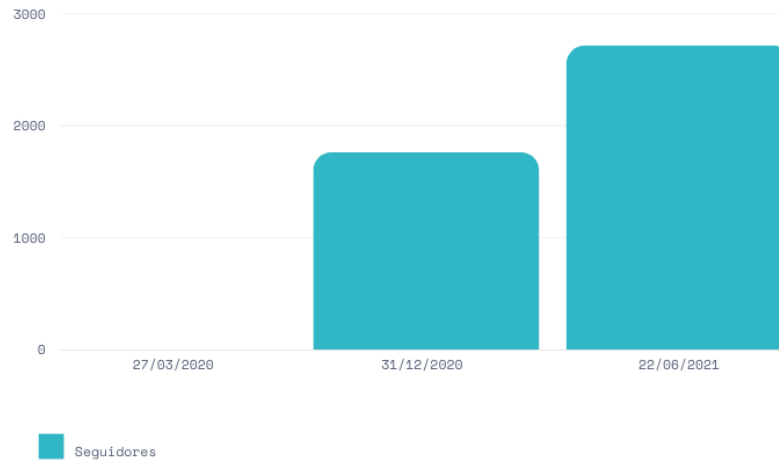


Gráfico 6: Instagram da Casa da Cerca



Figura 14: Página principal do Instagram da Casa da Cerca

4.8. APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DO SERVIÇO EDUCATIVO

Em primeiro lugar, irei introduzir as minhas primeiras semanas de estágio de forma resumida. No meu diário de campo²¹ atividades diárias estão todas expostas e detalhadas sempre que possível acompanhadas com imagens que retratam o meu dia-a-dia. De seguida, apresentarei as atividades realizadas neste estágio.

O estágio teve início no dia 3 de maio de 2021, as primeiras semanas foram de pesquisa, investigação e integração no local.

Na Casa da Cerca, conheci toda a equipa, inclusive os responsáveis pelo Serviço Educativo, Mário Rainha Campos e a Sílvia Moreira.

Mário Rainha Campos foi quem me acompanhou ao longo dos três meses de estágio, com ele absorvi todo o seu conhecimento, observei o seu trabalho no terreno, partilhámos experiências e ainda interajuda em diversas oficinas.

O Mário Rainha Campos orientou-me e inclui-me em toda a programação já existente e planeada no decorrer do meu estágio na Casa da Cerca.

Foi um estágio que me deu oportunidade de lidar e interagir com diversos públicos, ter noções de preparação e organização de várias oficinas, ter um atelier onde podemos testar e fazer acontecer para que nasçam sessões e oficinas futuras, conceito de trabalho em equipa e cooperação, dinâmicas e técnicas para trabalhar com grupos, lidar com o imprevisto em alturas de maior stress, saber observar o grupo e o espaço para atuar no momento certo, trabalhar com aproveitamento de material.

Foram diversas as oficinas onde fiz equipa com o Mário, que as preparei, as observei e alcancei a autonomia.

O mês de maio, resultou de muita aprendizagem, investigação e conhecimento. Acompanhei as preparações e o decorrer das oficinas realizadas pela Sónia Francisco (responsável pelo Jardim Botânico), oficinas que consistiram em diversas técnicas e abordagens de materiais de desenho a partir d'*O Chão das Artes*. Esta oficina foi dividida em 5 sessões, cada uma realizada 1 vez por semana no mês de maio. Contou com os mesmos 5 participantes em todas as sessões (inscrições prévias e lotação máxima de 5 pessoas, medidas impostas pela DGS).

²¹ Diário de Campo consta no Apêndice B

OFICINAS DE MAIO NO JARDIM



Figura 15: Oficina de papel

A primeira sessão – Oficina de papel, permitiu que os participantes aprendessem a receita das pastas de papel através das plantas com a finalidade de elaborar as suas próprias folhas de papel, uma técnica muito utilizada nas artes plásticas.

A segunda sessão – Oficina de tintas, contou com diversas plantas d'O Chão das Artes, todos os participantes tiveram oportunidade de conhecer a planta e o processo para conseguir extrair o seu pigmento de forma a fazer tinta. Ainda houve tempo para desenharem com a tinta em folhas de papel aquarelavéis.



Figura 16 Oficina de tintas



Figura 17: Oficina Ecoprint

Terceira sessão – *Ecoprint*, uma técnica que utiliza elementos vegetais enrolados num pano e finalizado a vapor. O objetivo é tingir o pano de forma natural, um processo que demora cerca de 5 dias no vapor para conseguir o tingimento das plantas no tecido.

Quarta sessão – *Tatakizome*, uma técnica que consiste em martelar plantas no tecido de forma a garantir o tingimento no próprio pano.



Figura 18: Oficina Tatakizome



Figura 19: Oficina Solarprint

Quinta sessão – *Solarprint*, uma técnica que utiliza somente o pigmento para tingir o pano, este processo fica dentro de um recipiente ao sol durante uma semana.

OFICINA - FOLHAS EM HARMÓNIO DE CORES

Escolas: Voz do Operário de Lisboa | Cataventos da Paz

Idades: 3 - 6 anos | 4 – 5 anos

Datas: 07/05/2021 | 19/05/2021 | 28/05/2021 | 01/05/2021

Duração: 2 horas

Uma oficina que contou com a presença da Escola Voz do Operário de Lisboa e da Escola Cataventos da Paz de Almada. A convite do Mário e em pleno desconfinamento, muitas foram as escolas que recusaram a vinda à Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea devido ao estado pandémico. Apesar dos tempos difíceis que se estava a atravessar estas duas escolas do 1º ciclo aceitaram sair da escola e entrar na Casa da Cerca, mostrando assim que a Cultura é segura.

A sessão inicia-se sempre com a receção das crianças no jardim, as crianças ficam sentadas no chão em forma de círculo, neste lugar apresentamo-nos e apresentamos a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea como Casa do Desenho.

De seguida, informamos que neste lugar irá existir uma caça ao tesouro e sugerimos que os professores formem equipas mistas e de diferentes idades.

Assim que as equipas estão formadas, estas dividem-se entre os adultos e o passo seguinte é juntar o grupo dando a conhecer o mapa situado na entrada do Jardim d'O Chão das Artes, explicando como está organizado e encaminhando cada equipa à sua

zona do jardim que lhe foi atribuída. Cada equipa está responsável por recolher somente elementos vegetais do jardim que lhe pertence, as equipas recolhem diversos elementos vegetais para a atividade que se segue.

Todos os grupos guardam as folhas recolhidas numa enciclopédia, as folhas ficam guardadas de forma direita e entre páginas para não se misturarem e não partirem.

A sessão do jardim encerra com a procura e exploração da folha de canforeira, uma folha que será o passaporte para a entrada na próxima sessão.

As crianças entram na próxima sessão junto ao atelier do serviço educativo, antes da atividade existe uma explicação do uso do material para as crianças e adultos que os irão acompanhar. Nesta experiência todos são convocados para a aventura que irá acontecer no jardim do serviço educativo.

As mesmas equipas ficam numa ilha feita com 1 cavalete, 1 tampo e uma toalha constituída com 8 cartolinas de cartão duplex, em cima da mesa encontram-se esponjas, tintas (magenta, amarelo e azul ciano) e papel.

A atividade consiste em trabalhar o contraste, texturas, silhuetas e cores, cobrindo as toalhas cheias de cor.



Figura 20: Jardim do Serviço Educativo



Figura 21: Mesa da sessão - Livros em Harmónio de Cores

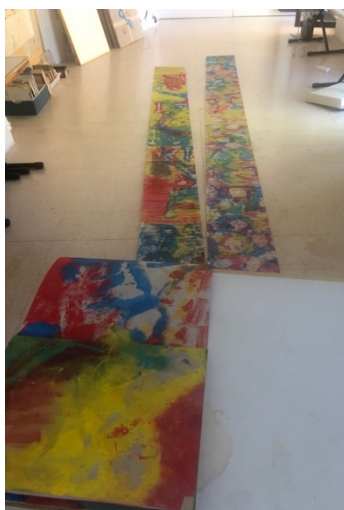


Figura 20: Preparação do Livro

Todas estas toalhas irão ser dobradas em harmónio, com o intuito de ser apresentado em livro “Folhas em harmónio de cores”. (uma tarefa realizada por mim após atividade)

A atividade é encerrada com todas as crianças sentadas na relva, dizendo o que gostaram mais e o que aprenderam nesta experiência.

“aprendi que este sítio é muito divertido” | “aprendi a mexer nas esponjas” | “aprendi a gravar folhas” | “aprendi a pintar devagarinho” | “aprendi a sujar as mãos”

A sessão encerra com estas bonitas frases, saímos da zona do atelier do serviço educativo, vamos até receção encaminhar as crianças para irem buscar as mochilas, de seguida a turma faz um piquenique no Jardim da Casa da Cerca com os educadores.

Objetivo: O fazer junto. Todas as pessoas presentes desde o orientador da atividade até à professora, participam.

Todos os adultos são convocados, será um trabalho feito com as crianças.

Outro dos objetivos deste exercício é levar as crianças a conhecerem as cores primárias, a esponja como material riscador, que muitas vezes se pode substituir pelo pincel, e a técnica de monotipia (uma técnica simples de impressão).

A passagem das diferentes formas dos elementos vegetais para o papel, fazem com que as tintas se misturem e as crianças fiquem a conhecer novas cores, surgindo efeitos imprevisíveis através das folhas das árvores.

Após o término de cada oficina, fica a promessa da entrega do livro em mão na escola (uma tarefa sempre realizada pelo Mário Rainha Campos).

No final de todas as sessões todo o material é recolhido e lavado, os trabalhos são secos e colados, formando o livro em harmónio. Um processo que demora cerca de dois dias, no fim da secagem final é preparada a capa do livro, um processo realizado por mim, bem como todo o protótipo para a capa.

OFICINA PARA FAMÍLIAS - TINTA DE NOZ E DE BUGALHO PARA DESENHAR



Figura 21: Oficina para Famílias - Sessão mediada por Mário Rainha Campos

Esta oficina para Famílias, teve lugar no sábado, 15 de maio, das 15h às 17h no jardim do Serviço Educativo. Uma oficina que acontece no 3º sábado de cada mês, realizada pelo Mário Rainha Campos, onde me juntei para fazer equipa. Auxiliei na preparação e no decorrer de toda a oficina.

Fazer tintas n' O Chão das Artes com os bugalhos dos carvalhos e as nozes das nogueiras, foi o mote desta oficina que contou com os pigmentos fortes das tintas ferrogálica e de noz, foram desenhadas letras únicas e personalizadas por cada família fazendo um estudo de diversas caligrafias.

As famílias ainda tiveram a oportunidade de fazerem os seus próprios aparos de bambo com auxílio do mediador.

Destinatários: Famílias com crianças a partir dos 6 anos.

A oficina requer inscrição prévia. Nesta oficina tiveram presentes 5 famílias, no máximo de 2/3 elementos.

Objetivo: proporcionar às famílias um momento com os seus filhos. Guiarmos a atividade de modo a sermos uma “bengala” para serem os próprios pais a ensinarem os seus filhos.

OFICINA – TATAKIZOME

Escolas: Cataventos da Paz | Escola Profissional Piaget – curso de Turismo

Idades: 7 – 8 anos | 14 – 15 anos

Datas: 27/05/2021 | 17/06/2021

Duração: 2 horas

Atividade orientada por Mário Rainha Campos

Equipa com Mariana Pereira e Anabela Almeida

Uma oficina que contou com a Escola Cataventos da Paz de Almada.

No começo de qualquer oficina existe sempre uma apresentação no jardim da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea e da atividade que se vai propor. Neste caso seria uma Caça à Planta.

Os professores formam equipas de dois.

Antes de iniciar a Caça à Planta, existe um jogo de observação do mapa, o Mário vai dinamizando este jogo perguntando onde fica cada parte do jardim, algumas referências dos pontos cardeais, cada pessoa que acertar leva 20 pontos que terá que guardar na memória.

Exemplo: o primeiro a tocar com a mão no cimo da cabeça terá que me dizer o nome deste local (apontando para o local no mapa).

A partir do momento que este pequeno jogo termina, todas as palavras que o Mário diz são importantes e avisa que não volta a repetir.



Figura 22: Mapa d'O Chão das Artes

Cada grupo de 2 elementos recebe uma folha, com as seguintes informações: nome científico, nome vulgar e aplicação nas artes visuais. Com base na carta de jogo que será entregue, eles conseguem ter uma aproximação da localização onde podem encontrar a placa com as informações já referidas. (as placas estão junto à planta)

Na carta de jogo estão duas palavras escritas, é o nome científico da planta que está escrito em latim. As duas palavras significam o género e a espécie. O género começa com letra maiúscula e o resto fica tudo em minúsculo. Com base nisso vamos à procura do nome científico e assim que encontram só têm que copiar para os itens corretos.

As folhas têm que estar escritas com letra bonita. Depois de escreverem a informação que encontraram, retiram elementos vegetais dessa mesma planta, pede-

se aos grupos que sejam conscientes no momento da recolha, pois as folhas não se puxam, no caso de uma árvore a pessoa vai ao ramo principal e junto ao ramo dobram o caule fazendo um simples clique. Retirar apenas o essencial para o próximo exercício, será necessário compor apenas num A5, por isso a quantidade será pequena.

A sessão no jardim encerra com a procura e exploração da folha de canforeira, esta folha será o passaporte para a entrada na próxima sessão.

As crianças entram na próxima sessão junto ao atelier do serviço educativo, antes da atividade existe uma explicação do que irá acontecer no próximo exercício e de como se utiliza o material, neste caso o martelo.

A sessão no atelier do serviço educativo inicia com a explicação da técnica tatakizome. Cada grupo junta-se ao tronco e leva consigo um pano cru e um martelo, a atividade inicia ao som da música martelando ao ritmo da mesma.

A atividade termina com a introdução da escrita cuidada no pano cru, treinando a caligrafia e memorizando o nome científico da planta.

A sessão encerra com uma conversa, do que gostaram mais e se tinham ficado com vontade de voltar à Casa da Cerca.

“aprendi a martelar” | “nunca tinha pegado num martelo” | “as folhas dão tinta” | “aprendi sobre uma espécie de árvore” |



Figura 23: Folha de canforeira

Objetivo: A atividade consiste em trabalhar o uso do martelo, conhecer a técnica, trabalhar em equipa e conhecer um pouco mais sobre as plantas.

Relativamente à Escola Profissional Piaget, a oficina teve um intuito diferente. A mesma oficina foi apresentada e realizada de igual forma para a Escola Cataventos da Paz, com uma única diferença, estes alunos estariam ali para aprender com o Mário truques e competências de técnicas de grupo para mais tarde aplicarem no seu estágio ou vida profissional.

DIA DA FESTA DA CASA DA CERCA – UMA FESTA NO JARDIM DAS 10H ÀS 19H

Esta festa assinala o aniversário d’O Chão das Artes que este ano comemora 20 anos.

Ao longo de 20 anos, desenvolveu projetos que exploram a ligação entre a arte e a ciência através de uma vasta coleção de plantas presentes no jardim.

Através destas plantas conseguimos extrair matéria-prima para o fabrico de materiais utilizados nas Artes Plásticas.

A programação é muito ampla e tem um conjunto de atividades que relacionam processos fotográficos com desenho.

Neste dia houve 3 atividades nas quais estive presente:

- 1 – Oficinas de desenhos solares;
- 2 – Antotipias – desenhar com sol e plantas;
- 3 – Finalizar o luminograma com um ato performativo que esteve instalada desde o dia 17/06/2021 na entrada da Casa da Cerca.

1 – OFICINAS DE DESENHOS SOLARES

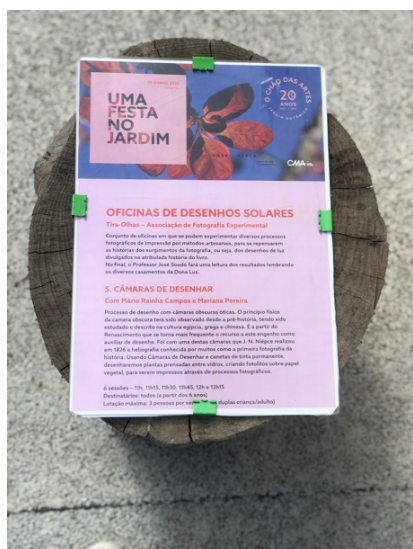


Figura 24: Oficina de desenhos solares orientada por Mariana Pereira



Figura 26: Cartaz da oficina de desenhos solares ²²

Orientei uma das atividades nas oficinas de desenhos solares, esta atividade foi concebida pelo Mário Rainha Campos e que me deu a oportunidade de a orientar sozinha.

A atividade consistia no processo de desenho sobre imagem luz recorrendo a câmaras obscuras óticas.

Nesta oficina desenhámos plantas prensadas entre acrílicos (preparados por mim anteriormente), usando as câmaras obscuras e canetas de tinta permanente. Foram criados fotolitos sobre papel vegetal para imprimir em processos fotográficos que estavam presentes nas outras oficinas a decorrer em simultâneo, no jardim junto à estátua Neptuno.

²² Imagem retirada das redes sociais da casa da cerca.

Uma atividade que começou as 11h e terminou as 13h. Contou com 18 participantes de variadas idades.

A minha função foi preparar toda a sessão no espaço envolvente, auxiliar no processo, mostrar ao público e falar sobre o processo de desenhar através das câmaras obscuras e desinfetar todo o material utilizado para o próximo participante.

Uma manhã diferente na Casa da Cerca e onde tive a oportunidade de estar autónoma e a comandar atividade.



Figura 25: Páginas da programação da festa²³

2 – ANTOTIPIAS – DESENHAR COM SOL E PLANTAS

Uma atividade orientada por Mário Rainha Campos fazendo equipa com Mariana Pereira.

Duração: 2 horas

Uma atividade destinada para famílias com crianças a partir dos 6 anos. Lotação máxima de 10 pessoas.

Uma oficina para famílias que decorre sempre no terceiro sábado de cada mês, nesta oficina cada família teve a oportunidade de ver o processo, utilizar cada corante e fazer as suas próprias composições para ficarem ao sol.

²³ Imagem retirada do programa: https://issuu.com/cmalmada/docs/uma_festa_no_jardim_programa_singles

Este processo faz-se através de uma técnica de impressão ecológica que utiliza corantes orgânicos de origem vegetal como matéria fotossensível. Utilizou-se corantes de beterraba, curcuma e colórea.

As antotípias realizadas nesta tarde serão entregues durante o decorrer da semana seguinte, estas requerem um tipo de preparação antes de serem entregues, terão que obter mais exposição solar, lavadas, secas, organizadas e guardadas num envelope para que os participantes desta sessão possam recolher durante a semana junto da receção.



3 – FINALIZAR O LUMINOGRAMA COM UM ATO PERFORMATIVO, UMA INSTALAÇÃO REALIZADA DESDE O DIA 17/06/2021

Depois desta atividade tive presente na reunião com Associação Tira-Olhos e com o Mário Rainha Campos, onde organizamos e debatemos ideias para ser realizado o ato performativo, no estacionamento da Casa da Cerca. Durante esta conversa contribui com ideias que foram aceites e executadas.

O ato performativo residiu junto à saída da Casa da Cerca depois do concerto que aconteceu no anfiteatro n' *O Chão das Artes*. Assim que as pessoas se aproximavam da saída, revelou-se a imagem final resultante dos elementos vegetais expostas à luz solar durante três dias.

Figura 26: Ato performativo da Luminograma

Na segunda-feira após a festa, ocorreu uma conversa e avaliação sobre os pontos altos e baixos das atividades no qual participei durante a festa.

Através do meu olhar atento, analisei as duas oficinas nas quais intervi, a oficina de câmaras de desenhar no geral correu tudo bem. Relativamente à dinâmica de espaço tornava-se difícil estar presente na terceira câmara, pois esta estava mais afastada das outras duas devido às restrições de distanciamento. Tirando isso, foi uma oficina que fluiu sempre bem e sem grandes constrangimentos ou aglomerações. Uma oficina que cria curiosidade e ao mesmo tempo suspense. Os aliados perfeitos para conseguir públicos de diversas idades.

Na oficina da tarde, na minha opinião, as coisas poderiam ter sido mais bem organizadas, mas a falta de tempo também não o permitiu. Era necessário utilizar algum do material utilizado nas oficinas do período da manhã. O Mário encaminhou a oficina de maneira diferente do que tinha planeado e tudo acabou por correr bem e tomar o rumo certo. As pessoas saíram bastante satisfeitas e realizadas, este era o objetivo principal do Mário.

Herbário Criativo

12/06/2021 a 16/06/2021

Dos 6 aos 10 anos

Um dos meus principais objetivos deste estágio seria acompanhar as semanas de herbário criativo de modo a compilar toda a minha aprendizagem dos meses anteriores.

A semana do herbário criativo dos 6 aos 10 anos contou com duas semanas de preparação, onde houve várias reuniões com a equipa do Serviço educativo para se decidir o tema e os conteúdos que iríamos trabalhar.

O mote deste herbário foi: cor, luz e sombra. Mote encontrado nos trabalhos presentes de Johannes Itten e Lourdes Castro. (artistas presentes nos jardins da Casa da Cerca.

Cada elemento da equipa (incluindo eu) seleccionávamos ideias de atividades dentro do tema escolhido. Todas as ideias foram a jogo e algumas ligadas para uma melhor eficácia.

Foram duas semanas de trabalho em equipa, no fim resultou numa semana de pura criatividade, cor, luz e sombra.

A semana começou com apresentação do grupo, dinâmicas de grupo e desbunda plástica²⁴. A minha presença nesta semana ficou pelo segundo dia, infelizmente tive que cumprir isolamento profilático imposto pela DGS.

Apesar da minha ausência o contacto manteve-se e o feedback das atividades realizadas foi-me sempre transmitindo através de fotografias das experiências e/ou de chamadas telefónicas no fim do dia.

Após sair do isolamento profilático tive a oportunidade de acompanhar três dias de herbário criativo dos 15 aos 18 anos. Uma experiência completamente diferente que me fez ver a diferença entre os métodos e conteúdos de trabalho das diferentes idades que tive a oportunidade de acompanhar e colaborar.

²⁴ Termo utilizado por Mário Rainha Campos



GUIÃO HERBÁRIO CRIATIVO XI

CRIANÇAS DOS 6 AOS 10 ANOS

4 CRIANÇAS COM 6 ANOS
2 CRIANÇAS COM 7 ANOS
1 CRIANÇA COM 8 ANOS
3 CRIANÇAS COM 10 ANOS

DIAS

ATIVIDADES

MATERIAIS

SEGUNDA-FEIRA

Apresentação, reunião com pais e filhos: felicitar a inscrição; conceito residência; funcionamento do "laboratório"; vestuário (roupa confortável e que se possa sujar, chapéu, protetor solar); horários: pontualidade e assiduidade; almoços; hora da liberdade; autorização de captação fotográfica.

Sorteio das plantas. Dentro de um saco, há cartas de jogo. Cada um tira uma carta à sorte, que identifica o lugar onde se encontra no Jardim Botânico.

Quando cada participante encontrar a sua planta, sentar junto dela e desenhar durante 10 minutos.

Percurso pelo Jardim Botânico para que toda a equipa conheça as plantas em jogo.

Fita-cola de papel larga; marcador; pranchetas duplas com molas e com folhas de papel de jornal;

Cartas de jogo com as plantas selecionadas;

11 pranchetas, folha de papel a4 dobrada ao meio, molas, caixa de lápis de cor;

Reunir os livros da Lourdes Castro com a Ana Margarida;

**ALMOÇO
PIQUENIQUE NO JARDIM
12H**

Jardim dos Leitores, conhecer o mural da Lourdes Castro e o seu trabalho. Consulta de alguns livros e catálogos desta artista.

Forrar paredes da galeria principal com papel de cenário e fita cola de papel;

Colheita consciente, para prensar e para modelar com luz.

8 projetores de luz;

Galeria principal: Desenhos de sombras projetadas dos corpos e das plantas. Cada participante mimetiza a sua planta com o corpo.
Desenhos do contorno do corpo e das plantas com marcador.

Canetas décor Giotto e marcadores pretos de ponta grossa.

Contar a história do Mito de Déboutades.

Reprodução da imagem da história de Déboutades

**LANCHE
17H**

Receção das crianças junto da entrada;

Canetas de feltro.
Prancheta com 4 folhas A3;

Memorando escrito : construção da memória coletiva do que aconteceu no dia anterior;

22 pranchetas PVC A4;

Desenhos Solares : antotipias;

22 acrílicos A4;

**ALMOÇO
PIQUENIQUE NO JARDIM
12H**

88 molas;

Papel Canson;

TERÇA-FEIRA

No Auditório: Apresentar o J. Itten, os círculos que fez, a teoria da cor e as harmonias. No final da sessão, explorar o Jardim dos pintores;

Pigmentos para as emulsões. Trinchas de cerda fina;

Cromatografia;

Engenho prismático;

Destapar as antotipias e ver os resultados de cada planta;

11 embalagens de lápis de cor;

Caça ao arco-íris, com prismas e lápis de cor;

Papel A4;

**LANCHE
17H**

	Memorando;	ilustrações científicas;
	Exercício de foco: desenho da ilustração científica da planta a partir da transferência sobre papel vegetal a partir da fotocópia da planta;	Papel Vegetal;
		Lápis grafite;
		Lápis grafite;
QUARTA-FEIRA	ALMOÇO PIQUENIQUE NO JARDIM 12H	Tintas de guache - ciano, magenta e amarelo;
	Criar monotipias através das das plantas;	Esponjas e godés;
	Criação do círculo cromático;	cartões para o ciclo cromático;
	LANCHE 17H	
	Memorando;	Lápis de cor;
	Pintura das ilustrações científicas com sangue de drago;	
		Tesouras e colas
QUINTA-FEIRA	ALMOÇO PIQUENIQUE NO JARDIM 12H	
	Etiquetas com ficha técnica do herbário	Pinceis
	Desenhos de Luz: mistura aditiva na cor. Em grupos de 3, criação de fotografias de plantas com desenhos de luz usando duas ou mais lanternas de cor.	
	Exploração das monotipias com os óculos através da elaboração de uns óculos tricromáticos	Modelo dos óculos
		Cartão Duplex e filtros de cor
SEXTA-FEIRA	ALMOÇO PIQUENIQUE NO JARDIM 12H	folhas de desenhos
	Cada participante encontra a sua planta, sentar junto dela e desenhar durante 10 min.	Lápis
	Montagem da exposição para receber as famílias	

Herbário Criativo

26/06/2021 a 30/06/2021

Dos 15 aos 18 anos

A semana destes dez jovens começou uma semana antes, com duas reuniões para se debater diversas ideias de atividades.

Os jovens selecionaram variados temas dos quais gostavam de trabalhar na semana seguinte de herbário criativo.

Alguns dos jovens já tinham participado noutras edições, mas havia muitos jovens que entravam neste novo território pela primeira vez.

Na semana das reuniões todos escreveram o que gostariam de fazer e depois englobaram-se em temas para preencherem a semana seguinte com várias sessões.

A décima primeira edição de Herbário Criativo iniciou a 26 de junho e decorreu até dia 30 de julho, marcada pela presença de jovens entre os 15 e os 19 anos.

Uma residência artística que tive o privilégio de acompanhar durante três dias (28,29 e 30 de julho) e dar o apoio necessário.

Cada jovem tinha o seu próprio projeto, ao longo da semana havia sempre sessões de partilha, em que o objetivo seria juntar o grupo para que não ficasse demasiado disperso.

O grupo era bastante eclético e isso também se revelou na apresentação de trabalhos realizados no último dia de Herbário Criativo. Havia muito desenho, mas também muita tinturaria, dança e música.

Alguns dos jovens sentiram necessidade de partilhar a sua experiência com o grupo e houve uma sessão de encaustica, realizada por um jovem. Foi uma dinâmica bastante interessante para juntar o grupo.

A semana foi muito acentuada no trabalho pessoal de cada um e algumas reuniões e reflexões em grupo. As sessões de grupo foram ótimas para cada um perceber o trabalho do grupo. Observei que o grupo era ótimo, bastante criativo mas talvez um pouco tímido, gostavam muito de fazer apenas o seu trabalho e não falar sobre o mesmo.

Ao longo dos dias, isso foi deixando de acontecer, penso que as sessões de grupo ajudaram a que cada um tivesse mais atenção e mais interesse pelo trabalho dos outros colegas. No último dia fez-se um atelier aberto onde foram convidados as famílias e amigos. Todos tiveram oportunidade de mostrar e falar sobre o seu trabalho.

5. APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA

– PESQUISA, ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA ATIVIDADE

1. Ficha técnica

NOME DO PROJETO

Semear

TIPO DE ATIVIDADE

Oficinas lúdicas-expressivas realizada em várias sessões ao longo do ano

AUTOR

Mariana Pereira – estagiária da Casa da Cerca

PARA QUEM

Oficinas para grupos organizados escolares convidados e oficinas para famílias. Um projeto de arte participativa que habitualmente se realiza no Atelier do S.E.

NÚMERO DE SESSÕES E DURAÇÃO

1ª sessão para as folhas na primavera – 2 horas

2ª sessão para as folhas no verão – 2 horas

3ª sessão para o tronco no outono– 2 horas

4ª sessão para as folhas no inverno – 2 horas

LOTAÇÃO

20-25 pessoas

QUANDO

No decorrer do ano 2022:

- 1ª sessão, 20 de março
- 2ª sessão, 21 de junho
- 3ª sessão, 23 de setembro
- 4ª sessão, 21 de dezembro

2. Produção

LOCAL

Parede exterior do atelier do serviço educativo.

MATERIAL E EQUIPAMENTOS

Mesas, proteção nas mesas, aventais, pasta cerâmica, instrumentos de cerâmica (teques, pinças, garrote, esponja), lastrador, bastidor cortado, separadores de empilhamento e caixas de transporte.

Torna-se favorável utilizar este material em específico, pois é um material já adquirido pela Casa da Cerca e utilizado em projetos anteriores como o Planisfério da Interculturalidade.

3. Conteúdos

APRESENTAÇÃO

Um projeto para acontecer no ano 2022, ano em que o Serviço educativo celebra 25 anos.

Irá nascer uma árvore numa das paredes do serviço educativo, uma árvore semeada com o saber, com o conhecimento e criatividade de todos.

Esta árvore surge da ligação que existe entre o atelier do S.E e o Chão das Artes e de todos aqueles que aprendem juntos.

A árvore será semeada numa das paredes exteriores do atelier e vai crescendo com a participação dos que passam pelo serviço educativo da Casa da Cerca em diversas oficinas e atividades. Uma árvore em constante transformação que vai ganhando vida ao longo do ano e acompanhando as estações do ano. Um processo que será uma verdadeira obra de arte e elevando o verdadeiro significado de aprendemos juntos.

METODOLOGIA

A matéria-prima utilizada é plástica, pouco dispendiosa e agradável ao toque.

Contacto direto com o material e com a técnica de introdução à cerâmica.

Todos participam para a construção de uma obra de arte.

A cozedura não acontece na casa da cerca, pois não existe mufas.

A Casa da Cerca tem diversos parceiros: A Ar.Co em Almada, na Quinta de S. Miguel, a Faculdade de Belas, a Fábrica de Cerâmica dos Capuchos e Universidade Sénior de Almada.

Relativamente à Universidade Sénior que se situa ao lado da Casa da Cerca, seria interessante ter como voluntários os professores reformados que estão nos cursos de cerâmica para darem à assistência durante a produção com participantes.

OBJETIVOS TÉCNICOS

- Utilizar a técnica de introdução à cerâmica – Lastras, para formar um quadrado, cada quadrado no fim é parte da árvore.
- Proporcionar aos participantes o contacto com um material e com técnicas pouco utilizadas.
- Aprender sobre as diversas espécies de árvores e exploração do jardim botânico.
- Aprender a técnica de baixo-relevo através das texturas da natureza.

OBJETIVOS CONCEPTUAIS

- Contactar com a cerâmica como disciplina artística.
- Estimular a criatividade, o pensamento crítico e o sentido de identidade. Uma experiência enriquecedora
- Proporcionar a experiência de criar uma obra participativa.
- Participar na construção de uma obra que tem um potencial transformador.
- Participar torna-se num ato de semear, cada azulejo torna-se numa semente para a construção da árvore.

DESCRIÇÃO

Ao longo do ano o serviço educativo recebe inúmeros grupos escolares. Os participantes dessas visitas serão informados que irão receber um convite para participarem no projeto Semear. Através desta visita, introduz-se o projeto para os convidados e educadores ficarem entusiasmados e quererem participar.

Posteriormente o convite será enviado por email às escolas, questionando a sua disponibilidade para a datas que se encontram já definidas e agendadas. Cada sessão terá a presença de 20 a 25 participantes (depende do número de alunos por turma).

Os primeiros a aceitarem o convite, serão recebidos no anfiteatro situado na mata n' *O Chão das Artes*, onde é contada uma pequena historia e uma breve introdução sobre o que irá acontecer.

A história contada será sempre alusiva às estações do ano.

História sugerida: Ciclos da Natureza - Livro 1: A Viagem da Sementinha
Melanie Joyce (Autor) | Lançado em julho de 2020 | Edição em Português

Cada sessão irá ser como um festejo feliz da chegada de cada estação do ano.

A primeira estação do ano é a primavera, conhecida como a estação das flores. Depois de um inverno frio e triste, a natureza presenteia-nos com os mais bonitos cenários. É tempo de desfrutar das atividades ao ar livre.

O dia 20 de Março de 2022, será um domingo. Vamos antecipar este festejo para o 3º sábado do mês! Como é habitual o 3º sábado na Casa da Cerca recebe a oficina para famílias, e no ano 2022 não será exceção. A primeira oficina acontecerá em família. Envolvendo pais e filhos a entrar nesta aventura. Uma oficina que não será por convite, mas sim por inscrição prévia e anunciada nas redes sociais da Casa da Cerca.

Esta sessão, como já foi referido, inicia-se na mata. Após a introdução ao projeto e de contar a pequena história, existirá uma colheita responsável aos vários jardins d'*O Chão das Artes*, uma colheita de folhas e flores presentes na primavera.

Os elementos vegetais colhidos serão guardados por cada participante e levados para o jardim do atelier do S.E. Neste jardim inicia-se a sessão e colocamos as mãos na massa, todo o material encontra-se preparado em cima das mesas dispostas pelo jardim e com as condições certas para iniciarmos a atividade. Existe uma introdução às ferramentas e a sua funcionalidade, após esta pequena explicação segue-se o objetivo principal, fazer decalque dos elementos vegetais apanhados por cada participante. Os participantes irão preparar o seu quadrado com a pasta cerâmica, uma tarefa guiada sempre por mim e pelo responsável do S.E, Mário Rainha Campos que já efetuou esta experiência noutros projetos.

Cada participante irá compor os elementos vegetais que colheu no jardim no seu quadrado. Depois desta composição estar a gosto do participante, as plantas serão calcadas de modo a ficar o registo e a forma da folha no barro. Cada quadrado será colocado num separador e empilhador para secar e mais tarde ser cozido, num dos parceiros já a cima referidos.

Depois desta experiência os participantes têm a oportunidade de ter um contacto autónomo e livre com a pasta cerâmica.

A sessão encerra com o contacto livre e com os agradecimentos pelo trabalho de cada um, informando que cada quadrado será um azulejo inserido na parede do atelier formando uma árvore pensada e construída por mim.



Figura 30: Experiência realizada no herbário criativo de 2018

As sessões seguintes serão realizadas de igual modo, menos na sessão do tronco, pois requer que cada quadrado de pasta cerâmica terá que ir ao encontro do tronco presente n' *O Chão das Artes* para ser retirada a sua textura.

Após cada sessão e secagem dos azulejos estes serão transportados para serem cozidos.

A árvore será inserida na parede nos primeiros meses do ano de 2023 com a ajuda dos trabalhadores da Câmara Municipal de Almada. Será inaugurada a todos os funcionários da Casa da Cerca com a celebração do equinócio da primavera, 21 de março de 2023 e comemorando 1º ano do projeto. Será posteriormente apresentada ao público na 15ª edição da festa da Casa da Cerca, a festa é um momento muito marcante no programa anual deste Centro de Arte Contemporânea.

ESTUDO DA FORMA

Foi a partir das palavras “Aprendemos Juntos” inscrita numa das paredes do Serviço Educativo, que me levou a pensar num símbolo para a decifrar melhor. Um desenho que nasceu das várias conversas com o meu orientador de estágio, Mário Rainha Campos.

Duas mãos, de pessoas diferentes que aprendem juntas, estas duas mãos formam o tronco que eleva a aprendizagem presente naquele espaço. Uma aprendizagem simbolizada por vários “balões” (como podemos observar na figura 33). Estes balões formam uma copa cheia de folhas presentes no Jardim Botânico.

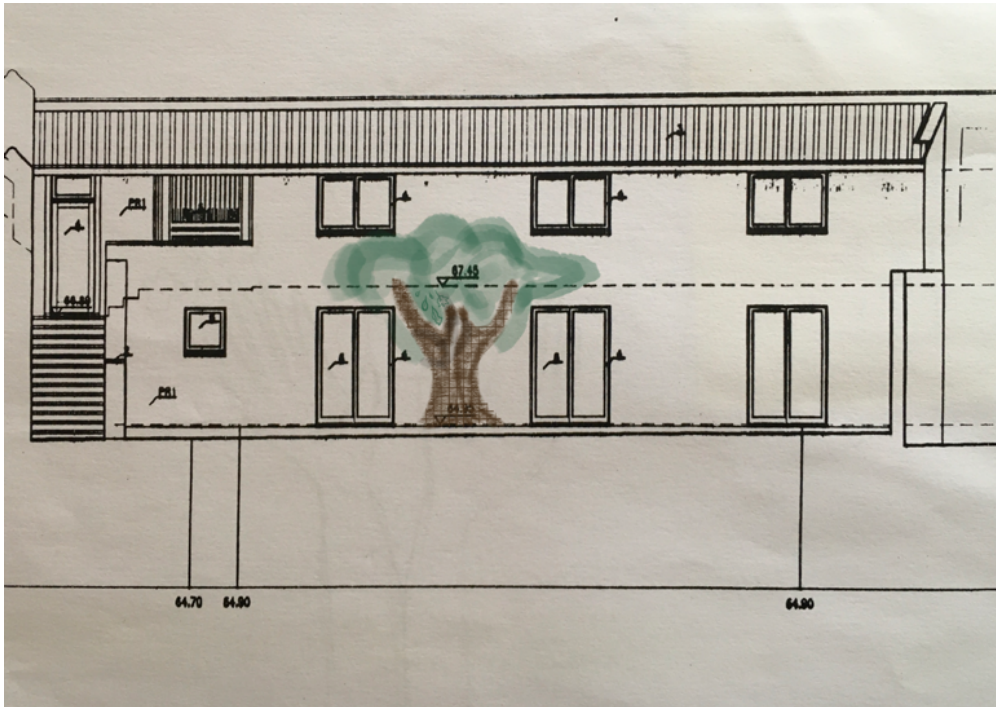


Figura 27: Primeiro estudo da minha proposta

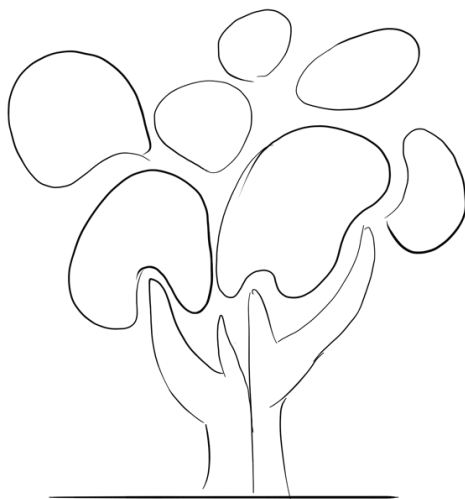


Figura 32: Esboço final

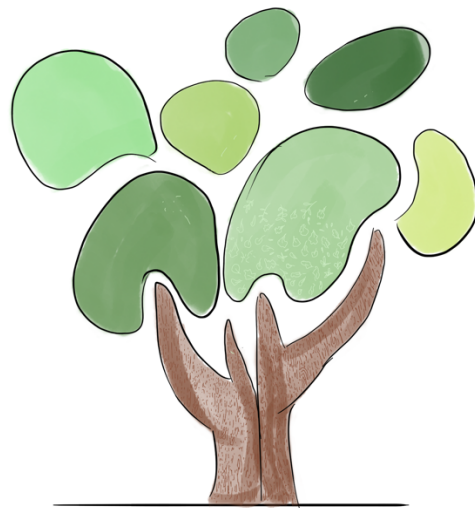


Figura 33: Esboço final com cor



Figura 28: Esboço final na parede do S.E

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – CONCLUSÃO DO PROJETO E DA EXPERIÊNCIA

Foram várias as linhas de abordagem durante a minha investigação. Através delas encontrei uma profissão que conhecia só de nome, conheci instituições, outros Serviços Educativos, equipas de trabalhos, métodos, estratégias e programas. Todo este conhecimento traduziu-se no meu sucesso de aprendizagem no terreno e que certamente será uma bagagem para a vida. Não se manifesta apenas no conhecimento, mas também nas pessoas que a partilharam comigo e que conseguiram enraizar através da experiência única que foi este estágio, uma profissão que se tornou numa ambição para continuar esta viagem que ainda agora começou.

Não foi só de conquistas que evoluí, ensinaram-me que é uma profissão maravilhosa, mas que passa por muitos obstáculos. Iniciei a minha pesquisa sobre a forma como outras instituições trabalham este serviço, bem como a leitura de especialistas nesta área. Percebi que a singularidade da programação do S.E é muito importante para o seu bom funcionamento. Ter uma noção do território, das suas carências e especificidades é essencial para uma programação criteriosa.

Através das entrevistadas, obtive diversas perspetivas das dificuldades que um serviço educativo enfrenta na atualidade. Início com umas das dificuldades apresentadas por Susana Gomes da Silva: a capacidade de ser concebido dentro de uma instituição como uma área estratégica e orgânica como outra qualquer, ou seja, o serviço educativo acaba por ser acionado apenas quando determinados assuntos dentro do museu já estão fechados e definidos, no caso da programação de exposições. Seria importante que o contacto entre o curador e o serviço educativo fosse permanente. Torna-se importante tomar consciência que o serviço educativo também faz parte do conjunto.

A segunda dificuldade, segundo as minhas entrevistadas, é o reconhecimento profissional de quem trabalha nesta área. O que faz um coordenador de um S.E? Ele faz marcações, ele desenha programação, gere uma equipa. Ainda assim, são muitas as instituições que têm nesta mesma pessoa quem vende bilhetes e quem também faz visitas guiadas, torna-se importante referir que isto não é um Serviço Educativo. Relembro ainda, que a mediação é a arte da relação, proximidade e do contacto.

“Uma questão a ter em consideração, é que na maioria das vezes quem marca a relação com os públicos, quem faz a frente de casa são as pessoas que estão neste campo, sejam elas a

vender bilhetes sejam elas a fazer visitas. E isto é uma área fundamental de relacionamento com as pessoas e de construção de uma imagem, não deveríamos ter qualquer trabalhador nem assumir que esta é uma área com menos importância, quando esta é marcante para a relação do público com a instituição.”²⁵

Susana Gomes da Silva

Os museus não se podem esquecer do S.E, foi na pandemia que este passou para a linha da frente e inovou nas medidas. Reinventou-se e trabalhou em equipa com a comunicação. Enfrentando uma das suas maiores dificuldades, mediar à distância. Através das redes sociais, de materiais interativos e de projetos de fruição online conseguiu sobreviver. Foi um alcance difícil, pois através destas redes não se consegue ter um *feedback* imediato, como quando se está no terreno. Mas torna-se importante reforçar que também se torna relevante ter uma presença online e com uma comunicação diária. No caso da Casa da Cerca, ativaram uma rede que estava adormecida e que nos dias que correm é uma ferramenta para qualquer instituição que quer estar viva.

A presença online funciona como um complemento de uma instituição, pois ninguém substitui uma experiência de um museu. É através do espaço físico que se difere a vivência e abertura das pessoas.

Efetivamente, a altura em que estamos ainda não é de bonança, os mediadores estão com máscara e isso faz com que as relações não sejam tão simples. A interpretação e a maneira como o nosso cérebro absorve a informação é completamente diferente.

Mesmo quando as portas abriram foi difícil mostrar e recordar que a cultura é segura e que todos os espaços abertos respeitavam as diretrizes da DGS. Foi um processo que demorou a ser iniciado e demorou mais ainda a conseguir ter novamente as visitas das escolas nos museus.

²⁵ Entrevista realizada no dia 22/02/2021 a Susana Gomes da Silva.

Iniciei o meu estágio sabendo que a qualquer momento tudo podia fechar, mas era uma ambição que tinha, poder estagiar e aprender com a parte prática. Estava disposta a enfrentar o online tendo a consciência que os meus dias podiam ser em tele-estágio e sem contacto com o público. Sabia também que poderia ser uma vantagem para mim navegar em águas nunca antes navegadas enquanto estagiária online, para colocar em prática o meu gosto pessoal pelas redes sociais. Tive a sorte da instituição me aceitar sem saber em que modos iria funcionar. Houve um compromisso de ambas as partes para que o estágio funcionasse.

Apesar de tudo, a Cultura e as portas da Casa da Cerca abriram. Estar aberta não foi um sinal de que houvesse público a entrar. Aproveitei este *gap* da melhor maneira, as minhas primeiras semanas foram de pura pesquisa, conhecimento e integração no local.

Tudo o que ambicionava para este estágio foi concretizado a 100%. Coloquei todo o meu conhecimento anteriormente adquirido neste estágio e dele saí uma pessoa ainda mais rica. Melhorei diversas qualidades tanto a nível pessoal como profissional, no que diz respeito a organização, coordenação, superação de desafios, autonomia, capacidade de liderança e trabalho em equipa. Foi uma experiência gratificante trabalhar e partilhar espaço com toda a equipa da Casa da Cerca. Deram-me a oportunidade de conhecer toda a instituição, um Centro de Arte Contemporânea situado em Almada.

Não só conheci a equipa como cada recanto da Casa, a sua história e a sua evolução foram essenciais para colocar todo o conhecimento em prática. Foi importante ter este contacto com a história para ter uma noção da importância de todos os elementos referentes à Casa da Cerca, tanto a nível arquitetónico como a nível paisagístico. Foram também fases bastante importantes para conseguir acompanhar Mário Rainha Campos no seu trabalho diário, um trabalho sempre realizado em equipa e mostrou-me a maravilha de ter um atelier disponível para experiências, realização de atividades e um contacto permanente com natureza.

Foi no espaço do atelier do serviço educativo que fizemos magia. Enquanto Artista Plástica, consegui aplicar todo meu conhecimento neste atelier, inclusive promover diversas ideias para a programação que decorreram no herbário criativo. Trabalhar em equipa tem esta vantagem, juntar diferentes conhecimentos para uma verdadeira “desbunda plástica” (expressão utilizada por Mário Rainha Campos). Foi através do atelier e das horas que lá passei, que surgiu o meu projeto, um projeto de arte

participativa que une a minha aprendizagem entre o serviço educativo e o jardim botânico da Casa da Cerca.

O projeto “Semear” foi pensado e desenhado para a comunidade, tem esta vertente fantástica de se adaptar a qualquer tipo de público. Assim que começou a ganhar forma, eu selecionei apenas um grupo. As escolas foram o público que me acompanharam nestes meses de estágio e são o meu foco na tese. Fazia todo o sentido pensar num projeto para elas. Num futuro próximo, poderá passar do papel para a parede do serviço educativo, sendo que todos os detalhes do projeto foram falados com o coordenador do serviço educativo o que torna este projeto bastante aberto e com pernas para andar.

Toda esta experiência resume-se numa etapa de vida que para mim foi bastante importante, uma etapa onde a investigação e a prática no terreno se aliaram e fizeram com que futuramente esta fosse a minha profissão. Muitos vão ser os caminhos que me vão moldar enquanto pessoa e futura mediadora cultural. Planear atividades e fazer com que os outros tenham uma experiência enriquecedora já me corre nas veias. É uma profissão que se aprende muito com a experiência no terreno. Aprendi muito com o Mário e a sua equipa e quero aprender muito mais. Esta investigação foi só o ponto de partida para uma viagem longa que ainda me resta, mas tenho a certeza que é este o caminho a seguir.

7. BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

Acaso, Maria (2019). O museu não é uma escola. Consultado em 15 Outubro. 2021. Disponível em <https://mariaacaso.es/general/el-museo-no-es-una-escuela/>

Barriga, Sara e Silva, Susana Gomes (coord.). (2007). Serviços Educativos na Cultura. Porto: Sete Pés.

Boudeau, Camille. (2020). Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea: Casa do Desenho (Relatório de Estágio de Licenciatura em Mediação Artística e Cultural não editada). Escola Superior de Educação de Lisboa.

Câmara Municipal de Almada (2021). Programa de exposições e outras atividades da Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea para o período de março a setembro de 2021. Consultado em 15 de maio. 2021. Disponível em https://issuu.com/cmalmada/docs/af_adv_casa_da_cerca_programa_singles

Câmara Municipal de Almada (2021). Programa Há Música na Casa da Cerca -2021. Consultado em 18 de maio. 2021. Disponível em https://issuu.com/cmalmada/docs/cc_ha_mu_sica_na_casa_programa_singles

Câmara Municipal de Almada (2021). Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea. Consultado a 5 de maio. 2021. Disponível em <https://www.cm-almada.pt/casa-da-cerca-centro-de-arte-contemporanea/casa-da-cerca-centro-de-arte-contemporanea>

Câmara Municipal de Almada (2021). O Chão das Artes – Jardim Botânico. Consultado em 19 junho. 2021. Disponível em <https://www.cm-almada.pt/casa-da-cerca-centro-de-arte-contemporanea/o-chao-das-artes-jardim-botanico>

Câmara Municipal de Almada (2021). Centro de Documentação e Investigação Mestre Rogério Ribeiro. Consultado em 3 Maio. 2021. Disponível em <https://www.cm-almada.pt/casa-da-cerca-centro-de-arte-contemporanea/centro-de-documentacao-e-investigacao-mestre-rogerio-ribeiro>

Campos, Mário Rainha. (2018). De todos, para todos e com todos. Serviço Educativo da Casa da Cerca. Almada

Conferência do Porto Santo. (2021). Da democratização à democracia cultural: repensar instituições e práticas. Porto Santo, Madeira – Portugal. Consultado em 25 junho.

Disponível em <https://www.culturacentro.gov.pt/media/11842/pt-carta-do-porto-santo.pdf>

Direção-Geral da Educação (2019). Plano Nacional das Artes. Consultado em 20 de junho. 2021. Disponível em <https://www.dge.mec.pt/plano-nacional-das-artes>

Fróis, Virgínia. & Fortuna, Pedro Matos. (2021). Os processos participativos e a cerâmica. Lisboa: VICARTE/FBAUL

Matarasso, François. (2019). Uma arte irrequieta. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Morsch, Carmen. (s.d.) Time for Cultural Meditation. Consultado em 3 Maio. 2021. Disponível em <https://www.kultur-vermittlung.ch/zeit-fuer-vermittlung/v1/?m=0&m2=1&lang=e>

Paiva, Elisabete. 2006. Centro Cultural Vila Flor Guimarães. Jornal do Serviço Educativo, N°0, pg.1 Consultado em 7 de maio. 2021 <https://www.aoficina.pt/>

Plano Nacional das Artes 2019-2024. Uma estratégia, um manifesto. República Portuguesa Cultura e Educação. Consultado em 20 de Abril de 2021. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/PNA/Documentos/estrategia_do_plano_nacional_das_artes_2019-2024.pdf

8. APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas

Nome: **Joana Henriques**

Coordenadora Serviço Educativo MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

Entrevista realizada dia **17/12/2020**

Duração da entrevista **58'32''**

1. Qual é a principal missão de um serviço educativo numa instituição?

A que nós definimos no início, quando eu fui convidada para criar um serviço educativo da área artística da fundação EDP, nós definimos uma missão. Esta missão não está estanque e vai sendo adaptada, faz parte da própria missão ela estar aberta o suficiente, para se ir adaptando aos públicos e aos tempos em que vivemos. Faz muito sentido quando estamos a falar de um museu de arte, e de um museu de arte contemporânea, ter uma reflexão do presente e do contexto sociocultural onde se insere de todas as realidades dos tempos atuais.

No contexto do Maat, uma das definições importantes é ser um espaço de educação não formal, de experimentação, de diálogo e de dar voz também ao público. Não ser apenas um veículo, nem uma transmissão vertical da cultura ou de todos os tópicos que nós queremos discutir no museu e de todas as temáticas que queríamos trazer para o museu. Também era importante para nós, ser um espaço de reflexão: o que é, o que pretende e o significado de um serviço educativo.

Por tradição temos este nome, porque a maioria dos museus tem esta definição, mas na prática nós identificamos muito mais, com programação educativa, em muitos museus e no contexto anglo-saxónico já nem sequer colocam a palavra educação. Colocam apenas a palavra aprender, porque já são espaços de educação não formal e essa diferenciação é muito importante.

Nós podemos experimentar e falhar e dá-nos uma ação de liberdade e que tem muito a ver com o ato artístico, para surgir a criatividade e a importância do pensamento criativo. Também queríamos ser um espaço de discussão para pares e de reflexão sobre exatamente o que deve ser um serviço educativo e qual é o papel do museu, qual a sua ligação com a sociedade, com o território e com a arquitetura, pois é um tema que abordamos muito no Maat.

Existem estes dois polos, eu não gosto de definições estanques, mas sim definições que vamos debatendo ao longo dos tempos com pessoas que trabalham nesta área. Gosto muito dessa liberdade de poder experimentar e teorizar, e hoje podia dar aqui uma definição de A ou de B do serviço educativo, mas se calhar amanhã já nos teríamos adaptado e já não seria nada disso, porque através da experiência percebemos que não funciona. Mas o importante é que haja uma voz participante e de alguma forma que haja um empoderamento e uma passagem, daí a palavra mediação, tem vindo a crescer neste meio, em vez de educação.

O termo visita guiada, utilizamos! Mas mais uma vez só porque na gíria é aquilo que se usa. Se dissermos visita orientada as pessoas não percebem bem, ainda se identificam com a visita guiada e é uma discussão que até temos com o nosso departamento de comunicação 'no site se colocarmos visita guiada, fica muito mais claro e as pessoas sabem o que é, visita orientada as pessoas não sabem'. Mas nós dizemos visitas orientadas e não guiadas porque o guiar implica que haja alguém que está numa relação, eu estou a guiar alguém, eu estou a dizer exatamente quais são aquelas *guidelines*. E a intenção não é essa, é que as pessoas cheguem às *guidelines* ou cheguem à exposição, ou aos conteúdos que nós estamos a querer discutir, que cheguem através das suas próprias ferramentas com esta mediação com alguém da equipa educativa.

2. Qual deve ser a formação de um educador ou de um monitor? E qual seria a denominação atual mais acertada?

Quando eu comecei a trabalhar a palavra eram monitores, como se chamavam. Depois, a palavra e até a própria profissão foi sendo definida. Depois passou para mediadores e agora já há muitos museus que chamam educadores e até mais uma vez, no contexto anglo-saxónico, '*educators*', usa-se para se referir aos mediadores dos museus.

Nós no Maat referimo-nos a mediadores, identificamo-nos com mediação e educação. Penso que a palavra transitou dos monitores porque de alguma forma a palavra monitor tinha exatamente esta conotação, de dar uma resposta fixa, ou também porque é uma palavra de alguma maneira desvalorizada. E depois evolui para educadores, é um conceito que também está em constante evolução.

Se nós pensarmos, em Portugal, o primeiro museu a ter serviço educativo, foi o Museu Nacional de Arte Antiga. Os museus apareceram primeiro e os serviços educativos e as suas equipas apareceram depois. Muitas vezes são serviços externos, até em museus como o MOMA, a maior parte da equipa educativa são mediadores externos, o que também diz muito sobre a evolução deste departamento e a importância que o próprio

visitante e participante foi adquirindo ao longo dos tempos, no espaço do museu. Até na própria definição de museu, a palavra educação só aparece mais tarde, não aparece no início.

No Maat nós usamos mediadores, eu não sei qual é a definição, ou seja, eu não quero dizer se há uma definição correta ou que ela não se altere. Eu acho que é bom, esta palavra ir-se alterando e não ser estanque. Também já se fala muito em curadoria educativa, o Brasil já tem esse conceito mais segmentado do que em Portugal, onde praticamente ele não é falado e não existe. Mediação neste momento, é aquilo que faz sentido no Maat e é o que nós usamos, mediador, alguém que faz a ponte entre o ponto de chegada e ponto de partida.

3. Na sua opinião, de que modo um serviço educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos do domínio das artes?

Eu diria que é todo um mundo a explorar, muitas vezes o que acontece é que há muitos conteúdos que são apresentados nas exposições, que são conteúdos de mediação: os textos de sala, materiais auxiliares de conhecimento, materiais didáticos, materiais interativos em que a pessoa carrega e percebe mais sobre o conceito, portanto, isso acabam por ser materiais de mediação didáticos. Depois há todo o papel das pessoas que trabalham com essas áreas e dos programas que são construídos à volta da obra de arte e do produto artístico.

O serviço educativo acaba muitas vezes por ser um desbloqueador, principalmente quando estamos a falar de arte contemporânea, existe muito o estigma de 'isto também eu fazia' ou as pessoas são muito mais intolerantes, quando pensam em obra de arte, principalmente para o público português neste contexto, o público português ainda tem muito aquele estigma que uma obra de arte é feita para contemplar, portanto ela tem que ser figurativa ou tem de alguma forma consensual e a arte contemporânea quer-se que seja um desconforto, fala em temas e discussões e é um espaço de agitação muitas vezes mais do que uma contemplação passiva.

Quando as pessoas chegam ao museu, acham que têm automaticamente as ferramentas para conseguir interpretar aquela obra e muitas vezes não acontece, têm que ir à procura, têm que ir ler os textos de sala, têm que saber mais sobre o artista, têm que pensar sobre a arte e sobre aquilo que estão a ver. Como não têm essas ferramentas e já vêm com esse pré-conceito, acabam por rejeitar ou por serem muito mais intolerantes. Quando estamos a fazer uma visita que é mediada por outra pessoa, é mais fácil de ir quebrar essas barreiras. É interessante que nós temos também o

museu Central Tejo, a central elétrica, que está ligada a ciência e é interessante ver como as pessoas estão habituadas, no museu de ciência, muito mais facilmente serem confrontadas com contextos complexos que não compreendem e vão à procura da informação e nem sequer veem como uma afronta, acham naturalmente que vão à procura de informação.

Quando chegam a um museu de arte se não é uma compreensão óbvia, muitas vezes até ficam a sentir-se insultadas, como se já tivessem que ter essas ferramentas e não têm.

Porque a arte contemporânea está cheia de referências, autorreferências, definições e conceitos. A maioria das vezes vai também buscar outras referências históricas e sociais. E a mediação é muito importante nessa parte e principalmente para o público português. Muitas vezes as pessoas dizem-nos que depois de uma visita ou de um programa que nós façamos, não implica ser sempre só visitas - um serviço educativo é muito mais do que isso, e como as pessoas dizem: 'pois eu não imaginava ser isto ou aquilo'. Normalmente a sensação é muito mais positiva do que quando não há esse papel da mediação.

Quando falamos do objeto artístico, o ponto de partida para a mediação não pode estar demasiado centrado nem na obra de arte nem no próprio indivíduo, tem que ser exatamente este caminho fluido, este processo que vai e que vem, de empoderamento e de debate de conceitos. Não podemos de repente, estar ali a não referir ou a não refletir sobre o produto e obra artística que temos à frente, mas ao mesmo tempo não nos podemos desligar de quem temos à nossa frente, quem são essas pessoas e quais as ferramentas que têm em si para conseguirem chegar à obra de arte.

Muitas vezes é difícil partir do raciocínio abstrato, muitas vezes temos que pegar nas referências das pessoas que temos à frente, às vezes aqueles 5 minutos que nós conversamos informalmente com quem estamos a fazer a visita, são extremamente importantes porque permite ao mediador perceber quais são os territórios onde se pode movimentar, parte do referente concreto para depois conseguir chegar à obra de arte.

Também é muito importante que o discurso esteja alinhado com aquilo que é a obra de arte, e com o discurso do próprio artista que já foi produzido.

No Maat nós gostamos muito de trabalhar assim - haver uma conversa ou um debate com o artista, bastante estreito - o que é que ele entende, quais são os caminhos e o que é que me interessa trabalhar com o público. Tentamos sempre construir os programas em diálogo estreito com o artista e é muito importante que ele esteja em consonância com o discurso que irá ser produzido da parte do museu em relação aquela obra. Sendo que a interpretação da obra está sempre livre, a partir do momento em que o artista produz a obra ele perde o controlo sobre a sua interpretação ou então há

artistas que preferem produzir um discurso longo sobre a sua obra para condicionarem para onde ela vai ser interpretada. Quando não há produção de discurso, seja através de curadores, investigadores, críticos ou do próprio artista, quando não há discurso produzido daquela obra o observador tem muito maior liberdade de interpretação, a partir do momento que nós lhe damos uma legenda, ele já acaba por condicionar, até a própria legenda sem título já estamos a dar uma interpretação.

4. Considera importante a deslocação de uma instituição cultural às escolas e vice-versa? De que modo o serviço educativo e as escolas trabalham?

A relação com o ensino, e tendo nós educação na palavra, na definição do nosso departamento, é extremamente importante. Como referi logo de início, há aqui dois espaços muito importantes, em que o museu é um espaço de educação não formal e a escola é um espaço de educação formal. Portanto a escola tem que obedecer a determinadas regras e temáticas. O museu acaba por ser muito mais livre e quando estamos a falar de um museu de arte contemporânea trabalhamos muito com a criatividade, a importância do pensamento criativo e como nos vai dar ferramentas para empoderamento e para a criação de soluções em todas as áreas. A arte não produz arte, a arte abre-nos também a soluções criativas para outros problemas que nós possamos ter no nosso dia ou até para resolver problemas de matemática, etc. E no museu nós podemos experimentar e errar, muitas vezes as escolas e a relação com as escolas é quase como se fosse um complemento e nós temos programas que não são isolados, a maioria destes programas que têm exatamente frutos para o aproveitamento para os alunos, em que haja uma mudança mais consolidada. São programas continuados, ou seja, vêm mais que uma vez durante o ano letivo, o mesmo grupo vem mais que uma vez ao museu. Não quer dizer que não haja determinadas temáticas que uma turma vem só uma vez num ano ao museu, por exemplo quando estamos a falar da parte da eletricidade ou da Central Tejo aí as escolas quando estão a dar essa matéria vêm ao museu para que os alunos percebam melhor o que é a eletricidade e o que estão a dar na sala de aula. Nas nossas exposições muitas vezes os professores também nos procuram porque estamos a falar de um determinado assunto, já tivemos uma exposição que falava muito da temática da poluição nos oceanos e os professores vinham. Essa exposição teve muita afluência de escolas e os professores vinham exatamente complementar aquilo que estavam a dar em aula. Uma forma de aplicação e de conhecimento prático, e também apesar de não se falar muito nisso, importância da arquitetura na nossa percepção do conhecimento e na nossa forma de estar e nas nossas vivências. E por vezes basta, sair da arquitetura da escola e passar para a

arquitetura de um museu, com um espaço novo, por vezes isso também acaba por ser uma abertura para os alunos terem uma maior disponibilidade para investir num conhecimento diferente na criatividade. Isto também são desbloqueadores e é muito útil para os professores poderem abordar determinados temas e mostrar outros contextos e outras realidades, de uma forma prática do que é dado em teoria na sala de aula e depois também há uma forma de trabalhar mais sedimentada, como eu referi anteriormente, os programas continuados. Há muitos museus que também trabalham com este tipo de programas, há sempre uma ligação estreita entre escolas e museus, no caso do maat em concreto, os processos continuados são desenvolvidos num diálogo estreito com os professores e com a escola, para perceber o que é que eles pretendem e quais são os objetivos, perceber qual é o *matching* e quais são as ferramentas que o museu tem que possam ser úteis para trabalhar com aquele grupo de alunos.

O maat faz a divulgação dos seus programas e alguns programas com algum artista específico, nós vamos à procura de determinadas escolas porque faz sentido, e quando falamos em escolas não estamos só a falar de escolas do 1º ano ao 12º ano, estamos também a falar de escolas profissionais ou até escolas técnicas. Ou as escolas vêm ter com o museu, pois o museu interessa porque fala sobre determinadas temáticas e temos este programa que querem começar a construir um programa connosco (maat). O museu também procura dar-se a conhecer, não forçamos nenhuma escola a trabalhar connosco quando não há esse interesse. Quando falamos deste tipo de programas tem que haver mesmo uma confiança de parte a parte e um querer estar e participar. Mas o que o museu também faz é tentar disponibilizar-se à comunidade local e com a construção do novo museu, como veio alterar ali as vivências da área ribeirinha de Belém, também é muito importante que haja uma ligação. Houve um projeto, um programa que nós temos de residências de verão, para jovens. Esse programa começou por ser para jovens da comunidade local e também inclui jovens do outro lado do rio. Muitas vezes o que acontece é que as escolas, também trazem números! É muito contemporâneo, hoje em dia somos avaliados por números, os números estão em todo o lado. Os nossos indicadores de sucesso são sempre números e existe muito essa pressão por parte das direções e a taxa de sucesso muitas vezes é avaliada em números de participantes, porque é muito mais difícil de contabilizar os efeitos que aquele determinado programa teve a longo prazo, naquelas pessoas e o impacto que uma ida ao museu teve no futuro. Os museus também se sentem muito tentados a ir buscar as escolas porque eles vêm aos 30 de cada vez, mas é necessário haver um equilíbrio, a nós interessa-nos números mas também nos interessa, acima de tudo, que haja uma educação e que haja de alguma forma uma transformação e uma mudança.

A cima de tudo o museu é de todos, é um património da sociedade. A partir do momento que nós temos uma definição de museu, temos uma determinada responsabilidade e interessa-nos muito mais que ter muitas escolas, interessa sim, que essa experiência seja uma experiência positiva do que somente tê-los a passar no museu como se fosse a passar pelo centro comercial. Interessa que essa experiência de alguma forma fique, não haja uma mera passagem pelo museu.

Nos programas continuados, também existe ao fim de semana, o sábado com as famílias, as famílias que podem, porque as famílias dizem-nos 'ah pois há uns tempos tem estado sempre a falar e eu não percebia o que é que era e agora fico com uma noção'. Não é só trazer aquele aluno, mas é o aluno e toda a sua bagagem e todo o seu contexto e toda a sua vivência que está ali à nossa frente e a importância da família, se nós conquistarmos a família mais facilmente conquistamos o aluno. É nestes projetos continuados que há uma relação muito mais próxima e continuada e a sedimentação do conhecimento acaba por ser muito mais possível.

5. Qual é a sua opinião sobre a percepção dos alunos sobre a importância do papel da mediação?

O feedback é 99% ou mais positivo, às vezes são empatias, toda a nossa vivência é feita de empatias, empatia com o museu, com o edifício, com a pessoa, etc. E às vezes acontece não haver um *matching*, mas a maior parte das vezes, e a metodologia que usa a nossa equipa de mediação tem muito haver com isso, com quebra gelos, descobrir quem é que são aqueles alunos, quem são aquelas pessoas. há uma série de técnicas que usamos para que aconteça a empatia e para haver essa ligação essa correspondência, há ferramentas artificiais que nós utilizamos para tornar essa experiência o mais positiva possível. Eu diria que o feedback é sempre positivo e muitas vezes o feedback que temos é que há uma abertura que os alunos manifestam que de outra forma não teria acontecido, alguma coisa acontece ali, quando há uma pessoa que está com eles e que ouve as suas perguntas e responde às suas perguntas, do que se eles fizessem apenas uma visita em que eles leriam os textos de sala e olhariam para as obras. Para nós também é muito importante no nosso museu, termos sempre este fator do humano, ter uma pessoa. Podíamos ter apenas *audioguides*, mas não é esse o nosso objetivo, são experiências válidas, são duas ferramentas de mediação, mas elas são bastante diferentes. Um *audioguide* por mais opções que tenha A) , B) ou C) e até pode ter lá gravado algumas perguntas *standart*, são sempre perguntas *standart*. Também é interessante que esta experiência de comunicação, fica sempre um emissor e um recetor e haja uma troca entre eles e muitas vezes essa experiência, essa

abertura também passa para o próprio mediador. Ou seja, há perguntas e reflexões que são trazidas por parte dos públicos que nos vêm visitar, que estão na visita e que de repente dizem 'ah nunca tínhamos pensado nisso, se calhar nem o artista pensou nisso, mas isso até é interessante de trazer para a discussão'. Acho que mais do que ouvir é dar voz, os programas educativos têm muito em museus, especialmente em museus de arte contemporânea, têm esta característica de dar voz, não é só dizer, falar e mostrar também há um ouvir. Eu diria que é de parte a parte e a maioria do *feedback* que nós temos é positivo.

6. Que estratégias existem para captar a comunidade, como trabalham e como se relacionam.

Eu sou responsável por determinados programas educativos e públicos e depois ainda há os meus colegas de curadoria que fazem a parte das exposições, cada diretor tem uma linha programática que depois nós temos que nos adaptar e há programas que depois continuam e que são transversais ou que já têm bastantes anos. E neste momento o Maat com esta nova direção da Beatrice Leanza, que mudou um bocadinho a sua linha programática e passou muito mais a incluir a discussão design e o designer, que não estava tão assente na programação do anterior diretor. É mesmo um equilíbrio e uma balança e nós temos a vantagem de ser um museu muito grande, se pensarmos no contexto nacional, muito diversificado. Nós temos desde a Central Tejo com o percurso da central elétrica, temos sempre patentes 4 exposições temporárias no mínimo, ainda temos dois edifícios extremamente ricos enquanto património e depois ainda temos programas públicos que nos vêm em parceria e na altura estrategicamente, que é um tema do momento do aqui e do agora, que apesar e haver muita gente a falar sobre isso, por exemplo com o tema do pós colonialismo que todos os museus já falaram sobre isso durante muitos anos e nós na altura pensamos que estava tudo a falar mas o Maat também não podia não deixar de falar. No museu há determinadas temáticas que têm que trazer exatamente como um *statement* para a comunidade onde se insere, seja a comunidade artística seja a comunidade em geral, às vezes são *statements* que se faz e a importância de falar para a própria comunidade artística. Algumas exposições são direcionadas mais a um público especializado e por exemplo, há certas exposições ou programas que são feitos para dialogar com a comunidade de estudantes académicos ou com escolas. Na verdade, é um equilíbrio que se vai fazendo. Para o Maat é bastante fácil, porque estamos sempre a trabalhar e temos muito património.

Vamos construindo vários programas para vários públicos diferentes. Não deixando sempre de serem escolhas que por mais que vamos fora, e temos muitos programas que fazemos isso, vamos procurar à comunidade local e perceber o que faz sentido falar aqui, em Lisboa, neste tempo. Se calhar é diferente do que faz falar em Londres daqui a um ano. Temos o tempo e o espaço que são muito importantes e faz sentido falar aqui e agora. Depois também temos os que surgem de dentro, uma temática levantada pelo artista ou por um performer que sugerem que o tema poderá ser discutido com escolas ou com a comunidade LGBTQI, por exemplo. Até por vezes fazemos ao contrário, determinados artistas que já vêm com o público definido e assim desenvolvemos um programa mais genérico com um público mais abstrato e depois se calhar vamos à procura do *matching*, e vamos falar com instituições ou lançar *open call* de idades ou de profissões.

7. Atualmente, qual será a maior dificuldade que um serviço educativo enfrenta?

Queria começar por uma coisa positiva, o facto de haver um Plano Nacional das Artes em que está preocupado e está mesmo! Foi decretado, mesmo neste contexto pandémico que as escolas deveriam sair e a importância da educação artística, do sair e da cultura. Mesmo havendo estas diretrizes do Ministério da Educação e o incentivo para as escolas saírem, não quer dizer que elas tenham saído. E acredito que também as escolas, principalmente neste 1º período, tiveram muito a organizar-se e a perceber como é que internamente poderiam funcionar, temos esperança que agora no 2º período tenham essa disponibilidade para sair. É difícil dizermos às escolas que o museu é um local seguro, porque temos todas as condições, desinfetamos todos os materiais que usamos, temos máscaras, respeitamos os números definidos pela DGS. Mas torna-se difícil, porque a própria escola está a perceber o que é seguro ou não. Neste momento, temos muito poucas visitas de escolas, algumas universidades e alguns programas que estão acontecer, são poucos destes continuados que há uma pré-existente com o museu e em que estamos a fazer sessões online, e estamos também a ir à escola. Eu tenho algumas preocupações, isto acaba por ser economicamente viável para a escola, não tem que agendar os transportes, torna-se mais barato. Para a maior parte das escolas os transportes são municipais, têm que ver se há disponibilidade com as juntas ou com as câmaras, reservar transporte, depois tem que ser naquele dia aquela hora, depois só têm determinado número de transportes por ano para todas as saídas da escola. Portanto, implica toda uma logística e capacidade financeira que se passar o museu a ir à escola ou se fizerem sessão via zoom, há aqui uma parte que acaba por ser mais ágil e é mais fácil de implementar. Mas não substitui a vinda ao museu e isso

é importante que esteja muito claro junto dos professores e junto dos alunos. Estes programas até que nós estamos agora a começar e que há todo um cronograma já de sessões agendadas, de visitas à escola e sessões Zoom, o modelo vai relembrando que: atenção assim que houverem as condições para vocês virem ao museu, é muito importante que os alunos venham ver o espaço. Porque a vivência e a abertura que a pessoa tem ao estar num espaço físico é diferente. É muito diferente, isto que nós estamos aqui fazer, se calhar a entrevista seria bastante diferente se estivéssemos as duas pessoalmente uma em frente à outra. Este tipo de consequência também destas plataformas digitais e desta fase que só vai ser estudada, eu diria, daqui a um ou dois anos, só aí nós vamos perceber o impacto desta forma de aprendizagem que nós estamos a fazer agora. O que é isto de aprender olhando para um ecrã de um computador? E mesmo que seja neste momento no espaço do museu as visitas são com máscara, porque quando estamos a falar de oradores que estão no espaço fixo e que têm a distância de segurança, aí é diferente. Mas nas visitas como é muitas vezes difícil, nós acabamos por nos aproximar do grupo, os mediadores estão com máscara e isso também faz com que a interpretação e a maneira como o nosso cérebro absorve a informação seja completamente diferente. O museu está a procurar adaptar-se, fazendo visitas via Zoom, que haja um diálogo com os alunos e marcar essas visitas. E temos bastantes programas online, ferramentas e conteúdos que disponibilizamos, mas de qualquer maneira não substitui a experiência de um museu.

Nome: **Susana Gomes da Silva**

Coordenadora do Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna- Fundação Calouste Gulbenkian

Entrevista realizada dia **22/02/2021**

Duração da entrevista **1H09'25''**

1. Durante a minha pesquisa pelo site da Gulbenkian, foi-me difícil chegar à palavra serviço educativo. Qual o motivo que levou a Gulbenkian a utilizar a palavra atividades culturais?

Para responder à tua pergunta tenho que contar uma história, para perceberes o contexto.

Eu não devo falar em nome da Gulbenkian, porque na verdade eu sou responsável por um serviço educativo, numa instituição que não tem só este, tem vários!

No fundo existem três serviços educativos: o serviço educativo dos museus, o serviço educativo da música e o serviço educativo do jardim e edifício. Estes serviços educativos, embora internamente sejam designados como tal, de facto para a comunicação com o público, eles não são apresentados como serviços educativos e a razão foi justamente por serem vários durante uma série de tempo.

Cada um dos serviços educativos, trabalhava a sua comunicação de forma independente, isto gerava nos públicos alguma cacofonia porque dificultava o cruzamento de públicos, fazia com que a nomenclatura de divulgação das atividades fosse diferenciada e os próprios procedimentos para as marcações também fosse diferenciado.

Em 2007, criou-se uma plataforma que se designou por Programa Gulbenkian Educação para a Cultura - Descobrir. O Descobrir passou assumir este papel, não passou a ser o serviço a que todas pertencíamos, porque nós continuámos a estar sujeitas, do ponto vista orgânico às nossas unidades orgânicas (Museu, Música e Jardim), mas o Descobrir ocupou este espaço, sendo o espaço de representar tudo o que era programação de carácter educativo que fosse feita na Fundação e trabalhar a uniformização de duas áreas fundamentais, uma delas era a da comunicação e a outra era a do funcionamento, ou seja, tudo o que era gestão de marcações de grupos, que é uma área essencial para este trabalho. E esta é a razão, deixámos de ter a designação de serviço educativo em qualquer sítio, porque a comunicação passou sempre a ser feita em nome deste Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, que englobava toda a gente. É como se fosse um mega serviço educativo que não se designou como

tal, designou-se como programa até porque transcende um bocadinho a ideia de serviço educativo original/tradicional.

O Descobrir de alguma forma, integra e divulga todas as iniciativas de carácter educativo de cada um dos serviços que já existiam também, tinha uma área transversal de criação de novos programas e propostas de conteúdos. Inclusivamente passámos a trabalhar algo muito importante, há muitas outras áreas da Fundação que têm muitas das vezes necessidade de desenhar um projeto de carácter educativo de outras áreas que não têm uma necessidade de ter um serviço educativo permanentemente, mas quando se veem a braços com uma iniciativa que de facto beneficiaria muito de uma programação educativa coerente e consistente, solicitam aos serviços educativos existentes ajuda no desenho de programação, montagem e gestão de todo o programa. O Descobrir também vinha ocupar este lugar, vinha possibilitar criar propostas com consistência, com regularidade e com toda a máquina, no fundo de apoio necessário para projetos que não eram necessariamente dos serviços educativos preexistentes.

Deixas de ter a palavra serviço educativo e passas a ter quase sempre Descobrir, ainda hoje se fores ao site da fundação, de facto o que aparece é uma área que se chama atividades educativas. Também tem vindo a mudar e neste momento posso dizer que se chama atividades educativas, porque tem sido um trabalho feito com o *marketing* para encontrar a maneira mais simples de fazer o público chegar aquilo que procura.

Chegou-se à conclusão que as pessoas o que querem é uma atividade concreta, a palavra atividades, tornou-se aquela que mais facilmente direciona as pessoas para aquilo que estão à procura. Porquê? Porque sabemos que somos uma casa muito grande, e nesse aspeto somos um bocadinho diferente dos outros que tu entrevistas, porque a Fundação faz muitas outras coisas para além das atividades com o seu património direto.

O museu e as coleções são um património que a Fundação tem e que é seu, o jardim e o edifício também são património e a temporada de música, que trabalha com o património da Fundação diretamente.

A Fundação faz muitas outras coisas e tem uma área subsidiária muito grande de apoios, de intervenção na sociedade e bolsas. Chegar ao site da Fundação e comunicar tudo isto não é muito simples. Todas as áreas de trabalho da Fundação têm uma espécie de micro site à parte, ou seja, aquela página onde entramos é um primeiro lugar, onde se encontra tudo e depois é suposto ser muito fácil e rápido encontrares a área específica que estás a encontrar e clicar. Quando se clica em atividades educativas, o site onde vais parar é o Descobrir, até podes não passar pelo da Fundação, mas se colocares Descobrir.pt vais parar exatamente ao site, mais uma vez é uma espécie de panorâmica de tudo o que está dentro do Descobrir e depois então vais por públicos ou

tipos de atividade. O Descobrir continua a ser este espaço que tem lá dentro todas as iniciativas e todas as programações de carácter educativo, dos três serviços educativos que existem, mas não só, o Descobrir é este espaço comum que junta tudo o que seja iniciativa de carácter educativo.

Este Descobrir nasceu em 2007, figurou durante uma série de anos, tinha uma visibilidade diferente porque se assumiu como um Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, depois passou a ser para a Ciência e para a Cultura, porque inclusivamente o Descobrir começou a trabalhar com projetos de ciência, quer fosse porque haviam exposições de ciência, quer viessem pelas nossas relações com o IGC (Instituto Gulbenkian de Ciência), também tem um conjunto de iniciativas de divulgação de ciência e de contacto com públicos.

O Descobrir era um programa, isso dava-lhe uma visibilidade muito diferente e permitia afirmar-se neste território da programação educativa, não só como um espaço que integrava tudo o que já existia, mas um espaço que propunha conteúdos diferentes e fazia iniciativas próprias. Ao fim de uns anos, entre 2015/2016, os programas são avaliados, normalmente têm uma duração de cinco anos e depois são avaliados sucessivamente, para ver a necessidade de se manterem. Foi chegada a conclusão que o Descobrir tinha conseguido uma coisa muito importante, transformar-se num nome e numa marca conhecida, ou seja, as pessoas já sabiam quando procuravam informação de carácter educativo, procuravam o Descobrir, era esse espaço na Fundação. Valia a pena manter a marca que era conhecida, mas que aquela dimensão, ~~sobretudo uma dimensão~~ de criação de conteúdos que era um programa por si, ~~pois~~ não se justificava, porque os serviços educativos tinham ganho uma maturidade e uma autonomia muito grande.

O Descobrir que se encontra hoje em dia é mais uma área de integração de todas estas iniciativas e de comunicação das mesmas, do que um programa como foi originalmente. E esta também é a razão pelo qual a visibilidade que encontras é diferente, ele na verdade agora está muito mais diluído naquilo que são as ofertas e os serviços que a Fundação tem para os seus públicos. Ele dilui-se porque a Fundação também o assumiu como uma área de trabalho da nossa programação e deve aparecer em paridade com todas as outras.

2. Qual a principal missão de um serviço educativo?

Eu costumo dizer que o que nós fazemos no serviço educativo é construir relações e mediar, sendo que para mim mediar é estar entre, entre de construção e um entre

relacional. Entre objetos e pessoas, entre ideias e matéria, entre pessoas de carácter diferente entre curadores, diretores, investigadores e público.

Portanto, é um lugar dinâmico e vivo, mas é um lugar de construção de relações e é um lugar de construção de significado, de sentido.

Numa definição muito genérica eu diria que o mais importante é esta ideia de estarmos entre e de construirmos relações, sejam elas do ponto de vista do conhecimento ou do ponto de vista emocional, afetivo e pessoal e até da compreensão e discussão das coisas.

Posto isto, para mim o grande objetivo de um serviço educativo é ser um dos muitos espaços que um museu ou uma instituição cultural tem e deve ter, para poder desenhar lugares diferentes, para estabelecer estas relações. Qualquer instituição cultural que tenha uma programação e que esteja aberta ao público já faz isto, tudo aquilo que desenha, tudo aquilo que decide expor, espetáculos que quer colocar, são formas de se relacionar. Há no fundo uma definição, ainda que seja imaginativa, mas de um interlocutor, de um recetor, há um conjunto de coisas que se querem fazer, dizer, coisas que se querem mostrar, isto em si já tenta construir uma relação.

O serviço educativo ocupa o lugar onde esta relação se faz de forma mais direta e mais concreta, e também de forma mais minuciosa no sentido em que é o serviço educativo que normalmente ocupa o lugar da grande diversidade, é o serviço educativo que define muitas das vezes que para trabalhar com público familiar faz-se uma coisa mas para trabalhar com público universitário se faz outra, que para poder trabalhar com adultos se faz de uma maneira ou se queremos trabalhar com os vizinhos à volta da instituição e que têm mais de 70 anos, se faz de outra.

É um trabalho mais de atenção, mas é sempre um trabalho de construção e de reforço de relações, sendo que não é exclusivo do serviço educativo, e este para mim é um dos problemas que muita das vezes está por trás do papel ocupado pelos serviços educativos, quase sempre os serviços educativos são vistos como uma espécie de braço de extensão de um trabalho de divulgação de uma instituição, mas apenas para públicos que não o conseguem fazer sozinho, ou seja, um trabalho de facilitação de acesso. Também é verdade, mas não é a única coisa que se faz. O serviço educativo ocupa um espaço bastante mais rico do que esse, ele é um aliado tremendo em qualquer instituição para a construção das relações que essa instituição quer estabelecer com os seus públicos, é ainda por cima o espaço onde isso se pode aprofundar e enriquecer, um espaço onde tanto pode acontecer relações curtas no tempo, como aquela que se estabelece com o visitante que vem ver uma visita geral a uma exposição, como aquela que acontece com participantes com projetos de média/longa duração, uma relação que

vai aprofundando e amadurecendo. O serviço educativo é isto, um aliado profundo de uma instituição.

3.Qual deve ser a formação de um educador ou de um monitor? E qual seria a denominação atual mais acertada?

Temos vindo a utilizar cada vez mais a noção de mediador, mediador cultural!

Esta designação coloca o ênfase que para mim é o trabalho fundamental, este trabalho de construir relações entre e pontes entre. Este tal espaço é uma interface de ligação com muitas coisas, o que o mediador faz é ocupar e desenhar este lugar em que se estabelecem estas relações.

Mediador é uma palavra feliz e muito completa a designar esta profissão, quanto à sua formação, a questão é um pouco mais complicada. Primeiro, não há um reconhecimento da profissão e também não tens nenhum curso para mediadores culturais. Muito dos mestrados ou das licenciaturas que existem na área da cultura nem sequer consideram a área da mediação e do trabalho do mediador como uma área importante de formação. Neste momento eu dou aulas no Mestrado de Museologia da Universidade Nova de Lisboa, numa cadeira semestral e opcional que se chama Mediação e Educação em Museus, mas mesmo esta cadeira é recente na história do mestrado, e que eu saiba há dois mestrados no país, este e o da Universidade do Porto, coordenado por Alice Semedo, que trabalham a área de mediação e educação em museus. Com isto, é difícil pensares que há alguma formação académica que habilita estas pessoas a terem a designação de mediadores culturais. Até porque para se ser mediador cultural tem que se ter formação na área para a qual vai trabalhar, deveria ter formação pedagógica sobre teoria educativa, teorias do conhecimento e da aprendizagem, para poder estar dotado de um conjunto de conhecimentos que permitem desenhar estratégias efetivas e eficazes para trabalhar com pessoas diferentes e poder ter formação numa área que tivesse mesmo a ver com a mediação cultural ou científica. Porque trabalhar num museu ou num teatro é muito diferente de trabalhar num centro de ciência, são desafios diferentes. Eu diria que a formação ideal seria a conjugação destes vários elementos, é absolutamente essencial que as Universidades e os Politécnicos comecem a encarar esta área como uma área que precisa de investimento académico, de investigação e formação. Ou seja, não ficaria nada mal que os institutos tivessem uma área associada a várias licenciaturas, por exemplo, porque não é exclusivo de uma, poderia ser uma coisa transversal a várias áreas de formação.

4. Considera importante a deslocação de uma instituição cultural às escolas e vice-versa? De que modo o serviço educativo e as escolas trabalham?

É sempre importante que as coisas tenham sempre mais que um lado, acho sempre mais interessante quando promove uma relação em que não há uma espécie de anfitrião, que está sempre no mesmo sítio e que recebe quem quer vir. Nesse sentido acho tão importante as escolas virem como nós irmos às escolas, inclusivamente acho saudável que o museu saia e vá encontrar as comunidades e os públicos variados noutros sítios que não o espaço do museu. Se pensarmos que este encontro é só feito no espaço do museu, significa que já só estamos sempre a ver os que entraram e os que vieram e toda a infinidade daqueles que não entram por razões muito várias.

Relativamente como trabalhamos com as escolas, nós temos vários tipos de abordagem, temos uma programação, que chamaríamos a programação regular. É uma programação que é lançada no início do ano letivo, respeitando os ritmos e os *timings* das escolas porque sabemos qual é a altura onde é preciso tomar decisões, desenhar planos de ação educativa e o plano de atividades, a tempo e a horas de poder haver um trabalho preparatório por parte dos professores.

A programação regular traduz-se em três tipos de iniciativa: as visitas, as oficinas para escolas e os cursos de formação para professores. Esta programação regular é desenhada assentando em premissas, que são as premissas que nós trabalhamos do ponto de vista teórico, o construtivismo crítico e social. São premissas que defendem o processo de aprendizagem, como um processo ativo e dinâmico feito pelo próprio aprendiz, isto significa que quando nós desenhamos esta programação de visitas, não estamos a desenhar visitas ou oficinas em que um grupo escolar vem com o seu professor e nós dizemos-lhe o que é que eles têm que ver ou saber sobre. Estamos a dizer que temos uma programação muito variada, normalmente temática, em que cada proposta é uma porta de entrada possível e diferente para olhar para uma coleção ou para uma exposição, pode ser pela via do movimento ou pela via do som, pela interpretação, pela matemática ou pelas noções mais filosóficas. No fundo a nossa programação é uma proposta muito diversificada de possibilidades de olhar para uma obra de arte. Permite logo, à partida, que se perceba que nós não encaramos nem uma coleção nem uma obra de arte, como um elemento que tem uma única explicação e uma única forma de ver. A nossa programação também mostra que é preciso questionar, quase todas as nossas propostas são baseadas em questões. O modelo com que nós trabalhamos não só questionador, mas dialogante e em que se trabalha sempre a partir do que as pessoas sabem ou acham que sabem, dos seus referentes e não ao contrário. Ou seja, nós não partimos da ideia de que eles não sabem e vêm para

lhes dissermos o que é preciso ver, nós partimos do princípio que todos nós sabemos coisas e todos nós usamos o que sabemos para nos relacionarmos com o que não sabemos. Trabalhamos sempre a partir do que nos dão como informação, questionamos, construímos em conjunto para podermos chegar a lugares comuns de aprendizagem. Esta metodologia de trabalho ajuda-nos muito a construir uma relação com a coleção e com as obras, é uma relação de questionamento permanente, mas também de negociação. Porque eu quando pergunto - o que é que vês aqui? E tu de repente dizes uma coisa e a tua colega diz outra, nós discutimos porque é que vemos coisas diferentes quando aparentemente o que está à nossa frente é igual.

Primeiro, quando introduzimos mais conhecimento e sabemos coisas sobre o artista, sobre a época ou sobre a história vai mudando a nossa visão, o que estamos a ajudar é a construir uma noção de que o conhecimento é uma coisa que se constrói com cada um de nós.

Segundo, ele é fruto de um permanente processo de investigação e eu enquanto mediador construo um espaço onde todos nós nos damos conta de que quando confrontamos dados uns com os outros, há uns que prevalecem e há outros que têm que ser abandonados ou refeitos, e isto é um processo de investigação normalíssimo. Depois também me permite outra coisa, que cada um de nós se sinta completamente empoderado no processo de aprendizagem, se eu parto sempre do que sei e vou fazê-lo, mesmo que não me perguntem o que é que eu sei, eu vou construir sempre a partir dos meus referentes. É muito importante que coloquemos os referentes em comum para termos um ponto de partida partilhado por todos e para podermos identificar inclusivamente, que há referentes que nuns casos serve melhor que outros, mas é preciso coloca-los em comum, porque se não o que vai acontecer é que cada um de nós vai usar o seu referente na mesma, vai construir o seu conhecimento a partir desse referente e vai voltar para casa com uma ideia que muitas vezes é a validação do que já trazia e não uma construção nova.

Para eu poder ter uma construção nova tenho que poder pôr à vista de todos, o que é que nós achamos, o que é que nós pensávamos antes e agora e o que é que pensamos a seguir. Isto é, um dos trabalhos que a nossa programação faz, em termos de metodologia e em termos de temática, para cada nível de ensino, por exemplo, vês que há em média seis/sete visitas diferentes, sendo que as coleções são diferentes e elas são diferentes justamente por isto, porque pretendem ser muito claras nesta ideia, uma coleção não se esgota numa única visão. Eu posso inclusivamente vir sete vezes ao museu e porque as perguntas que faço à obra são sempre diferentes, o que eu estou a ver não é exatamente a mesma coisa. Também queremos privilegiar uma coisa importante, a diversidade dos perfis dos aprendizes, se há pessoas que têm uma

aprendizagem mais quinstésica, há pessoas que têm uma aprendizagem muito mais reflexiva e muito mais de pensamento abstrato e há pessoas que precisam do concreto e do fazer. Portanto, com este tipo de abordagem também estamos a trabalhar os diferentes perfis de aprendiz e mais facilmente conseguimos encontrar sempre uma ligação com a pessoa e com o professor concreto. Este é o tipo de programação que tens regular, para além disto há uma área muito importante de trabalho que é chamada a Fábrica de Projetos. É a possibilidade dos professores nos contactarem e dizerem que têm uma ideia/projeto concreto, algo que estão a trabalhar e que gostavam muito de fazer com a Fundação. Nós desenhamos um projeto à medida, pode ser uma visita que não existia e fazemos uma visita à medida ou ser mesmo um projeto, já existiu uma Fábrica de Projetos em que um elemento da minha equipa esteve durante o ano letivo inteiro a trabalhar com o agrupamento de escolas de Leiria. Na construção de um projeto intercultural, com todos os anos do 3º ciclo, para que no fim integrassem um projeto no festival “A Porta” que acontece em Leiria, na rua. No fundo, isto é um projeto muito mais ambicioso. Já houve outros em que nós trabalhamos relações entre arte e ciência, com isto desenhámos uma mini residência artística para alunos de ciências que habitualmente não tinham contacto com as artes, onde trabalhámos questões como o movimento ou materiais. Este trabalho da Fábrica de Projetos é o que nos permite fazer projetos de maior continuidade, de relação muito orgânica com aquilo que é o desejo da escola, o nosso desejo, o *know-how* de cada sítio e um novo território, um terceiro lugar, que é aquele que nós desenhamos em conjunto.

Ainda temos outra área que é chamada Visitas Pedagógicas, são pensadas para professores ou estudantes de pedagogia, de museologia, de curadoria, etc. São no fundo, meta visitas, ou seja, o objetivo é refletir sobre o que é um serviço educativo hoje, que desafios é que ele enfrenta, porque é que fazemos, porque fazemos daquela maneira, e depois desmontamos atividades concretas consoante aquilo que é o nosso público. Sentimos que temos que ocupar este outro lugar, é outro lugar entre. Porque não é o lugar do mediador, no sentido que somos nós que substituímos o professor ou educador durante o tempo que estamos com os alunos, mas sim o lugar que nós estamos entre o professor e os alunos, ajudar o professor eventualmente a desenvolver outras estratégias e pensar o museu de forma diferente.

Com a pandemia investimos, finalmente, em ir às escolas de forma sistemática, ou seja, criamos uma programação que se chama “O museu vai à escola”. Levar o mediador à sala de aula e ser ele a dar uma aula sobre diversas temáticas, criámos aqui uma outra área de materiais de apoio ao professor, que é outra forma de nos relacionarmos com a escola, são vídeos de utilização livre para o professor usar na aula e tutoriais, sugestões de utilização das obras de arte para trabalhar determinados temas com

algumas sugestões de atividades em aula. Temos ainda visitas digitais, era uma área que nós ainda não tínhamos, nada substitui a relação real em espaço de museu, mas a verdade é que a necessidade aguça o engenho e temos estado a fazer as atividades digitais, o que tem resultado muito bem! Mas porquê? Primeiro, porque mantemos a mesma estratégia, ou seja, é a teoria educativa base que nos faz desenhar a programação da forma como desenhamos e isso mantém-se, mas isto implica uma coisa que as visitas presenciais não têm, um trabalho prévio com o professor, ou seja, quando o professor marca uma visita com o museu, habitualmente é apenas uma marcação. Como é digital há um trabalho prévio que temos que pedir ao professor, que coloque os alunos junto ao ecrã, eles têm que poder ver bem o mediador, que o professor escreva no quadro as palavras que eles dizem sem censurar e isto tem sido o segredo do porquê das visitas digitais terem tanto sucesso. Elas têm estado a permitir que os miúdos e graúdos construam uma relação de proximidade e de grande diálogo.

5. Que estratégias existem para captar a comunidade, como trabalham e como se relacionam?

Suponho eu, que todas as instituições têm relações de grande proximidade, às vezes são geográficas outras vezes não são, há agrupamentos, escolas e professores que têm uma relação muito continuada e muito duradora com a Fundação, são aqueles que nós já sabemos que pedem e que vêm e que muitas vezes também são os nossos aliados no lançamento de novos projetos. Por exemplo, é frequente nós quisermos experimentar e protótipar algo, acionarmos estes contactos mais próximos e oferecermos uma atividade para podermos experimentar e para eles nos servirem também de feedback e avaliarem a pertinência da proposta. Também temos muito público novo todos os anos, o que é bastante curioso, eu agora não sei dizer um número certo, mas houve uma altura em que tínhamos um levantamento muito apurado com inquéritos, em média 30% de público novo escolar todos os anos, é muito interessante! E com uma representatividade muito grande do ponto de vista nacional, é verdade que temos uma prevalência das escolas da área da grande Lisboa, mas temos muitos alunos que vêm de diferentes sítios do país e um grande número de escolas públicas, que para mim é outro indicador importante e interessante.

O Descobrir funciona também como um conjunto de professores que trabalham como consultores, o Descobrir identifica um conjunto de professores como um grupo consultivo que traz uma avaliação das propostas, que é capaz de propor alterações. Tem sido muito importante o feedback deste grupo para a nossa organização da informação, para o relacionamento com áreas curriculares concretas, os professores

identificam áreas em que podemos melhorar ou em que a comunicação pode ser bem feita e isso tem sido extremamente frutuoso.

Este ano por causa do lançamento dos vídeos e dos materiais de apoio, temos uma relação muito estreita, de alguma forma de consultoria e de validação científica com o Ministério da Educação e com o Plano Nacional das Artes, temos estado a trabalhar com eles no sentido de não arriscar a lançarmos materiais ou produtos que sejam só aquilo que nós achamos, mas sim aquilo que é de facto necessário, ainda que eles não deixem de ser ou de ter as características que achamos importantes do ponto de vista em que acreditamos em termos de modelo educativo, mas para não haver desajustes temos esta relação estreita que nos permite de alguma forma ter sempre interlocutores que nos dão feedback e que nos ajudam a pensar melhor e a pensar juntos.

Uma das funções principais do Descobrir é divulgar e comunicar, digamos que é o nosso serviço de comunicação e está permanentemente em contacto com o *marketing* e com a comunicação da Gulbenkian. O Descobrir reúne connosco e com os vários serviços educativos, é regular esta reunião e esta discussão de ideias para podermos estar sempre afinadas sobre o que é para comunicar, como é para comunicar e o que é que vamos criar, depois o Descobrir é o nosso interlocutor da estratégia de comunicação da própria Fundação.

6. Atualmente, qual será a maior dificuldade que um serviço educativo enfrenta?

Eu diria que continua a ser, infelizmente uma necessidade muito básica: a capacidade de ser concebido dentro de qualquer instituição como uma área estratégica e orgânica como qualquer outra, ou seja, ainda continua a ser difícil fazer com que o serviço educativo não seja só acionado quando numa série de outras noções já estão perfeitamente definidas e fechadas, nomeadamente programação de exposições. Eu acho que muito já foi feito e eu por mim falo, no Museu Gulbenkian o serviço educativo é participante nas reuniões cada vez mais cedo, para conhecer os projetos, para falar com os curadores, para poder pensar em conjunto, nas estratégias de relacionamento com o público, mas isto continua a ser uma questão que é preciso estar constantemente a relembrar, ou seja, se a pessoa se distrai durante um bocadinho, já foram tomadas imensas decisões e quando apanhamos o barco, já o barco vai a meio.

Eu não falo tanto por mim, porque acho que no Museu Gulbenkian a evolução tem sido muito positiva, há cada vez mais consciência que de facto o serviço educativo faz parte, é mais uma das áreas cruciais de funcionamento, mas hoje em dia na maioria dos museus este continua a ser o grande problema, como fazer da ação educativa e da programação educativa um eixo estrutural do trabalho de qualquer instituição, tem que

estar pensado de forma orgânica e em termos de política de públicos, desde o início que se cruza com todas as outras áreas (divulgação, aquisições, exposições, ...).

A segunda dificuldade que um serviço educativo enfrenta tem a ver com o reconhecimento dos profissionais que trabalham nesta área, é uma realidade que em Portugal temos cada vez mais profissionais e muito bem qualificados nesta área, e gente que produz conhecimento. A verdade é que em termos de reconhecimento profissional até do ponto de vista fiscal, das atividades económicas, isto ainda não existe, não existe um cargo oficialmente reconhecido como sendo nosso, ainda há esta ideia de - o que é isto?

Um coordenador de serviço educativo - o que é que faz exatamente? Porque um coordenador de serviço educativo não faz marcações, desenha programação, gere uma equipa e para isso tem que haver uma equipa. Os grandes desafios, a meu ver estão nestes dois sítios, uma visão integrada estratégica do que é a política de públicos numa instituição, e isso requer necessariamente qual é a sua posição do ponto de vista educativo. Segundo o reconhecimento da qualificação do profissionalismo ligadas a esta área e a necessidade de ter profissionais qualificados, porque apesar de tudo ainda continuas a encontrar muitas situações em que a pessoa que vende bilhetes e que faz bengaleiro também faz visitas guiadas e isto não é um serviço educativo.

Não podemos continuar com esta abordagem é preciso lutarmos pelo reconhecimento de uma área concreta, porque não passaria pela cabeça ter o diretor a vender bilhetes, abrir a porta do museu todos os dias, a fazer limpezas e ainda visitas guiadas. Reconhece-se que o trabalho de direção de um museu requer determinadas competências e um perfil diferente. Então não se deve conceber a educação como estando nesse campo. Uma questão a ter em consideração, é que na maioria das vezes quem marca a relação com os públicos, quem faz a frente de casa são as pessoas que estão neste campo, sejam elas a vender bilhetes sejam elas a fazer visitas. E isto é uma área fundamental de relacionamento com as pessoas e de construção de uma imagem, não deveríamos ter qualquer trabalhador nem assumir que esta é uma área com menos importância, quando esta é marcante para a relação do público com a instituição.

Esta luta dos mediadores culturais é a expressão disso. Eu espero mesmo que a pandemia traga alguma clarificação para esta função, é um passo essencial para depois se darem os outros a seguir, os museus não podem continuar a fingir que ela não existe.

Nome: **Raquel Ribeiro Santos**

Programadora e coordenadora do projeto de participação da Culturgest

Entrevista realizada dia **11/02/2021**

Duração da entrevista **45'22''**

1. Durante a minha pesquisa pelo site da Culturgest, foi-me difícil chegar à palavra serviço educativo. Qual o motivo que levou a Culturgest a utilizar a palavra participação?

É frequentemente difícil explicar que não se trata de uma substituição, ou seja, não foi apenas uma mudança de nome, efetivamente não temos um serviço educativo na Culturgest.

Entre 2005 e 2017, o serviço educativo existiu, coordenado por mim. Parecia-nos relevante, dava o carácter híbrido que a Culturgest tem, apresentando artes visuais e artes performativas, a nova direção sentiu essa confiança de dar um paço na proposta para as programações do país, parecia-nos relevante afirmar uma linha de programação no âmbito da participação o que significa que dentro deste chapéu são incluídos trabalhos de artistas, cujo o trabalho se destina a ser cocriado, interpretado ou desenvolvido ao nível do conceito artístico por participantes, isto é, não profissionais das artes. Essa é a característica genérica em torno de todos os projetos participativos, a história de arte está cheia de exemplos de artistas que trabalham e trabalharão com participação nas artes.

Aqui nós tomamo-la com um pouco mais de leveza, porque abrimos esta lógica de participação a projetos, ainda que com um enunciado artístico em primeiro lugar tenham também no seu desenvolvimento social e educativo uma responsabilidade. Não significa que estamos ao serviço nem instrumentalizado pela área social ou/e pela área educativa, significa que reconhecemos que estes projetos têm um potencial incrível de transformação social de aprendizagem e de desenvolvimento educativo. Pareceu-nos oportuno em 2017, afirmar que mais do que um serviço educativo, mais do que uma área de inovação social, nós tínhamos uma área de programação artística no âmbito da participação.

A nossa programação com as escolas não desapareceu, o que nós optamos foi chamar Escolas às escolas e a programação de escolas na Culturgest, desde 2017, é desenvolvida num âmbito colegial. Enquanto eu sou programadora na área de participação, sou eu que escolho e colaboro ativamente nas redes de parceria ou nos convites aos artistas para desenvolver esta programação de participação. A programação das escolas é feita por um conjunto de programadores que propõe

projetos e espetáculos que façam parte da sua programação. Temos o Mark Deputter, programador de artes performativas a propor espetáculos que durante uma manhã são abertos ao público escolar, fazemos também o necessário exercício de adaptar o horário a um horário escolar. Temos também o exemplo da programação de artes visuais, que se presta muito a trabalho com escolas, nomeadamente no âmbito de visitas guiadas e visitas temáticas. Por fim, temos também alguma programação de participação que se presta muitíssimo a trabalhos e residência em âmbito escolar. Portanto uma programação colegial para as escolas, e uma programação chapéu para a participação. Há muito projetos, entre 2014/2015, que transitam de um serviço educativo para a participação. Porque de facto na Culturgest nós já fazíamos muitos projetos de participação, não tínhamos ainda alguma confiança ou algum arrojo em alegar esta área de programação como autónoma. Isto seria algo digno de perguntar ao Miguel Lobo Antunes, o administrador anterior com quem muitas vezes dialoguei ativamente sobre estas propostas e que sempre autorizou a sua realização, mas que considerou que chapéu serviço educativo servia.

O que parece relevante é que as instituições são como entidades programáticas, se posicionem perante essa oferta: é um serviço disseminador de interpretação? Então não lhe chamemos serviço educativo, porque ele não serve propósitos educativos. É um serviço que se destina ao turista? Então é realmente uma frente casa, uma bilheteira, um valor acrescentado à oferta. Mas está muito perto de vender um livro na livraria, em termos de programa. Por outro lado, estamos a falar de uma relação continuada com públicos escolares, que pretendem desenvolver ferramentas e capacidades de desenvolvimento letivo? É um serviço educativo. Temos é que perceber o que cada instituição quer! E como sabemos, sobretudo, pelo que se passou com Serralves, nem sempre as instituições sabem o que querem dos seus serviços educativos para lá da multiplicação dos números, que é um resultado imediato da criação de um serviço educativo.

Se nós analisarmos a história dos serviços educativos nos museus, nós conseguimos compreender que eles são constituídos primeiro como coleções, depois abrem a público e o nome que é dado ao cuidador do espaço é monitor, um nome que até hoje sobrevive em alguns serviços educativos. O monitor monitorizava a segurança das obras, isto na Europa, onde os museus abriam cheios de património, porque a história conta-se de forma diferente, nos países que foram invadidos, como o Brasil, em que os museus abrem vazios de peças e cheios de gente. Portanto, inevitavelmente as suas práticas educativas de mediação cultural são mais ambiciosas do ponto de vista social e menos ambiciosas ou igualmente corajosas, talvez, da explicação ou da legitimação do património.

Então este óvni que o serviço educativo às vezes pode parecer, pode ter uma explicação histórica.

2.Qual é a principal missão de um serviço educativo?

Esta é uma interpretação que seria interessante cruzar com a visão do administrador, que traça a missão para a instituição, atualmente é o Mark Deputter.

Eu falo mais ou menos em seu nome porque é um projeto recente, a criação da participação, temos falado muitas vezes sobre este posicionamento. Parece-nos que a programação de participação, permite à Culturgest manter vários dos seus objetivos diretos: uma programação arrojada, pioneira, contemporânea de artista em metade da sua vida artística, portanto já relevantes, mas ainda não históricos. E a participação consegue contribuir ativamente para essa linha, em simultâneo, a participação acrescenta aqui um valor adicional relacionado com dois aspetos: a relevância institucional e a representatividade dos públicos.

Na relevância institucional, significa que, não é raro o público que mantém uma relação com a programação, do ponto de vista do espetador consumidor que ele não tenha uma relação afetiva com a instituição. Isso provoca alguma erosão na relevância da instituição, isto é, um público pouco fiel que não encontra um valor específico para a programação da Culturgest.

Nos públicos de participação e está estudado, geralmente os públicos que abordam ou se envolvem em projetos de participação, são públicos que preferem em toda a sua escolha de lazer, atividades em que têm uma componente prática. São por exemplo, as pessoas que preferem fazer um curso de pintura em vez de um curso de história de arte, estamos a falar de outros públicos. Os públicos da participação, trazem então essa diversidade, públicos que procuram uma relação com a instituição por via do fazer parte. E essa abertura à participação real, ou seja, uma participação que abre mão do poder do processo como bem entendemos. Um projeto de participação criado de raiz tem de facto, um grande grau de imprevisibilidade e de conflito pela co construção do caminho e do projeto a apresentar. Então esta abertura também ao conflito e à participação abre um universo de possibilidades que a Culturgest lança mão na sua relação com o espectador.

Dando um exemplo prático que estamos atualmente a tentar ativar, nas nossas métricas do público online, nós apercebemo-nos que o público tem uma percentagem muito distinta entre o público que assiste e o público que reage (*likes*), o pouco público não reage e ainda menos o público partilha. A hipótese que está em cima da mesa neste

momento, será que o público da participação reage e partilha mais do que o público das restantes áreas de programação? É isso que vamos investigar no próximo ano. Prova que são outras pessoas, com outros comportamentos com outros usos da instituição cultural.

3. Qual deve ser a formação de um educador ou de um monitor? E qual seria a denominação atual mais acertada?

Cada palavra designa funções distintas, parece-me adequado a Gulbenkian utilizar educador, da mesma forma que a Casa da Cerca ou o Maat utilizam mediadores para o trabalho no âmbito do serviço educativo e monitores/guia para o âmbito do serviço ao visitante. De facto, o monitor ou guia acompanha o público num discurso pré-construído, que às vezes pode não ser escrito por ele, pode ser uma repetição de um discurso curatorial. Para mim isso é particularmente angustiante, porque pode ser feito por uma máquina não precisa de ser feito por uma pessoa, um audioguia faz isso e aí está um dos produtos que um serviço ao visitante pode oferecer ao visitante.

O mediador, aquele que tem discursos interpretativos, pessoais casando, conjugando ou colocando em conflito o discurso curatorial ou institucional e os discursos diversos que o público traz no momento da visita. Enquanto coordenei um serviço educativo eu utilizei sempre a palavra mediador cultural e depois artistas. Artista educador ou artista, que são aqueles com quem eu trabalho, eu convido artistas para desenvolverem propostas.

4. Na sua opinião, de que modo um serviço educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos do domínio das artes?

Parece-me que um serviço educativo é isso, um lugar onde se proporcionam novas experiências, novos conhecimentos a públicos novos. Pode acontecer os públicos já não serem novos, de idade e já não serem novos de relação com a instituição. Até nos projetos de participação, como o que eu estou a coordena, temos aqui um problema é muito difícil ter com os baixos orçamentos, que existem em Portugal, uma programação que não seja para novos, relativamente às artes. Normalmente os serviços educativos trabalham com os novos, sempre no nível 1, o da entrada.

Para mim a palavra novo tem uma leitura de um artigo, que eu posso partilhar, da Hannah Arendt, no qual ela fala da crise da educação. Um artigo muito curioso que é escrito sobre a crise da educação nos Estados Unidos, mas onde ela formula um

conceito que me parece muito fértil de novo, ela refere que o novo não é apenas aquele que chega de novo ao mundo por via do nascimento, não é apenas a criança. O novo é também, aquele que chega aquele mundo de novo, ela referia-se aos emigrantes que viajavam para os Estados Unidos e que tinham que ser educados na língua. A sua visão do novo, o novo que chega de novo ao mundo e novo que chega a um mundo novo, pareceu-me ecoar de uma forma muito interessante para a leitura do novo nos serviços educativos.

Há pouquíssimos meses, o Teatro Municipal São Luiz em Lisboa, tinha uma programação com escolas e famílias, que se chamava 'Mais Novos'. Para mim, é muito mais do que mais novos, é novos, apenas novos. O que chegam de novo por via da idade e os que chegam de novo por via da curiosidade, os que lhes apetece aproximar das artes e compreender melhor. Talvez seja esse o público da participação, os que chegam de novo às artes, mas não são novos, porque nós não trabalhamos necessariamente com crianças.

De facto, sim! Há um contributo muito significativo da parte dos serviços educativos e da programação que se destina às escolas no âmbito da criação das novas experiências e novos conhecimentos. Mas a verdade é que toda a programação artística não o faz, quando vais ver um novo espetáculo ou uma nova criação de quem quer que seja tu de facto, tens novas experiências e novos conhecimentos. O que me parece haver, e aqui uma vez mais, que é muito relevante nós avaliarmos isto e até articulares com a Susana Gomes da Silva na Gulbenkian, o que se faz nos serviços educativos é que se avalia os resultados e os impactos dessas novas experiências e desses novos conhecimentos no público. Essa avaliação das experiências faz-se ao nível, geralmente, de desenvolvimentos sociais: desenvolver a empatia, desenvolver a autoestima, desenvolver o diálogo com o outro, isto no âmbito de novas experiências. No âmbito de novos conhecimentos, aprender a distinguir as cores primárias, compreender que uma escultura é diferente de uma pintura, perceber o porquê da proteção da arte contemporânea das mãos gordurosas de qualquer pessoa que lhe toque, há de facto competências educativas e sociais que os serviços educativos monitorizam e têm contribuído. A outras áreas da programação não fazem qualquer tipo de monitorização do comportamento das aprendizagens e experiências dos seus públicos.

5. Considera importante a deslocação de uma instituição cultural às escolas e vice-versa? De que modo o serviço educativo e as escolas trabalham?

Vou ter que te falar de duas áreas de programação distintas, uma na qual eu sou programadora e outra na qual eu sou coordenadora.

Na programação de participação, os projetos que se dedicavam as escolas, são projetos de residência que começam em Setembro e terminam em Maio em que tens um artista permanente na escola.

Com a pandemia, apanhou artistas como apanhou os professores, os projetos continuaram. Tanto em Março como agora, são anos letivos diferentes, artistas diferentes, projetos diferentes, mas a relação que existia entre aqueles artistas e aquelas turmas não se perdeu! Nenhum projeto no âmbito da participação ficou com uma sessão por dar, está tudo acontecer. Mas, como os professores, estão a fazer com soluções de compromisso.

Ainda no âmbito da participação, temos projetos que não se dedicavam a turmas escolares, mas que se dedicam a grupos organizados por inscrição livre. É o caso do 'Coletivo de Curadores' e de 'Entrar', ambos os projetos continuaram a decorrer online. No caso das escolas, o programa de escolas tinha um espetáculo em janeiro, esgotado no grande auditório para público adolescente, que não fizemos. Simplesmente cancelou-se o espetáculo e não vai ser possível apresentar aquele público, porque a reposição do espetáculo vai ser em junho, já em período de férias, perdeu-se completamente a relação com a turma.

No caso das visitas guiadas, foram suspensas, as exposições estão encerradas e neste momento esta é a programação de escolas, visitas guiadas e espetáculos de palco.

6. Que estratégias existem para captar a comunidade, como trabalham e como se relacionam?

Nós por via das circunstâncias, temos um lado muito positivo a nosso favor e outro muito negativo que contraria qualquer instituição em Portugal neste momento. Aquela que é a muito nosso favor, é que o serviço educativo da Culturgest foi coordenado sempre pela mesma pessoa e isso é uma vantagem, porque nos permite uma relação continuada consequente com o público, a base de dados foi criada por mim e é mantida por mim. Mas de facto há aqui uma figura permanente na relação com público e isso é muito importante nas instituições e na forma como os públicos veem as instituições humanizadas. Através desse procedimento consegues chegar sobretudo aos repetentes, uma relação continuada com o professor, traz-te repetentes, ainda que o professor de quatro em quatro anos mude de turma. Em relação aos públicos novos, esse é um desafio incrível da parte das casas, porque está muito dependente da equipa de comunicação e da estratégia de comunicação, que muitas vezes essa estratégia chega sempre aos mesmos. Temos utilizado um mecanismo da passa a palavra,

sobretudo com o público adolescente, dizendo: 'gostas disto? Fizeste isto? Por favor passa a palavra porque temos as inscrições abertas outra vez'. Fazemos muito esse sistema e também fazemos um sistema que é muito cansativo, que é pegar no telefone e ligar para escolas que nunca nos visitaram, para instituições sociais que possam de alguma forma ser disseminadoras, associações de estudantes solicitando que transmitam a mensagem.

Para terminar, dizer que as instituições culturais desde 2018, vivem uma fase muito difícil, foi uma imposição do regulamento geral de proteção de dados para que apagassem as suas bases de dados. Uma instituição cultural que tenha levado à letra o regulamento geral de proteção de dados lançado em 2018, apagou todos os seus dados. Há muitas instituições que não levaram à letra, mas nós na Culturgest fizemo-lo e começamos quase do zero. Não tínhamos uma confirmação suficientemente explícita para garantir todo aquele público era viável, lançamos várias campanhas para revalidar as inscrições. O que levou a que muitas pessoas fossem bombardeadas com esse pedido e por isso muitas não revalidaram a sua inscrição. Já lá vão quase 3 anos e estamos a fazer esse trabalho novamente.

7. Atualmente, qual será a maior dificuldade que um serviço educativo enfrenta?

Por um lado, o grande desafio da programação de escolas, é conseguir ter uma programação regular a partir do programa disponível. Isto porque, temos financiamentos reduzidos e nem sempre a programação de artes performativas se presta à relação com as escolas. Casar o programa de artes performativas no calendário com as escolas é um gigantesco desafio que me parece muito relevante, porque não é uma programação que é feita para além da programação real, o público contacta com a programação geral, com horário facilitado. Outro dos desafios, como atrair professores para uma programação de artes visuais que às vezes é arrojada ou de artistas menos conhecidos. Nós sabemos perfeitamente que os professores preferem o Maat ou a Gulbenkian, porque têm uma comunicação mais agressiva ou um historial mais legitimado, não há dúvida que preferem estas duas instituições antes de preferirem a nossa. Como é que nós conseguimos comunicar a professores que não são fiéis à nossa formação, que a nossa programação de visitas guiadas é interessante. Estes são os desafios da relação com escolas.

O maior desafio da programação de participação é como comunicar processo. É muito difícil (comunicar) um projeto que decorre durante um ano e que só teve inscrições abertas para 15 ou 20 pessoas no início de Setembro, é muito difícil que o outro público da Culturgest contacte com o que se está a fazer. Aliás, tu vais ao site da Culturgest e

quando clicas em participação, percebes que há duas atividades em curso, mas não consegues perceber o que se está a fazer, quais são as sessões, quem são os artistas. É o maior desafio em cima da mesa, como é que nós vamos trabalhar a narrativa visual, escrita, múltipla através dos participantes, da equipa de comunicação, da coordenação. Como é que nós vamos contar a história dos processos que estão a decorrer de modo a que o restante público, ainda que não participe no processo, possa participar do processo, partilhando, reagindo, aproximando-se. Esta é uma área também altamente desafiante para a Culturgest neste momento.

A nível nacional os serviços educativos precisam acima de tudo ter uma séria conversa com as suas administrações.

Nome: **Sílvia Moreira**

Educadora Artística e Mediadora Cultural, atualmente trabalha no serviço educativo da Casa da Cerca

Entrevista realizada dia **21/12/2020**

Duração da entrevista **41'29''**.

1. Qual é a principal missão de um serviço educativo numa instituição?

Quanto a mim, a principal missão do serviço educativo é preparar um lugar de encontro e concretizar esse lugar de encontro entre as coleções dos museus, nas casas de espetáculo, instituições culturais, sítios de fruição das artes e da cultura, lugares do património. Havendo esse tema e esse assunto dentro dos objetos que estão a ser mediados é encontrar um lugar de encontro entre os vários públicos e essas coleções/assuntos das artes ou da cultura.

Eu acho que o serviço educativo deve conceber, preparar, organizar e concretizar esses lugares de encontro.

Os lugares de encontro deverão ser ricos e potenciar essa fruição, há muitos públicos que são presenciais e que já são das casas, já vão pelo seu próprio pé. Mas há muitos públicos que não o fazem, a maioria não tem hábitos culturais e por isso o serviço educativo também tem essa missão, de promover hábitos culturais no público, proporcionando boas experiências de fruição e criação cultural, o grande objetivo é que as pessoas fiquem com a boa experiência e com vontade de voltar. É esse o caminho, fazer com que as pessoas se sintam em casa.

Indo aos direitos legais, o direito humano de fruir, de criar é um direito que nos assiste a todos enquanto cidadãos, é algo que está na nossa carta constitucional. Todo este trabalho que os serviços educativos fazem, e que são cada vez mais importantes, têm esse fundamento teórico e legal, que está consagrado e nós temos que o aplicar e implementar, esta será a nossa missão.

2. Qual deve ser a formação de um educador ou de um monitor? E qual seria a denominação atual mais acertada?

Cada lugar tem o seu termo, e de facto andamos à procura da denominação mais acertada. Deve-se por várias razões, primeiro porque é uma via profissional recente. Em Portugal sabemos que o primeiro serviço educativo foi no Museu Nacional de Arte Antiga, em 1953.

Desde os anos 50 até aos anos 80, era uma profissão que não era propriamente reconhecida, havia alguém com uma grande vontade de implementar projetos artísticos em museus, mas sempre um bocadinho à parte.

Foi durante muito tempo, uma profissão muito informal e quase como um anexo do programa do museu.

Entretanto, no início dos anos 80, falou-se muito da figura do monitor, qualquer pessoa que podia ser do quadro, não tinha que ter uma profissão dentro da área, podia ser qualquer um que fosse repescado da equipa para poder fazer esse trabalho, a tal figura do monitor. Não se pensava numa formação inicial destas pessoas, era alguém que tinha algum jeito e acabava por fazer.

Nos anos 90, eu julgo que foi nesta altura, o *boom* dos serviços educativos, e onde se criou o sector de educação e animação do centro de arte moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. E aí houve de facto um serviço que acabou por ser, um serviço de referência e acho que ainda o é, o serviço educativo da Gulbenkian.

Depois veio Serralves, surge também a Culturgest, o Berardo. Começam a surgir pelo menos aqui na orla de Lisboa e Porto, novos museus, novas instituições culturais e os serviços educativos começam a estar um bocadinho mais presentes.

Nos últimos anos a mediação cultural, está integrada nos cursos de formação académica, temos no caso da ESAD.CR, o curso de programação e produção cultural, tem uma unidade curricular, durante um ano inteiro de mediação cultural. Portanto é um bom sinal, é sinal que se quer preparar os futuros produtores, curadores e programadores, sensibilizando-os para a necessidade de trabalhar também com os públicos. Não só com as obras de artes ou com os artistas, mas também pensar nos públicos.

Depois temos também o curso de mediação artística e cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa, que é mesmo uma licenciatura. Eu acho que isto é muito bom sinal, no entanto eu também acho que é muito importante os mediadores culturais terem uma formação com uma base coesa na área artística, para poder conseguir fazer um trabalho mais consistente com uma fundamentação teórica ou prática. Por muito que seja bom sinal, que as licenciaturas já sejam de mediação eu acho que é muito importante os mediadores terem essa base.

Outra coisa que eu também acho importantíssimo, um educador ou mediador deverá ter, conhecimentos nas áreas pedagógicas, conhecer o desenvolvimento humano, para poder integrar as suas competências artísticas ou teóricas adequadas aquelas pessoas em particular, sejam crianças, adultos, etc. Essas duas áreas, acho que são muito importantes, haver uma área base e haver também a componente pedagógica.

Depois isto é um trabalho de construção permanente, é um trabalho de formação ao longo da vida em termos profissionais, estamos sempre aprender. Não é possível fazeres uma licenciatura em mediação artístico-cultural e de repente estamos prontos para ir para o terreno.

Podemos obviamente ir para o terreno e ter as primeiras experiências, mas é o tempo que te dá essa preparação e estamos mesmo, sempre aprender, sempre a investigar e sempre a estudar.

É uma profissão que está sempre a navegar à vista. Temos que estar abertos aos novos paradigmas que nos aparecem e que estão sempre a mudar.

3. Considera importante a deslocação de uma instituição cultural às escolas e vice-versa? De que modo o serviço educativo e as escolas trabalham?

O melhor dos dois mundos é a escola ir ao museu e o museu ir à escola. Uma das funções do serviço educativo é mesmo isso, colocar as organizações culturais em rede com os territórios, em rede com os lugares, em rede com as suas cidades. Ou seja, é muito importante que o museu seja um museu aberto e que não seja fechado numa ilha. É importante que o museu seja um espaço de diálogo e de redes com os outros lugares e com as outras instituições que estão à sua volta, a escola é uma delas, portanto se a escola puder ir ao museu ou o museu ir à escola, seria o ideal!

Inclusive, haver projetos de continuidade em que possa existir essas duas experiências. Até para nós, podermos estimular hábitos culturais nos jovens e nas crianças, tem que se fazer e criar esse hábito. Por vezes, pode acontecer numa visita de 90 minutos as crianças e os jovens ficarem entusiasmados e ser um lugar que fique na memória e que os faça voltar, mas pode acontecer exatamente o contrário. São raras as vezes que acontece.

Sempre que faço visitas com escolas pergunto sempre se costumam visitar museus, muitos deles dizem-me que vão apanhar uma seca, isto porque já tiveram experiências assim!

É muito importante esses projetos de parcerias entre as escolas, e o Plano Nacional das Artes (PNA) que está a ser implementado, está a fazer um trabalho incrível! Agora já não é só uma ou outra escola que vai e que tem interesse em ir bater à porta do museu, as coisas estão muito mais fluidas e naturais relativamente a essas parcerias.

4. Qual é a sua opinião sobre a percepção dos alunos sobre a importância do papel da mediação?

A percepção é bastante positiva! Nem que seja momentâneo, criam-se grandes amigos. Voltando um pouco à história dos nomes, como o nome guia! É algo que nos distancia! Um mediador ou um educador, que eu própria não sei o termo certo, mas tento chegar mais à palavra do mediador! Um pouco para uniformizar e não criar dispersão no termo, tento usar a palavra mediador/a. Mas durante muitos anos considerei-me educadora artística, porque trabalhava muito em museus ou até em escolas.

Sobre a percepção dos alunos, relativamente ao nosso trabalho, há muitas maneiras diferentes de trabalhar, eu tenho colegas cuja empatia não é tão importante para eles, para eles é mais a partilha de conhecimento, torna-se numa visita um pouco distante. Eu como sou naturalmente uma pessoa muito afetiva tento sempre criar ali uma equipa, eu não os conheço de lado nenhum, mas tento criar logo empatia com eles e isso também tem muito a ver com as abordagens no início da visita: o que é que vocês esperam encontrar? Quem é que já cá esteve?

Coloca-nos logo ali em diálogo, entrar com algum humor também é sempre um grande aliado do nosso trabalho. E criar ali experiências de afeto, amizade e cumplicidade. E com estas ferramentas conseguimos ter ali alguns amigos e é tão bom quando eles voltam e até quando começam a ir sozinhos.

Um mediador deve ser um amigo, pelos menos aquela pessoa cúmplice do museu, que nos faz essa ligação entre o jovem/criança/adulto e o museu.

5. Que estratégias existem para captar a comunidade, como trabalham e como se relacionam.

Nós estamos sempre a tentar atirar o barro à parede, estamos sempre a tentar ir aos sítios, dar-nos a conhecer e a chamá-los e pensar até na programação, em que possamos chamar essas pessoas que não costumam ir.

Mas uma das coisas que eu tenho estado a perceber e porque tenho estado mesmo dentro do desenho da Casa da Cerca, trabalhando em parceria com o Mário Rainha Campos, tenho percebido que para captar essas instituições, fora das escolas, é preciso tempo!

As coisas só se podem fazer com tempo, é muito difícil que consigas criar relações de visitas e de encontros com alguma regularidade e permanência se não houver tempo para essas relações serem trabalhadas.

Repara que ao lado da Casa da Cerca, nós temos a USALMA (Universidade Sénior de Almada) e não há propriamente uma grande parceria com a Casa da Cerca, não é que o Mário não tenha tentado, nós já tentámos!

Inclusive, houve um projeto da Marta Wengorovius que foi com a comunidade sénior da universidade, aqui na Casa da Cerca e as senhoras vieram, foi muito engraçado, mas as senhoras nunca mais voltaram.

Agora convidámos uma professora, Conceição Freitas, da universidade sénior, para vir dar uma oficina, com a esperança que os seus alunos também viessem. Mas esta situação da covid e com a redução de participantes não funcionou, não tivemos ninguém da USALMA, a não ser a professora.

Portanto, é preciso muito tempo e estar sempre a contactá-los e a convidá-los, quase como se fosse um trabalho de prospeção de terreno e isso também é o serviço educativo que faz! Não é a pessoa da comunicação, não é o curador, não é a diretora, mas sim o serviço educativo que faz esse trabalho de terreno!

A palavra-chave é o tempo, persistência e empatia, sempre!

6. Atualmente, qual será a maior dificuldade que um serviço educativo enfrenta?

A grande dificuldade que o serviço educativo enfrenta, quanto a mim é, como mediar à distância.

Como é que a mediação cultural resiste à distância? Como é que nós podemos criar estes projetos de relação, de empatia, cumplicidade através deste retângulo? Tem sido muito difícil!

Nós já fizemos várias experiências, enviámos o nosso programa a todas as escolas, a todas instituições que andam à nossa volta, contactando-as dando a ver que estamos vivos, que estamos a fazer coisas e que estamos disponíveis para os receber. Mas com as escolas está a ser mesmo difícil, porque as escolas não saem da escola!

O grande desafio que nós estamos a passar, e esperamos que seja uma coisa temporária, é a questão de fazer trabalho de mediação à distância e com grupos muito pequenos. Para os quais o investimento que fazemos para uma oficina ao fim de semana, é o mesmo investimento que nós faríamos se tivéssemos 20 pessoas. A questão é que acaba por ir para muito poucas pessoas e estamos com falta de participantes!

E a mediação cultural é a arte da relação, é a arte da proximidade, é a arte do contacto e esse contacto à distância está a ser muito difícil. Quando é presencial, é para muito poucas pessoas e acaba por ser mais intimista, onde ganha esse lado da intimidade. Pois se calhar com 20 pessoas não ganharia, dentro do panorama menos bom,

podemos destacar isto como bom e que se calhar gostaríamos de continuar a desenvolver, encontros mais intimistas.

As redes sociais têm sido o grande escape das instituições, os materiais interativos os projetos de fruição online. O que torna difícil por vezes ter o feedback imediato como gostamos de ter, como quando estamos no terreno. Mas esperemos que seja algo rápido!

APÊNDICE B – Diário de Campo

MÊS DE MAIO

03/05/2021 | 10h-13h / 16h-18h = 5h

Uma **manhã** de pesquisa de teses e relatórios de estágio realizadas na Casa da Cerca no arquivo de documentação.

Durante a **tarde** o Mário Campos (coordenador do Serviço Educativo) apresentou-me a técnica **new cyanotype**, onde me permitiu a preparação de materiais para testes na manhã seguinte.



04/05/2021 | 10h30 -14h / 16h-19h = 6h30

Manhã - Aplicar a técnica **nova cyanotipia** sobre pedaços de pano cru, saco de pano e numa t-shirt preparada no dia anterior.

Nota: aplicar a técnica nas horas com mais raios UV

(11h/12h) com a duração de 16 min (neste caso)

Relativamente ao saco de pano, como o material era diferente ficou demasiado escuro com os 16 min, numa próxima vez aplicar apenas 12 min. Na impressão da t-shirt utilizei 12 min e foi o tempo exato para a impressão.

Tarde – preparação de material para futuras atividades.

Nota: o material que estive a trabalhar nesta tarde eram antigas bandeiras que foram aproveitadas pela Casa da Cerca de desperdício de eventos passados pela CMA. As bandeiras foram cortadas em A3 para utilizar na oficina de papel. A casa da Cerca utiliza muito desperdício de materiais para as suas oficinas.

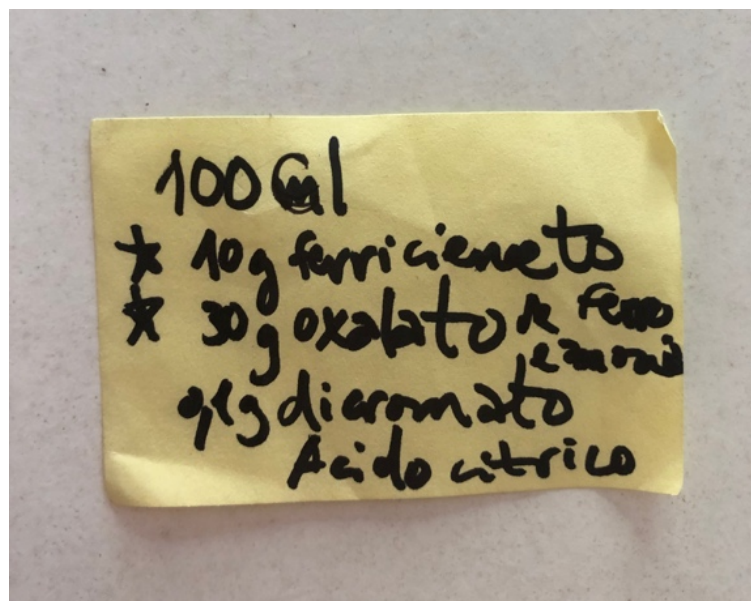




Cianotipias

Um processo de impressão fotográfica em tons de azul descoberto em 1842 pelo cientista e astrónomo John Herschel. Teve e tem muitos utilizadores, sendo conhecido por ter sido o método usado pela botânica Anna Atkins, a primeira autora que usou a fotografia em trabalhos científicos e que em 1843 publicou o livro *Photographs of British Algae – Cyanotype Impressions*.

Como suporte temos o pano de algodão que é emulsionado com dois produtos químicos: o citrato férrico de amónio e o ferricianeto de potássio. As imagens após serem reveladas ao são processadas simplesmente com água.



05/05/2021 | 10h-13h / 14h-18h30 = 7h30

Manhã – preparação do material para a oficina de papel a realizar à tarde. Auxiliei a Sónia Francisco (responsável pelo Jardim Botânico) na preparação das pastas, através



de elementos vegetais do Jardim: funcho, algodão, papel reciclado, papel fino, papiro, tradescantia, brácteas de milho, folha de cânfora, couve roxa, agave.

OFICINA DE PAPEL | QUARTA-FEIRA | 15H-17H

Na oficina estavam presentes 5 participantes (limite máximo de inscrições), a responsável pelo Jardim Botânico coordenou a oficina e atividade. Os participantes tiveram oportunidade de aprender a receita de cada planta para a composição das pastas e ainda de elaborar as suas próprias folhas de papel em

cada pasta, através de um quadro de rede em formato de retângulo 20x10 cm

Uma exploração através de matérias-primas das plantas com o objetivo de transformar em materiais para as artes plásticas.



06/05/2021 | 10h-13h = 3h



O objetivo deste exercício é levar as crianças a conhecerem as cores primárias, a esponja como

material riscador, que muitas vezes se pode substituir pelo pincel, e a técnica de monotipia (uma técnica simples de impressão).

A passagem das diferentes formas dos elementos vegetais para o papel, fazem com que as tintas se misturem e as crianças fiquem a conhecer novas cores, surgindo efeitos imprevisíveis através das folhas das árvores.



10/05/2021 | 10h-13h30 / 14h30-17h30 =6h30

Novas experiências em Cianotipia.

Assistir à reunião do projeto *Eixo Bala* em que o Serviço educativo da Casa da Cerca está integrado. O projeto consiste num fórum de jovens e museus que proporciona encontros. Para isso, os jovens são convidados para várias sessões em diferentes instituições com o objetivo de compreender e reunir a dinâmica dos jovens com os museus. Este projeto reúne várias instituições para promover estes mesmos encontros. (Maat, Casa da Cerca, Lu.ca, entre outros).

11/05/2021 | 10h - 13h / 14h – 19h30= 8h30

Visita às exposições na Casa da Cerca que inaugurou no dia 08/05.

Experimentar novas abordagens em cianotipia.

Testar diversas abordagens com carimbos para elaboração de uma capa para o livro - *Folhas em Harmónio de Cores*.



- O químico presente em algumas cores junta-se apenas no fim da fervura (uma colher de chá).

13/05/2021 | 10h - 13h30 / 14h30 – 18h30

Construção do protótipo para a capa do livro *Folhas em Harmónio de Cores*

Finalizar as capas de dois livros já realizados em sessões anteriores.



15/05/2021 | 15h – 18h30

TINTA DE NOZ E DE BUGALHO PARA DESENHAR

Uma Oficina para Famílias que teve lugar no sábado, 15 de maio, das 15h às 17h. Orientação de Mário Rainha Campos que fez equipa comigo. Onde auxiliei na preparação e no decorrer da oficina.

Fazer tintas n' O Chão das Artes com os bugalhos dos carvalhos e as nozes das nogueiras. Com os pigmentos fortes das tintas ferrogálica e de noz, foram desenhadas letras únicas e personalizadas por cada família.



Destinatários: Para famílias com crianças a partir dos 6 anos.

A oficina requer inscrição prévia. Nesta oficina tiveram presentes 5 famílias.

Objetivo: proporcionar às famílias um momento com os seus filhos. Guiarmos a atividade de modo a sermos uma “bengala” para serem os próprios pais a ensinarem os seus filhos.

18/05/2021 | 10h-12h30 / 13h30-18h30

Atualizar sumários com elementos fotográficos.

Programar e planear tarefas para os dias de férias do Mário.

Tarde – 17h30

HÁ MÚSICA NA CASA DA CERCA
MÚSICA NAS EXPOSIÇÕES - BRAIMA GALISSÁ

Música nas Exposições é um formato que propõe a apresentação de composições musicais que interagem com as obras de uma exposição ou com o seu espaço envolvente.

No Dia Internacional dos Museus e Dia Internacional do Fascínio das Plantas, e no ano em que celebramos os 20 anos d'O Chão das Artes, destacamos como mote para este diálogo a exposição “A História de um Jardim”, que conta a história deste Jardim Botânico, e as espécies vegetais que dele fazem parte.

BRAIMA GALISSÁ, professor e mestre griot do Kora (instrumento africano de 22 cordas), nasceu na Guiné Bissau e é considerado um dos melhores músicos representantes da cultura Mandinga.

As condições de acesso ao concerto em formato presencial de 18 de maio: Entrada gratuita, com marcação prévia e lotação de 30 lugares.

19/05/2021 | 10h-13h30 /14h-18h

Manhã – Escola Voz do Operário – 20 alunos

Oficina com escola – Folhas em Harmónio de Cores

1º Apresentar a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea | Casa do desenho

2º Formar equipas

3ª Conhecer o jardim, como está organizado e recolher elementos vegetais.

4º Formaram-se equipas de 5, cada equipa tinha uma enciclopédia para guardar as folhas de forma direita.

Cada equipa fica numa ilha diferentes (cavelete, tampo e uma toalha constituída por 8 cartolinas de cartão duplex.

5º Trabalhar o contraste, texturas, silhuetas e cores.

6º Todas estas toalhas futuramente serão dobradas no formato em harmónio, no fim é apresentado um livro “Folhas em harmónio de cores” que será entregue na escola.

Objetivo: O fazer junto. Todas as pessoas presentes desde o orientador da atividade até à professora participam.



Tarde – Oficina de Tinturarias

Tirar corantes através das plantas

Morder os tecidos = preparar com alguns produtos químicos para os corantes entrarem no tecido.

Qualquer tecido antes de ser utilizado deve ser bem lavado na máquina de lavar e depois mordidos cerca de 1 hora (um banho de alúmen = potássio sulfato de alumínio).

Existem 3 técnicas:

ECOPRINT

Esta técnica não utiliza fervura, é tudo montado a frio e depois termina a vapor.

Deixar o material vegetal mergulhado em água e vinagre.

Nota: Elementos vegetais secos não funcionam tão bem.

Elementos vegetais na oficina:

- funcho
- folhas de ameixeira do japonês
- folha de eucalipto
- tradescantia

Colocar o pano sobre a mesa, expor os elementos vegetais por cima de maneira autónoma.

Enrolar com a ajuda de uma cana.



TATAKIZOME

Martelar plantas no tecido.

Pano cru sem ser lavado



SOLAR PRINT

Uma técnica que utiliza somente o pigmento para colocar o pano mordido com água ao sol.

Elementos utilizados:

Abacate

Azedas

Cebola

Curcuma

Noz

Bugalho

Nota: 1 semana ao sol (mínimo) | durante a semana ir mexendo. Uma técnica que pode ser realizada com água do mar, o sal ajuda a conservar.

20/05/2021 | 10h30-13h / 14h-18h30

Reunião com a orientadora Susana Anágua e com o Mário Rainha Campos - falar dos objetivos específicos do meu estágio. A reunião teve várias abordagens sobre o processo do meu estágio.

Continuar o processo de new cyanotypia. Preparação de tecidos para próximos testes.

21/05/2021 | 10h-13 / 14h-18h

Reunião com a equipa da Casa da Cerca sobre a festa que se irá concretizar no dia 19 de junho.

Preparação das mesas forradas em cartão para as próximas oficinas - Folhas em Harmónio de Cores com escolas.

24/05/2021 | 10h-13h / 14h-17h30



Atualização dos sumários e elementos fotográficos.

Teste da atividade da Sílvia Moreira para a festa. Uma oficina de arte participativa, ao longo do dia, os desejos de todos os convidados para este lugar. Será escrito com letra cuidada com aparo e tinta de noz sobre pano cru, e o pano será entendido ao vento na latada d'O Chão das Artes – Jardim Botânico.



25/05/2021 | 10-13h / 14h-17h30

Acabar caracterização da Casa da Cerca e enviar ao Mário Rainha Campos. Acabar o saco e a t-shirt emulsionada e utilizar a técnica cyanotypia.

Conversa com o Mário sobre a atividade gostava de realizar na Casa da Cerca.

Momento de troca de ideias e bibliografia para o meu estudo.

26/05/2021 | 10h – 13h / 14h – 18h

Uma manhã de ajuda à Sílvia Moreira para testar uma a atividade que irá acontecer no dia da festa. (montagem do estendal na latada).

ÚLTIMA OFICINA DE MAIO – Tinturaria 2

Visualizar os resultados da oficina anterior

Etapas:

- 1- vai ao lume com a matéria orgânica durante 1 H
- 2 - retira-se no dia seguinte a matéria orgânica para receber as fibras
- 3 - colocar as fibras

Notas:

+ tempo em lume brando

Muita matéria orgânica ao lume – 1H

Nunca ferver

Os tecidos têm que estar mordidos em Alumen.

Existe também a opção de morder os tecidos em alúmen e cremor tartaro, qualquer um deles ajuda a preparar as fibras para receber a cor.

1 colher de sopa de sal – quando colocar as fibras

O vinagre utiliza-se + em bagas para não apodrecer

Na Curcuma aconselha-se a colocar uma meia de vidro com a especiaria, para o pó não agarrar as fibras.

Materiais de teste:

- tecido de bolso
- pano cru
- algodão grosso
- lã
- fio de algodão

Matéria orgânica:

- Curcuma
- Camomila (flor)
- Alecrim
- Funcho
- Aipo (folhas sem caule)
- Hera (folhas sem caule)
- Feto
- Sabugueira (leca um pouco de sulfato de cobre)
- Folhas de eucalipto secas (apanhadas do chão)
- Erva cavalinha
- Abacate (casca)
- Nogueira – brava
- Carvalho – bugalhos
- Hisbisco (chá)
- Ruiva dos Tintureiros (um processo muito difícil, faz-se através da raiz)

Ver os tecidos que ficaram de molho da última semana para esta:





27/05/2021 | 10h-13h30 / 14h30-18h00

Atividade: Tingir à martelada

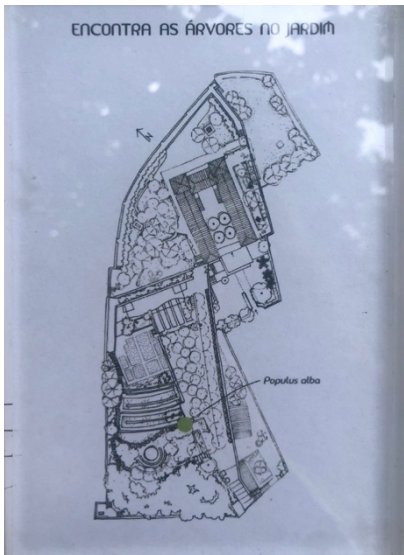
Escola do 3 ano – cataventos da paz

23 alunos

Técnica – **TATAKIZOME**

Atividade orientada por Mário Rainha Campos

Equipa com Mariana Pereira e Anabela Almeida

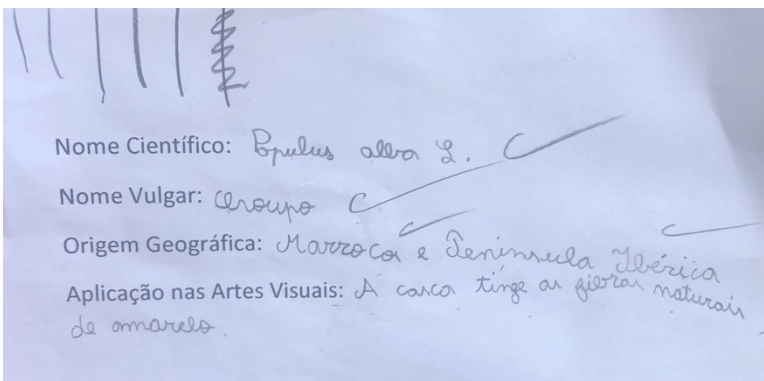


1º Apresentar a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea | Casa do desenho no jardim junto à receção e explicar atividade

2º Os professores formam equipas de 2. Eu fiz equipa com um menino.

3ª Cada equipa recebeu acrílicos com mapas, cada mapa revelava uma espécie de árvore presente no jardim. O grupo tinha que encontrar essa árvore, conhecer um pouco sobre a espécie e recolher folhas dessa árvore.

Exemplo:



4º A sessão no jardim encerra com a procura e exploração da folha de canforeira, esta folha será o passaporte para a entrada na próxima sessão.

5º As crianças entram na próxima sessão junto ao atelier do serviço educativo, antes da atividade existe uma explicação do que irá acontecer no próximo exercício e de como se utiliza o material, neste caso o martelo.



6º Cada grupo de 2 recebe um martelo, um retângulo de pano cru e levam juntamente com o material as folhas que apanharam no jardim.

7º Cada par senta-se junto a um tronco que está espalhado no espaço da relva.

Em cima do tronco colocam o pano e fazem uma composição com as folhas que apanharam, dobram o pano ao meio e vão martelar de forma cuidada e sistemática até atingir o resultado de tingimento, como podemos visualizar nas próximas imagens.

8º A atividade consiste em trabalhar o uso do martelo, conhecer a técnica e trabalhar em equipa.

9º A atividade é encerrada com todas as crianças sentadas na relva, dizendo o que é que gostaram mais e o que aprenderam nesta experiência.





28/05/2021 | 10h-13h30 / 14h00-17h30

Atividade: Folhas em Harmónio de Cores

Escola Cataventos da paz

Idades: 4-5anos

22 crianças

Atividade orientada por Mário Rainha Campos

Equipa com Mariana Pereira e Anabela Almeida

1º Apresentar a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea | Casa do desenho no jardim junto à receção;

2º Os professores formam equipas para existir equipas mistas e com idades diferentes;

3ª As equipas formadas dividem-se entre os adultos (estão presentes 5 adultos, incluindo as educadoras) o passo seguinte será conhecer o jardim, como está organizado e recolher elementos vegetais para a atividade que se segue;

4º Ao recolher os elementos vegetais cada equipa tem uma enciclopédia para ir guardando as folhas, as folhas ficam guardadas de forma direita e entre as páginas da enciclopédia;

5º A sessão do jardim encerra com a procura e exploração da folha de canforeira, esta folha será o passaporte para a entrada na próxima sessão;

6º As crianças entram na próxima sessão junto ao atelier do serviço educativo, antes da atividade existe uma explicação do uso do material para as crianças e para os adultos que os irão acompanhar. Nesta experiência todos são convocados para a aventura que irá acontecer no jardim do serviço educativo.

7º As mesmas equipas ficam numa ilha feita com 1 cavalete, 1 tampo e uma toalha constituída por 8 cartolinas de cartão duplex.

8º A atividade consiste em trabalhar o contraste, texturas, silhuetas e cores, cobrindo as toalhas cheias de cor.

9º Todas estas toalhas irão ser dobradas de forma em harmónio que no fim será apresentado em livro “Folhas em harmónio de cores”. (uma tarefa realizada por mim pós atividade).

10º A atividade é encerrada com todas as crianças sentadas na relva, dizendo o que é que gostaram mais e o que aprenderam nesta experiência.

“aprendi que este sitio é muito divertido” | “aprendi a mexer nas esponjas” | “aprendi a gravar folhas” | “aprendi a pintar devagarinho” | “aprendi a sujar as mão”

11º A sessão encerra com estas bonitas frases, saímos da zona do atelier do serviço educativo, vamos até receção encaminhar os meninos para irem buscar as mochilas, de seguida a turma faz um piquenique no Jardim da Casa da Cerca com os educadores.

Objetivo: O fazer junto. Todas as pessoas presentes desde o orientador da atividade até à professora participam. Todos os adultos são convocados, será um trabalho feito com as crianças.

MÊS DE JUNHO

01/05/2021 | 10h-13h30 / 14h00-17h00

Dia da Criança

Oficina com escola – Folhas em Harmónio de Cores

Escola Voz do Operário

23 crianças

4-5 anos

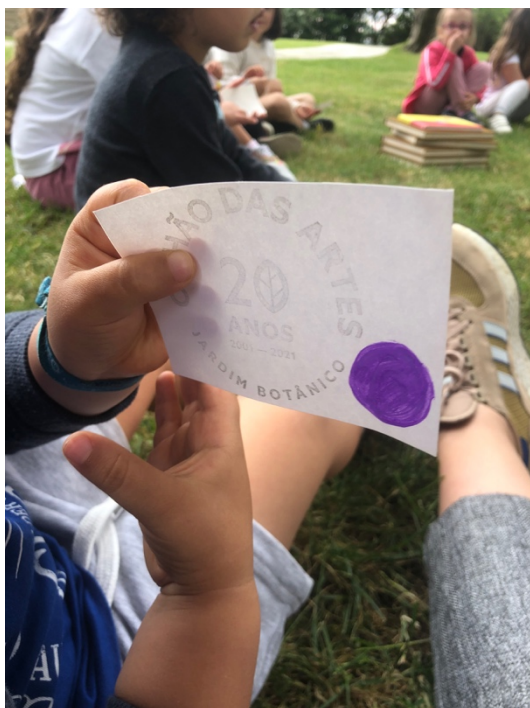
Orientada por Sílvia Moreira com equipa de Mariana Pereira e Anabela Almeida

1º Receção das crianças.

2º As crianças e os adultos sentam-se em círculo e a Sílvia Moreira faz uma pequena apresentação da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea | Casa do desenho no jardim junto à receção.

3º As equipas formam-se em forma de jogo, cada enciclopédia tem uma cor e é distribuído a todos autocolantes com cores. A cor que calhar a cada pessoa fica com a cor que corresponde a cada jardim e a cada enciclopédia. O Jardim está dividido em 5 zonas: jardim dos óleos, jardim das fibras, jardim dos pigmentos, jardim das gomas e mata.

4º Depois deste pequeno jogo e das equipas já estarem formadas, todos se levantam do círculo e vão em fila até à frente rio ver a paisagem e visualizarem onde fica a escola deles na outra margem do rio. As crianças são encaminhadas até à entrada d'O Chão das



Artes e deparam-se com um mapa, a Sílvia Moreira explica-o e informa como está dividido o jardim e coordena cada professor a cada espaço para recolherem os elementos vegetais.

5º A sessão do jardim encerra com a procura e exploração da folha de canforeira, esta folha será o passaporte para a entrada na próxima sessão;

6º As crianças entram na próxima sessão junto ao atelier do serviço educativo, antes da atividade existe uma explicação do uso do material para as crianças e para os adultos que os irão acompanhar. Esta explicação foi dada por mim onde

demonstrei que seria uma experiência para todos.

7º As mesmas equipas ficam numa ilha, feita com 1 cavalete, 1 tampo e uma toalha constituída por 8 cartolinas de cartão duplex, dentro do atelier do Serviço educativo, as mesas estavam em linha. Notei que nesta composição de mesas a atividade foi diferente, pois senti que faltava espaço para poder ir às outras mesas ajudar livremente.

8º A atividade consiste em trabalhar o contraste, texturas, silhuetas e cores, cobrindo as toalhas cheias de cor.

9º Todas estas toalhas irão ser dobradas de forma em harmónio que no fim será apresentado em livro “Folhas em harmónio de cores” (uma tarefa realizada por mim pós atividade).

10º A atividade foi encerrada com todas as crianças sentadas na relva e a Sílvia Moreira aproveitou o momento para encerrar com a história “Rainha das cores”.



11º A sessão encerra com esta bonita história, saímos da zona do atelier do serviço educativo, vamos até à receção encaminhar os meninos para irem buscar as mochilas, de seguida a turma faz um piquenique no Jardim da Casa da Cerca com os educadores.

Objetivo: O fazer junto. Todas as pessoas presentes desde o orientador da atividade até à professora participam. Todos os adultos são convocados, será um trabalho feito com as crianças.

02/05/2021 | 10h-13h / 14h-17h

Fazer livros que estavam em falta e assistir à visita guiada com uma turma do décimo ano às exposições. Orientada por Sílvia Moreira.

04/05/2021 | 10h-13h

Recolha de gráficos de entradas 2019, 2020 e 2021

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (Ano 2020)	
Homens	10112
Mulheres	12156
Jovens	7760
Crianças	3387
Grupos (Escolas, Associações, etc)	472
TOTAL	33587

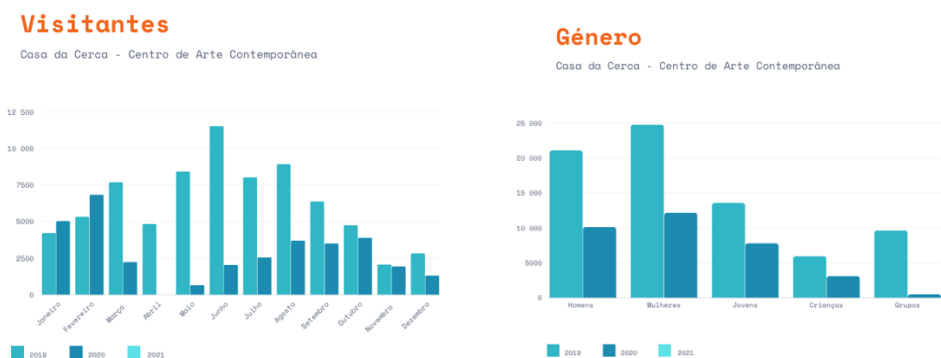


Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (Ano 2020)	
Atividades e Visitas ao fim de semana	
Oficina 3º Sábado	52
Apresentação Livro de artista "Big Bang Boom"	100
Desenho Livre no Jardim	148
Desenho na Exposição	76
Visita Casa com Jardim	39
Visita ao Jardim Botânico	41

Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (Ano 2020)	
Escolas e Grupos Organizados	
Visitas-Jogo à Exposição	39
Visitas-Jogo "Visita Desenhada"	166
Visitas-Jogo "O que é que te inspira?"	27
Visita orientada "Casa com Jardim"	51
Visita Global (Casa+Jardim+Exposições)	9
Anúncios a Divulgar Contínuos	144

07/05/2021 |10h-13h

Análise dos gráficos e elaboração de gráficos novos



08/05/2021 |10h-13h

Elaboração de relatório com base nos dados

09/05/2021 |10h-13h

Recolha e análise de espécies de árvores na Casa da Cerca, para a atividade proposta.

11/05/2021 |10h-13h

Elaboração de uma tabela com as espécies.

14/05/2021 | 10h-13h / 14h-16h

Conclusão dos Livros Folhas em Harmónio de Cores.

Equipa com os 3 estagiários para recolha de elementos vegetais para as oficinas que vão decorrer no dia 19/06 na Casa da cerca (festa no jardim).



15/05/2021 | 10h-13h / 14h-16h

Preparação de material para as atividades a realizar dia 19. (Dia da Festa)



16/05/2021 | 10h-13h / 14h00-18h00

Atualização dos sumários.

Continuação do trabalho com análise de gráficos de público.

Continuação do trabalho das árvores. Estrutura: folha, ramo, tronco e forma.

Preparação de material para a atividade do dia seguinte com um grupo de mobilidade Erasmus +.

17/06/2021 | 10h-13h30 /14h30-21h00

Escola profissional Piaget

Turismo

14-15 anos

12 alunos

Orientada pelo Mário Rainha Campos

Reunir o grupo e saber os nomes de cada um.

Existe um jogo de observação do mapa, o Mário vai dinamizando este jogo perguntando onde fica cada parte do jardim e pedindo referencias dos pontos cardeais, cada pessoa que acertar leva 20 pontos que terá que guardar na memória.

Exemplo: o primeiro a dizer o nome deste local (aponta para o sitio) será o primeiro a tocar com a mão no cimo da cabeça.

A partir do momento que este pequeno jogo termina, todas as palavras que o Mário diz são importantes e avisa que não volta a repetir.

Cada grupo de 2 elementos recebe uma folha, com as seguintes informações: nome científico, nome vulgar e aplicação nas artes visuais. Com base na carta de jogo que será entregue, eles conseguem ter uma aproximação da localização onde podem encontrar a placa com as informações já referidas. (as placas estão junto à placa)

Na carta de jogo estão duas palavras escritas, é o nome científico da planta que está escrito em latim. As duas palavras significam o género e a espécie. O género começa com letra maiúscula e o resto fica tudo em minúsculo. Com base nisso vamos à procura do nome científico, assim que encontrarem só têm que copiar nos itens corretos.

As folhas têm que estar escritas com letra bonita.

Depois de escreverem a informação que encontraram nas folhas, retiram elementos



vegetais dessa mesma planta, desse aos grupos que sejam conscientes no momento da recolha, pois as folhas não se puxam, no caso de uma árvore a pessoa vai ao ramo principal, vão ao caule junto ao ramo e dobram fazendo um simples clique. Retirar apenas o essencial para o próximo exercício, será necessário compor apenas num A5, por isso a quantidade será pequena.

A sessão do jardim termina na árvore canforeira com a recolha de uma folha vermelha, ... será o passaporte para entrar na próxima atividade.

A sessão no atelier do serviço educativo inicia com a explicação da técnica tatakizome. Cada grupo junta-se ao tronco e leva consigo um pano cru e um martelo, a atividade inicia ao som da música. E têm que martelar ao som da música.

A atividade termina com a introdução da escrita cuidada no pano cru, treinando a caligrafia.

A sessão encerra com uma conversa, do que gostaram mais e se tinham ficado com vontade de voltar à Casa da Cerca.

O Mário recebeu a Associação Tira-Olhos e encaminhou-os junto ao atelier do serviço educativo. A Associação foi desafiada a fazer um luminograma que ultrapassou as dimensões que estavam habituados. Estará em exposição até ao dia da festa e revelado com o encerrar da festa.

À tarde o Mário recebeu um grupo mobilidade Erasmus +. Um grupo francês com 13 elementos e com idades compreendidas entre os 20- 30 anos. A sessão desenvolveu-se no atelier no serviço educativo com as câmaras de desenhar, no qual eu também participei e me preparei para a oficina que eu iria orientar para a festa de Sábado. O Mário recebeu o grupo na frente rio, onde se apresenta e conta um da história da Casa da Cerca. De seguida, o Mário encaminha o grupo para dar a conhecer o jardim, segue o caminho mais longe para terem oportunidade de passarem por todo o Jardim, até ao serviço educativo.

18/06/2021 | 10h-13h00 /14h00-19h00

Escola profissional Piaget - com o intuito de perceberem as atividades

Turismo

16-19 anos

7 alunas

Recebi o grupo, o Mário estava um pouco atrasado unir o grupo

Existe um jogo de observação do mapa, o Mário vai dinamizando este jogo perguntando onde fica cada parte do jardim e pedindo referencias dos pontos cardeais, casa pessoa que acertar leva 20 pontos que terá que guardar na memória.

Exemplo: o primeiro a dizer o nome deste local (aponta para o sítio) será o primeiro a tocar com a mão no cimo da cabeça.

A partir do momento que este pequeno jogo termina, todas as palavras que o Mário diz são importantes e avisa que não volta a repetir.



Cada grupo de 2 recebe uma folha, com as seguintes informações: nome científico, nome vulgar e aplicação nas artes visuais. Com base na carta de jogo que será

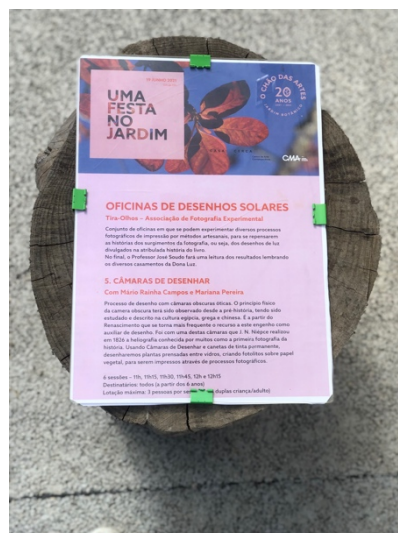
entregue, eles conseguem ter uma aproximação da localização onde podem encontrar a placa com as informações já referidas (as placas junto às árvores).

Na carta de jogo estão duas palavras escritas, é o nome científico da planta que está escrito em latim. As duas palavras significam o género e a espécie. O género começa com letra maiúscula e o resto fica tudo em minúsculo. Com base nisso vamos à procura do nome científico, assim que encontrarem só têm que copiar nos itens corretos.

As folhas têm que estar escritas com letra bonita.

Depois de escreverem a informação que encontraram nas folhas, retiram elementos vegetais dessa mesma planta, desse aos grupos que sejam conscientes no momento da recolha, pois as folhas não se puxam, no caso de uma árvore a pessoa vai ao ramo principal, vão ao caule junto ao ramo e dobram fazendo um simples clique. Retirar apenas o essencial para o próximo exercício, será necessário compor apenas num A5, por isso a quantidade será pequena.

A sessão do jardim termina na árvore canforeira com a recolha de uma folha vermelha, ... será o passaporte para entrar na próxima atividade.



A sessão no atelier do serviço educativo inicia com a explicação da técnica **tatakizome**.

Cada grupo junta-se ao tronco e leva consigo um pano cru e um martelo, a atividade inicia ao som da música e em simultâneo todos têm que martelar ao som da música.

A atividade termina com a introdução da escrita cuidada no pano cru, treinando a caligrafia.

A sessão encerra com uma conversa, do que gostaram mais e se tinham ficado com vontade de voltar à Casa da Cerca.

Ainda passaram pelas duas exposições sobre ilustração...



19/06/2021 | 8h-14h00 /14h30-20h30

Dia da festa da Casa da Cerca – Uma festa no jardim das 10h às 19h

Esta festa assinala o aniversário d'O Chão das Artes que este ano comemora 20 anos!

Ao longo de 20 anos desenvolveu projetos que explora a ligação entre a arte e a ciência através de uma vasta coleção de plantas presentes no jardim.

Através destas plantas conseguimos extrair matéria-prima para o fabrico de materiais utilizados nas Artes Plásticas.

A programação é muito ampla e tem um conjunto de atividades que relacionam processos fotográficos com desenho.

Houveram 3 atividades onde estive presente:

- 1 - Oficinas de desenhos solares;
- 2 - Antotipias – desenhar com sol e plantas;
- 3 - Finalizar o luminograma com um ato performativo que esta instalada desde o dia 17/06/2021.

1 – OFICINAS DE DESENHOS SOLARES

Orientei uma atividade nas oficinas de desenhos solares, esta atividade foi concebida pelo Mário Rainha Campos, onde me deu a oportunidade de a orientar.

A atividade consistia no processo de desenho sobre imagem luz recorrendo a câmaras obscuras óticas.



Nesta oficina desenhámos plantas prensadas entre acrílicos, preparados por mim anteriormente, e usando as câmaras obscuras e canetas de tinta permanente, foram criados fotolitos sobre papel vegetal para imprimir em processos fotográficos que estavam presentes nas outras oficinas a decorrer em simultâneo, no jardim junto à estátua neptuno.

Uma atividade que começou as 11h e terminou as 13h. contou com 18 participantes de

variadas idades.





2 – ANTOTIPIAS – DESENHAR COM SOL E PLANTAS

Uma atividade orientada por Mário Rainha Campos e apoio de Mariana Pereira.

15h-18h

Uma atividade destinada para famílias com crianças a partir dos 6 anos. Lotação máxima de 10 pessoas.

As antotípias fazem-se através de uma técnica de impressão ecológica que utiliza corantes orgânicos de origem vegetal como matéria fofossensível.

Utilizou-se corantes de beterraba, curcuma e colorella.

Cada família teve a oportunidade de ver o processo, utilizar cada corante e fazer as suas próprias composições para ficarem ao sol. As antotípias realizadas serão entregues mais tarde.



3 – FINALIZAR O LUMINOGRAMA COM UM ATO PERFORMATIVO, UMA INSTALAÇÃO REALIZADA DESDE O DIA 17/06/2021.

Depois desta atividade tive presente na reunião com Associação Tira-Olhos e com o Mário Rainha Campos, onde organizamos e debatemos ideias para ser realizado o ato

performativo, no estacionamento da Casa da Cerca. Durante esta conversa contribui com algumas ideias, foram todas bem aceites e executadas.

O ato performativo residiu junto à saída da Casa da Cerca depois do concerto que aconteceu no anfiteatro n' *O Chão das Artes*. Assim que as pessoas se aproximavam da saída, revelou-se a imagem final resultante dos elementos vegetais.

21/06/2021 | 10h-13h / 14h-17h

Atualização de sumários e preparação de material para as próximas atividades no atelier do serviço educativo.

Conversa e avaliação sobre os pontos altos e baixos das atividades no qual participei durante a festa.

Através do meu olhar atento, analisei as duas oficinas no qual intervi, a oficina de câmaras de desenhar no geral correu tudo bem. Relativamente à dinâmica de espaço tornava-se difícil estar presente na terceira câmara, pois esta estava mais afastada das outras duas devido às restrições de distanciamento. Tirando isso, foi uma oficina que fluiu sempre bem e sem grandes constrangimentos ou aglomerações. Uma oficina que cria curiosidade e ao mesmo tempo suspense. Os aliados perfeitos para conseguir públicos de diversas idades.



Na oficina da tarde, na minha opinião, as coisas poderiam ter sido mais organizadas, mas a falta de tempo também não o permitiu. Era necessário utilizar algum do material utilizado nas oficinas da amanhã. O Mário encaminhou a oficina de maneira diferente do que tinha planeado e tudo acabou por correr bem e tomar o rumo certo. As pessoas saíram bastante satisfeitas e realizadas no fundo era o objetivo do Mário.

22/06/2021 | 10h-13h / 14h-17h

Continuação da análise dos gráficos das redes sociais – *facebook* e *instagram*.

Da parte da tarde, preparação do material realizado no dia 19\06 que decorreu no dia da festa na oficina da tarde.

Retirei os elementos do sol e agrupei para os colocar num envelope para que as pessoas durante a semana o possam recolher junto da receção da Casa da Cerca.

29/06/2021 | 10h-13h

Conclusão da análise dos gráficos sobre os visitantes, o género, o serviço educativo e as redes sociais.

02/06/2021 | 16h-17h

Primeira reunião para decidirmos o mote em que as crianças iriam trabalhar.

Cor, luz e sombra. Mote encontrado nos trabalhos presentes de Johannes Itten e Lourdes Castro.

Os 7 contrastes, segundo Johannes Itten

1. Cores puras: O contraste mais simples de todos.

Contraste de matizes puras na sua intensidade mais luminosa. A expressão mais forte desse contraste são as cores primárias: amarelo, vermelho e azul.

2. Claro-escuro: A expressão mais forte desse contraste é o preto e branco. A escala entre esses dois polos pode ser aplicada a qualquer matiz.

3. Frio-quente: a expressão mais forte desse contraste é o vermelho e azul. Perceção subjetiva da temperatura pela cor.

4. Complementar: Quando a mistura dos dois, matizes que tendem a neutralizar-se. São opostos no círculo cromático.

5. Simultâneo: Produzido pela influência que cada tom exerce reciprocamente em outros quando se sobrepõem. Para cada cor, o olho gera espontaneamente a sua cor complementar.

SEMANA ARTÍSTICA

12/06 – 16/06

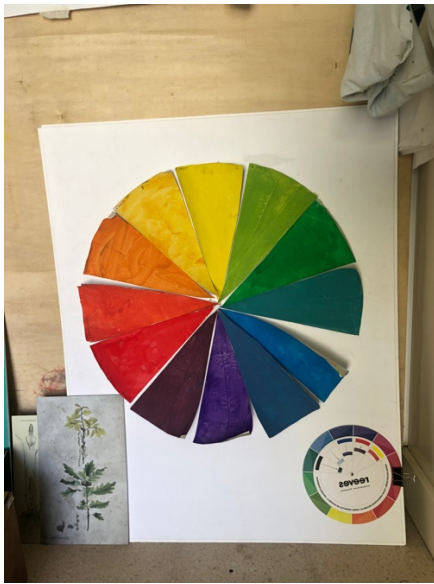
12/06/2020 – 9h – 19h

13/06/2020 – 9h – 18h

Fotografias da semana:







MEMORANDO 13/06/2021

- INTRODUÇÃO AO HERBÁRIO CRIATIVO
- CACA AO TESOURO AS PLANTAS DO CHÃO DAS ARTES
- DESENHAMOS AS NOSSAS PLANTAS E PINTAMOS COM LÁPIS DE COR
- CONHECEMOS O JARDIM
- ALMOÇO E HORA DA LIBERDADE
- NO JARDIM DOS LEITORES OUVIMOS AS HISTÓRIAS DA LOURDES DE CASTRO E VIMOS O MURAL DELA.
- FOMOS AO CHÃO DAS ARTES COLHER AS NOSSAS AMIGAS PLANTAS.
- PROJETAMOS AS SOMBRAS DAS CORPOS CBS NOSSOS AMIGOS E DEPOIS DAS NOSSAS PLANTAS. ATÉNAS DAS SOMBRAS DESENHAMOS O CONTEÚDO DAS MESMAS.
- FOMOS À VARANDA DO SALÃO SOBRE A BARRAGEM E TIRAR UMA FOTOGRAFIA
- OUVIMOS O MITO DE DEBOUTADES - A HISTÓRIA DO DESENHO

MEMORANDO 14/07/2021

- MEMORANDO DO DIA ANTERIOR
- FIZEMOS DESENHOS COM EMULSAO DE BETERRABA COM AS NOSSAS PLANTAS "MÉTODOS SOLAR"
- PUSEMOS OS DESENHOS SOLARES AO SOL ENQUANTO FAZIA UM DISCURSO
- ESTAGAMOS PLANTAS COM AREIA E UM ALMOÇAMOS
- HORA DA LIBERDADE E REUNIÃO
- VIMOS OS RESULTADOS DOS DESENHOS SOLARES
- FIZEMOS A CONVERSAR E A VER IMAGENS SOBRE SISTEMAS DE COR, SOBRE O NENTON E SOBRE O JOHANNES ITTEN E SOBRE A BROTANUS. VIMOS "UM SOL DE CORES"
- MONTAMOS AS TOALHAS PARA PINTAR
- MONTAMOS UM PUZZLE DE ARCO-ÍRIS
- LANÇAMOS E JOGAMOS AO TELEFONE ESTRACADO

MEMORANDO 15/07/2021

- MEMORANDO DO DIA ANTERIOR
- DESENHAMOS VIMOS COMO SE FAZEM OS LÁPIS DE GRAFITE E VIMOS A DIFERENÇA GRAFITE E O CARVÃO
- FOMOS PARA O ATELIER EM CÂMARA LENTA E EM SILÊNCIO PARA CHAMAR A CONCENTRAÇÃO E FAZER UM DESENHO DA NOSSA PLANTA
- NINGUÉM DEIXOU CAIR LÁPIS NO CHÃO!
- ALMOÇAMOS E FIZEMOS A NOSSA HORA DA LIBERDADE A PARADE!!! (COM CASA AO TESOURO)
- PUSEMOS AS MESSAS C/ FORA, ESTENDEMOUS NOSSAS TOALHAS DE PAPEL E FIZEMOS MONOTIPIAS COM CORES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS
- PINTAMOS TRIÂNGULOS DE C/ PARA COM TIRAR UMA PIZZA/ROLO DE C/

MEMORANDO 16/07

- MEMORANDO DO DIA ANTERIOR
- COLHEITA CONSUENTE DAS PLANTAS PARA FAZERMOS CIANOTIPIAS
- MONTAMOS A PIZZA DAS CORES
- COMPOSIÇÃO DAS PLANTAS PARA AS CIANOTIPIAS E COLOCAMOS AO SOL
- EMBRULHAMOS OS DESENHOS DAS SOMBRAS DAS CORPOS E DAS PLANTAS EM TAMPAS, FAZENDO COMPOSIÇÕES
- ALMOÇAMOS E HORA DA LIBERDADE
- DE TRANSFERIR OS DESENHOS EM PAPEL PARA UM PAPEL COM GRAMA-GEM GROSSA PARA FAZER AGUARELA
- CONSTRUÍMOS UMA CASA DE LESMAS





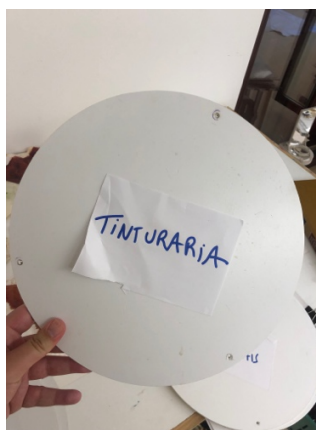
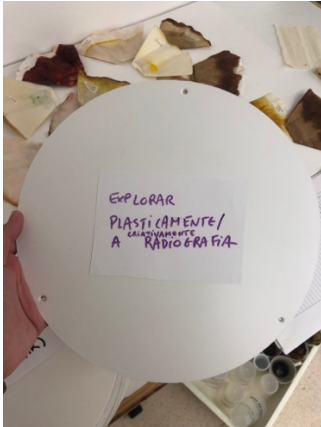
Semana artística para jovens (15 aos 18 anos)

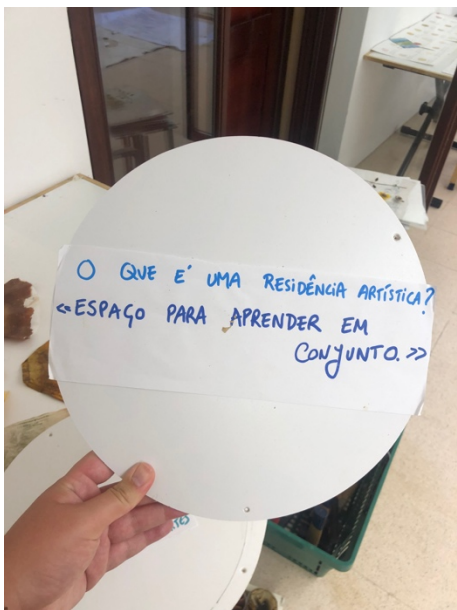
A semana destes 10 jovens começou uma semana antes, com duas reuniões para se debater diversas ideias de atividades.

Os jovens selecionaram variados temas dos quais gostavam de trabalhar na semana seguinte de herbário criativo.

Alguns dos jovens já tinham participado noutras edições, mas havia muitos jovens que entravam neste novo território pela primeira vez.

Na semana das reuniões todos escreveram o que gostariam de fazer e depois englobaram-se em temas para preencherem a semana seguinte com várias sessões.





A décima primeira edição de Herbário Criativo inicia a 26 de junho e decorre até dia 30 de julho, marcada pela presença de jovens entre os 15 e os 19 anos.

Uma residência artística que tive o privilégio de acompanhar durante três dias (28,29 e 30 de julho) e dar o apoio necessário.

Cada jovem tinha o seu próprio projeto, ao longo da semana havia sempre sessões de partilha, em que o objetivo seria juntar o grupo para que não ficasse demasiado disperso.

O grupo era bastante eclético e isso também se revelou na apresentação de trabalhos realizados no último dia de Herbário Criativo. Havia muito desenho, mas também muita tinturaria, dança e música.

Alguns dos jovens sentiram necessidade de partilhar a sua experiência com o grupo e houve uma sessão de encaustica, realizada por um jovem. Foi uma dinâmica bastante interessante para juntar o grupo.

A semana foi muito acentuada no trabalho pessoal de cada um e algumas reuniões e reflexões em grupo. As sessões de grupo foram ótimas para cada um perceber o trabalho do grupo. Observei que o grupo era ótimo, bastante criativo mas talvez um pouco tímido, gostavam muito de fazer apenas o seu trabalho e não falar sobre o mesmo.

Ao longo dos dias, isso foi deixando de acontecer, penso que as sessões de grupo ajudaram a que cada um tivesse mais atenção e mais interesse pelo trabalho dos outros colegas. No último dia fez-se um atelier aberto onde foram convidados as famílias e amigos. Todos tiveram oportunidade de mostrar e falar sobre o seu trabalho.





APÊNDICE C – Avaliação do estudante



ESTÁGIOS CURRICULARES E EXTRACURRICULARES

Avaliação do Estudante atribuída pelo Orientador de estágio da entidade de acolhimento

Nome do estudante: Mariona Vieira Sebastião Pereira
 Nº estudante: 3190235 Curso: Mestrado em Gestão Cultural
 Supervisor da Escola: Ana João Romana e Susana Anáguas
 Entidade de Estágio: Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea (CAA)
 Orientador da Entidade de acolhimento: Mário Rainha Campos

(Classifique cada um dos parâmetros com X)

Parâmetros de Avaliação	Insuficiente <10	Suficiente 10 a 13	Bom 14 a 15	Muito Bom 16 a 17
Assiduidade				X
Pontualidade				X
Sentido de responsabilidade				X
Integração e relacionamento humano				X
Motivação				X
Criatividade / Iniciativa				X
Disponibilidade e desempenho				X
Recetividade às orientações e críticas				X
Capacidade de análise				X
Sentido profissional				X
<u>Constância</u>				X

Classificação final do estágio: vinte (20) valores

Outros comentários

Desde o início do estágio que a Mariona foi superando e cumprindo com excelência todos os desafios que foram definidos no plano de estágio. Ao longo das sucessivas avaliações intermédias foi sempre revelando um desempenho merecedor da 20 valores.

Almada, 6 de Agosto de 2021

Mário Rainha Campos

(Assinatura do Orientador de estágio da entidade de acolhimento)

APÊNDICE D – Gráficos

GRÁFICOS RETIRADOS DA PÁGINA DO FACEBOOK

Seguidores | 2019



Seguidores | 2020



Seguidores | 2021



Gostos | 2019

Total de gostos da Página: 6088



Gostos | 2020

Total de gostos da Página: 8790



Gostos | 2021

Total de gostos da Página: 8790

